

REVISTA

EDIÇÃO Nº 119 | MAIO DE 2025

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS L

ISSN 2448-1068



WILLIAM SHAKESPEARE

E MAIS: CONTOS, CRÔNICAS, POEMAS
ENTREVISTAS E DICAS PARA LEITURA

Distribuição Gratuita

SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

William Shakespeare - Ilustração



6

WILLIAM SHAKESPEARE

Neste mês de maio, celebramos o legado atemporal de William Shakespeare, o mestre da palavra e da alma humana. [...]

Confira + na **pág. 06**

SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX
PE
DI
EN
TE

Ademir Pascale
Editor-Chefe
ademir@divulgalivros.org

Elenir Alves
Assessora de Imprensa
elenir@cranik.com

ISSN: 2448-1068

CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook 1: [@conexaoliteratura](#)
Facebook 2: [@conexaogramatica](#)
Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)
Youtube: [@conexaonerd](#)



E-mail: ademir@divulgalivros.org
Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



Índice

Expediente, pág. 02

Editorial, pág. 04

Patrocinadores da Revista Conexão Literatura, pág. 05

Especial: William Shakespeare, pág. 06

Cordel: Padre Spadoni e o Bicho Chifrudo, por Ademir Pascale, pág. 10

Shakespeare, felicidade e países nórdicos, por Clarissa Xavier Machado, pág. 12

Poema: Antídotos, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 19

O dilema da literatura cinematográfica, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 20

Poema: A lembrar-me de ti, mãe!, por Sellma Luanny, pág. 25

Síndrome de Caramuru, por Rob Alme, pág. 27

Dicas para leitura, pág. 33

Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 34

Poema: Viva o instante como se fosse o último, por A. B. Castro, pág. 40

Brasões Heráldicos, por Flávio Joppert, pág. 41

Um singelo tributo a Carl Sagan, pág. 48

Entrevista com Daniela Vieira Prenzeler, pág. 57

Entrevista com Luce Pavanello, pág. 62

Entrevista com Maria Tereza Alvim, pág. 66

Entrevista com Merton Somerset, pág. 70

Entrevista com Patrícia Ribeiro Rafael, pág. 77

Entrevista com Sidney B. Silva, pág. 82

Citações de grandes autores, pág. 86

Conto: Aventuras de um romancista, por Roberto Mollero Tomé, pág. 90

Conto: A vitória, por Idicampos, pág. 96

Conto: Na mina, por Iraci J. Marin, pág. 101

Conto: Hoje e sempre, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 105

Conto: Janela do mundo, por Mí Santiago, pág. 110

Conto: Odium theologicum, por Ney Alencar, pág. 113

Conto: A dor, por Mónica Palacios, pág. 118

Conto: Díade, por Emerson Pagnussat, pág. 121

Conto: A história de Amina - Nona e última parte, por Sellma Luanny, pág. 130

Colecione, pág. 135

Mídia Kit, pág. 138

Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 139

EDITORIAL

Edição 119 - Maio/2025

Neste mês de maio, celebramos o legado atemporal de William Shakespeare, o mestre da palavra e da alma humana. Em meio a tragédias, comédias e sonetos, revisitamos sua genialidade que ainda ecoa séculos depois. Esta edição traz análises, curiosidades e reflexões sobre sua obra e influência na literatura mundial. Que cada página nos conecte mais ao universo shakespeariano.



Saiba mais

O leitor também poderá conferir excelentes contos e poemas, além de entrevistas com escritores, dicas para leitura e artigos para os apaixonados por livros.

Para saber como participar da nossa edição de junho/2025, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgando o seu livro ou editora: clique aqui.

Desejo uma ótima leitura!

Ademir Pascale
Editor-Chefe

E-mail: ademirpascale@gmail.com

Visite o nosso site

www.revistaconexaoliteratura.com.br

NOSSOS SINCEROS AGRADECIMENTOS AOS

PATROCINADORES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**Joaquim Cândido de
Gouvêa**

Instagram: @joaquimgouvea_



**Casa Brasileira de
Livros**

www.casabrasileiradelivros.com



Roberto Schima

Leia seus textos no site da
Revista Conexão Literatura:
<https://encurtador.com.br/ax5Gt>



**Luciana Simon de
Paula Leite**

Instagram: @lucianasimonleite



Mirian Menezes

Escritora Independente
Seus livros podem ser
adquiridos pelo link:
encurtador.com.br/igdpm



Gilmar Duarte Rocha

www.gilmarduarterocha.com.br
Instagram: @gilmarduarterocha

SABEMOS QUE A LEITURA REVELA NOVOS HORIZONTES, MAS COMO QUASE TODO PROJETO CULTURAL E LITERÁRIO, PRECISAMOS DO SEU APOIO E AGORA VOCÊ PODE FAZER PARTE DESSE TIME. SAIBA COMO:

clique aqui

William Shakespeare

REVISTA CONEXÃO LITERATURA - MAIO/2025

POR ADEMIR PASCALE

"William Shakespeare é um dos escritores mais famosos da história, mas há muitas curiosidades interessantes sobre sua vida e obra [...]"

Shakespeare criou mais de 1.700 palavras que ainda são usadas na língua inglesa

William Shakespeare (1564-1616) foi um dramaturgo, poeta e ator inglês, amplamente considerado um dos maiores escritores da literatura mundial. Nasceu em Stratford-upon-Avon, Inglaterra, e foi batizado em 26 de abril de 1564. Sua data exata de nascimento não é conhecida, mas acredita-se que tenha sido em 23 de abril.

Vida e Carreira

Shakespeare casou-se com Anne Hathaway em 1582 e teve três filhos. Em algum momento entre o final da década de 1580 e o início da de 1590, mudou-se para Londres, onde iniciou sua carreira no teatro.

Entre 1590 e 1613, escreveu pelo menos 39 peças, 154 sonetos e diversos outros poemas. Suas obras são geralmente divididas em tragédias, comédias e histórias. Ele também foi ator e coproprietário da companhia Lord Chamberlain's Men, que mais tarde se tornou os King's Men, apresentando suas peças no famoso teatro Globe.



William Shakespeare

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



William Shakespeare

Principais Obras

- **Tragédias:** Hamlet, Macbeth, Otelo, Rei Lear, Romeu e Julieta
- **Comédias:** Sonho de uma Noite de Verão, Muito Barulho por Nada, A Megera Domada, Noite de Reis
- **Histórias:** Henrique V, Ricardo III, Júlio César

Legado e Morte

Shakespeare retornou a Stratford nos últimos anos de sua vida e faleceu em 23 de abril de 1616, aos 52 anos. Sua influência é imensurável, e suas obras continuam sendo estudadas, encenadas e adaptadas em todo o mundo.

William Shakespeare é um dos escritores mais famosos da história, mas há muitas curiosidades interessantes sobre sua vida e obra. Aqui estão algumas delas:

1. Ninguém sabe exatamente quando ele nasceu – Seu batismo foi registrado em 26 de abril de 1564, então os historiadores estimam que ele tenha nascido em 23 de abril, data que também coincide com sua morte em 1616.

2. Inventou muitas palavras e expressões – Shakespeare criou mais de 1.700 palavras que ainda são usadas na língua inglesa, como bedroom (quarto), lonely (solitário) e gossip (fofoca).

3. Casou-se muito jovem – Ele tinha apenas 18 anos quando se casou com Anne Hathaway, que tinha 26 e já estava grávida de sua primeira filha.

4. Teve três filhos, mas sua linhagem desapareceu – Seus filhos foram Susanna, Hamnet e Judith. Hamnet morreu aos 11 anos e as descendências de Susanna e Judith não continuaram.

5. Era ator além de dramaturgo – Shakespeare também atuava em suas próprias peças e em outras produções teatrais de sua companhia, a "Lord Chamberlain's Men", que mais tarde se tornou "The King's Men".

6. Pode ter sido várias pessoas – Algumas teorias sugerem que Shakespeare não escreveu suas próprias obras e que o nome pode ter sido um pseudônimo para um grupo de escritores ou nobres.

7. Seus textos influenciaram a cultura moderna – Suas histórias e personagens foram adaptados inúmeras vezes para o cinema, teatro e literatura, servindo de base para filmes como O Rei Leão (inspirado em Hamlet).



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

William Shakespeare

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



8.Seu túmulo tem uma maldição – Sua lápide traz a inscrição que amaldiçoa qualquer um que mexer em seus restos mortais, o que pode ter evitado sua exumação ao longo dos séculos.

9.Escreveu durante a peste bubônica – Durante os surtos de peste negra, os teatros de Londres foram fechados, e Shakespeare usou esse tempo para escrever algumas de suas obras mais famosas, como Macbeth e Rei Lear.

10.O Primeiro Fólho salvou suas obras – Após sua morte, amigos reuniram e publicaram suas peças no First Folio (1623), garantindo que elas não fossem perdidas para a história.

“Somos feitos da mesma matéria dos sonhos.”
— A Tempestade, William Shakespeare

SOBRE ADEMIR PASCALE

Paulista, escritor e ativista cultural, casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Criador e Editor da Revista Conexão Literatura (<https://www.revistaconexaoliteratura.com.br>) e colunista da Revista Projeto AutoEstima (<http://www.revistaprojetautoestima.com.br>). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Já foi Educador Social e também trabalhou por 18 anos no setor de Inclusão Digital na Cidade de S. Paulo, numa rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em várias partes do país e do mundo, um trabalho desenvolvido para pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social. Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro “Nouvelles du Brésil” (França), com xilogravuras de José Costa Leite. Organizador do livro “Possessão Alienígena” (Editora Devir) e “Time Out – Os Viajantes do Tempo” (Editora Estronho). Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. Autor dos romances “Jornal em São Camilo da Maré” e “O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe”. Entre a organização de suas antologias, estão os títulos “O Legado de Edgar Allan Poe”, “Histórias Para Ler e Morrer de Medo”, “Contos e Poemas Assombrosos” e outras. Escreveu a introdução do livro “Bloody Mary – Lendas Inglesas” (Ed. Dark Books). Contato: ademirpascale@gmail.com



REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Vem aí... a 5ª edição do Prêmio MicroConto de Ouro



www.casabrasileiradelivros.com

CONFIRA COMO FOI NO ANO PASSADO:

**Mais de R\$
7.000 em
prêmios!**

**Publicação
de livro dos
selecionados!**

**Em breve mais
informações sobre
esta edição!**



/ Casa Brasileira de Livros



@casa.brasileira.de.livros

Padre Spadoni e o Bicho Chifrudo

Cordel de Ademir Pascale

No breu do sertão, quando a lua alumia,
Surge um padre estranho em noite sombria.
Não vem pra novena nem pra procissão,
Mas pra expulsar praga e quebrar maldição.

Seu nome é Spadoni, valente demais,
Com cruz de madeira e golpes mortais.
Na batina escura, carrega o poder,
De encarar o inferno sem se esconder.

Certa madrugada, no morro Encantado,
Disseram que havia um bicho danado.
Chifrudo, enorme, com força de boi,
Só de olhar torto, o cabra se foi!

O povo tremia, ninguém mais saía,
Mas Spadoni chegou com valentia.
Fitou o demônio com garra e oração,
E empunhou a espada com firme decisão.

A luta foi braba, o chão estremeceu,
Mas o padre era fogo, não se rendeu.
Com um golpe certeiro, de fé e bravura,
Mandou o tihoso de volta à tortura.

PADRE SPADONI É UM DOS PERSONAGENS QUE CRIEI PARA O MEU ROMANCE "CAÇADORES DE DEMÔNIOS",
SENDO QUE TAMBÉM JÁ ESCREVI ALGUNS CONTOS COM ELE.

Ademir Pascale é Paulista, escritor e ativista cultural, criador e Editor da Revista Conexão Literatura, Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Já foi Educador Social e também trabalhou por 18 anos no setor de Inclusão Digital na Cidade de S. Paulo, numa rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em várias partes do país e do mundo, um trabalho desenvolvido para pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social. Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir) e "Time Out – Os Viajantes do Tempo" (Editora Estronho). Entre a organização de suas antologias, estão os títulos "O Legado de Edgar Allan Poe", "Histórias Para Ler e Morrer de Medo" e outras.

Contato: ademirpascale@gmail.com



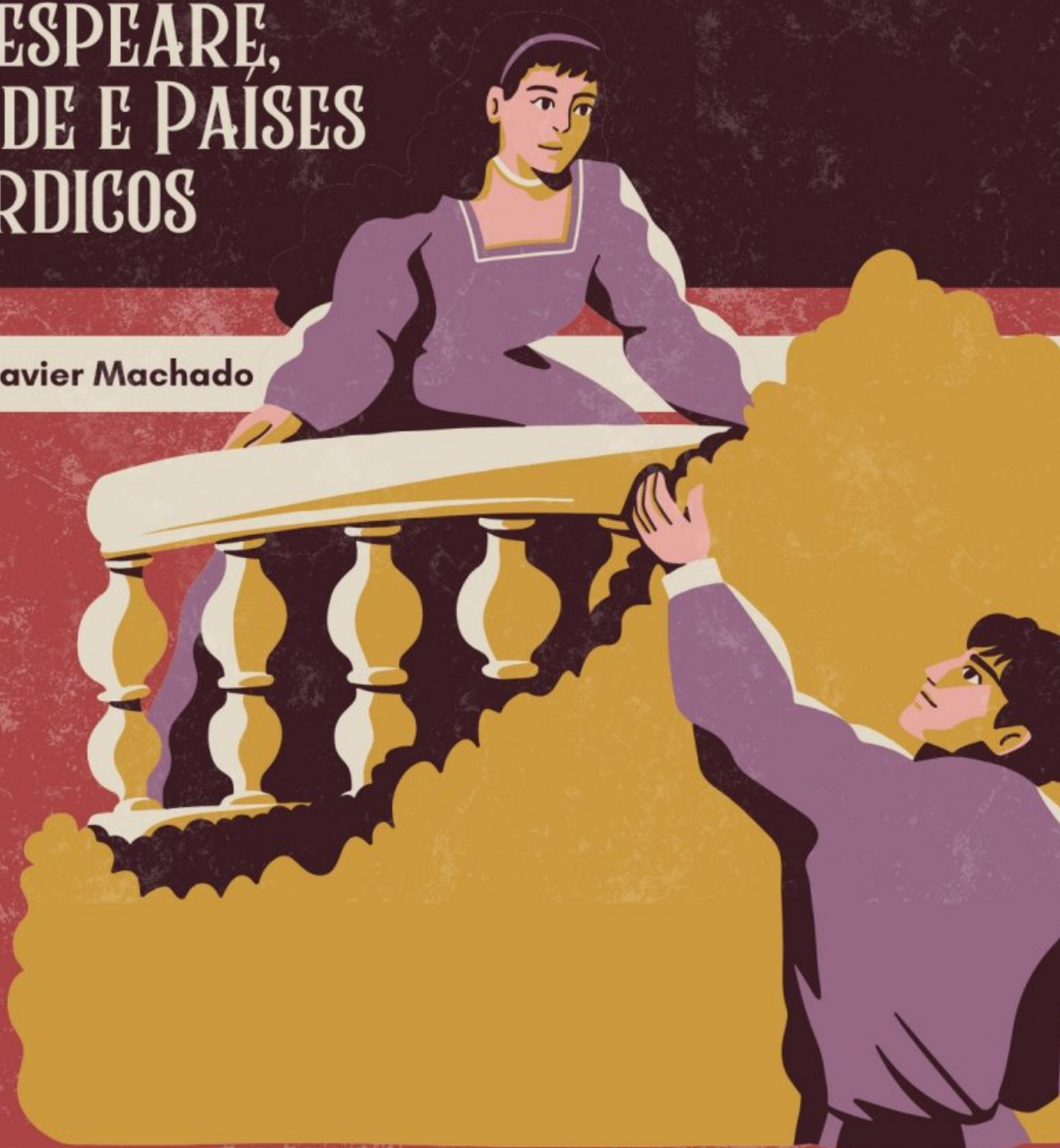
**SEU ANÚNCIO
AQUI**

*CLIQUE AQUI
E VEJA A OPÇÃO 2 E 3*



SHAKESPEARE, FELICIDADE E PAISES NORDICOS

Por Clarissa Xavier Machado



SOBRE A AUTORA: Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. Mediadora de Leitura. Acadêmica Correspondente da AFESMIL.

A felicidade evita mil males e prolonga a vida.

(William Shakespeare)

CENA. O sonho.

ATO I

Sonhos que o homem sempre sonha, em todos os lugares, em todas as épocas do ano, dormindo ou acordado

NÓS.

1

Eis um belo dia em que, sem querer, manifestamos um sonho. E visualizamos. E verbalizamos para nós mesmos o quanto o queremos. Juramos e fazemos promessas.

2

Todo dia a mesma ladainha que começa com “eu quero tanto” e termina com o tal do “eu seria tão feliz se fosse assim”.

3

A chorumela se torna um pensamento fixo. E a gente se esforça, insiste, persiste, faz de tudo - possível e impossível - a gente não descansa até conquistar.

OS SONHOS.

Sonhos afinados, bem concentrados, são planos. Planos estruturados, muito bem pensados, são estratégias. Estratégias alinhavadas, prudentemente traçadas, são metas. E metas específicas, habilmente organizadas, tornam-se realidades.

NÓS.

Nos acostumamos tanto à ideia de que o sonho, de um jeito ou de outro, se tornará real que, de um dia para o outro, não pensamos mais de forma tão obsessiva no que ardentemente desejamos.

A PESSOA MAIS FELIZ DO MUNDO.

Então, como em um passe de mágica, o sonho se realiza. Parece até um conto de fadas e nós nos sentimos a pessoa mais feliz do mundo. Temos a serotonina, enfim, em alta.

[Entretanto, gente muito feliz incomoda e...]

ATO II

O homem que não tem a música dentro de si e não se emociona com um concerto de suaves acordes é capaz de enganar, de conjurar e de rapinar

O MONSTRO.

Que tragédia. Nos deixamos levar pelo disse-me-disse alheio. E cometemos o erro mais fatal de todos, sem mais nem menos, abrimos a porta para aquele monstro, o medo. E como já se sabe, caríssimo público, quando o cortisol se apresenta, a serotonina desmaia.

É dizer: se há medo, não há felicidade. Jamais o medo e a felicidade ocupam juntos o mesmo espaço. É como o óleo e a água: não se misturam. A partir do momento em que oferecemos o sofá ao medo e permitimos que ele se instale, ele convida o engano, o seu irmão, para adentrar os aposentos, e o gêmeo maldoso nos induz a acreditar que há outros pequenos prazeres mais fáceis de serem mantidos do aquele nosso sonho. Sustentar o sonho é muito difícil. O engano, então, planta a dúvida. E depois a insegurança. A seguir, ele, o engano, nos conduz a uma mudança de planos bastante desfavorável para nós.

NÓS.

O medo nos intoxica de cortisol. Falta-nos o ar, o coração dispara, ficamos nervosos, instáveis, descontrolados, estressados e todo dia é como se estivéssemos fugindo de um leão na savana, com a diferença de que não há leão algum.

[E por nada haver nos sentimos desnorteados]

ATO III

Nossas dúvidas são enganosas e nos fazem perder tudo o que poderíamos lograr
OS PARENTES.

A parentela do medo, tal qual um fantasma, não nos deixa em paz. Sussurram coisas em nossos ouvidos o dia inteiro. E é assim que reproduzimos inconscientemente um sem-números de desculpas esfarrapadas, de justificativas repetitivas e de explicações meia-boca. Omissões e mentiras reinam felizes em nossa própria casa. Um verdadeiro terror! Onde foi parar a nossa coragem? Onde está a nossa integridade? E aquele sonho todo tão sonhado, que afirmávamos ser a única coisa que nos faria felizes na vida? Onde foi parar aquela vontade toda de ser feliz?

[Meu Deus, será o fim?]

ATO IV

Enquanto houver um louco, um poeta e um apaixonado haverá sonho, amor e imaginação. E enquanto houver sonho, amor e imaginação, haverá esperança
NÓS.

Num mau dia ou frente a uma péssima companhia, podemos cair na armadilha de trocar a felicidade pelo medo ou por sua prima, a luxúria, a diva de todos prazeres, que nos serve dopamina atrás de dopamina! Ocorre que no momento em que a dopamina entra em cena, a serotonina afunda, é como a água e a areia. É dizer: quanto maior é o prazer aleatório, menor é a felicidade. Contudo, como a esperança é a última que morre... Eis a boa notícia: a felicidade pode ser recuperada.

[Basta voltar ao caminho certo]

ATO V

Que luz é essa que acolá desponta?

JESUS E BORGES.

Jesus de Nazaré aconselhava que entrássemos pela porta estreita (Mateus 7:13) - estreita é a porta e apertado é o caminho - ou seja, é possível alçar a felicidade, entretanto, é preciso estar ciente de que para tal feito, é imprescindível ter ânimo, ter valor (valentia), ter

disciplina e aplicar-se; em suma: é preciso querer, o que nem todo mundo realmente quer, pois dá trabalho, afinal a porta larga e o caminho espaçoso, à primeira vista, parecem bem mais divertidos. Logo, compete a cada um de nós decidir. É uma questão de foro íntimo. Como costumava dizer Jorge Luis Borges, “*não se pode obrigar ninguém a ser feliz*”.

[A isso se chama livre arbítrio]

ATO VI

Há muito mais entre o Céu e a Terra do que sonha a nossa vã filosofia

NÓS.

Felicidade, a “joia do infinito” mais desejada, é simples de ser vivenciada. Tudo depende do foco, de se concentrar naquilo que se almeja, de saber o que, quem e quais são as nossas prioridades e do quanto se está disposto a dar e receber ocitocina, o mais perfeito remédio que poderia existir na face da terra, o que chamamos popularmente de “amor”.

MARCO AURÉLIO.

A célebre frase do imperador Marco Aurélio sobre a felicidade depender da qualidade dos nossos pensamentos, encontra agasalho em recentes estudos da Biologia Molecular e da Neurociência, isto porque comprova-se que aquilo o que a mente pensa, é sentido como se fosse verdade. Nosso cérebro não sabe diferenciar entre o que é imaginário e o que é real. É dizer: se nossos pensamentos forem felizes, assim será nosso coração. Ora...

ATO VII

Não existe bom ou o mau; é o pensamento que nos induz a tal lógica

OS OUTROS.

A felicidade é, como mencionado, uma questão pessoal, razão pela qual não é possível vender felicidade nem impor nosso modelo aos outros. Felicidade se sente e, ao contrário do que muita gente pensa, se encontra nos pequenos detalhes. Observem, por exemplo, o proverbial “*A felicidade é nórdica*”.

[Com aquele “frio do cão”, como pode?]

ATO VIII

Há algo de podre no Reino da Dinamarca

NÓRDICOS.

Ilustre plateia, não há nada de errado com a máxima “A felicidade é nórdica”, ela é verdadeira, tanto é assim que os países nórdicos figuram há anos no top 10 do *ranking* dos países mais felizes do mundo.

entra em cena:

Relatório Mundial da Felicidade, ONU.

NÓRDICOS.

Na cultura nórdica, a felicidade é algo muito singelo, ainda que requeira a disciplina de se exercitar diariamente, um exercício que começa na mente e termina no coração, e é dividido em 8 partes como um tesseracto. Entretanto, o êxito depende do quanto estamos dispostos, e realmente queremos ser felizes no sentido mais primordial da palavra: felicidade se desdobra em paz, amor, gratidão e bem-estar individual e coletivo.

CHINESES, NEVILLE E FLORENCE.

E isso dá certo? Depende. Diz um ditado chinês que *se a intenção for correta, tudo dará certo*. É dizer: quais são os sentimentos? Neville Goddard declarava que não basta dizer, é preciso sentir, e que, na verdade, sentir o que se diz é o segredo. Como diria Florence Scovel Shinn, a palavra sentida é a varinha mágica, para o bem ou para o mal.

[O que dizemos é verdade para o nosso coração?]

FAMÍLIAS.

O diferencial nórdico é uma questão de culto a certos valores, a saber: honra, compromisso, lealdade e priorização das três famílias que temos: a família com nossos pais, a família com nosso cônjuge e família com nossos filhos; sendo claro que a única família que tem potencial para nos acompanhar a vida inteira é a família que construímos com nosso consorte, afinal, os pais não duram para sempre e os filhos em certo momento da vida seguem seus próprios caminhos. Escolher bem com quem passaremos nossos dias é essencial. Beleza e juventude são ilusórias, pois, um dia acabam, portanto, encontrar alguém que partilhe os mesmos valores, perspectivas e ideais, que valorize a cumplicidade, o companheirismo, a lealdade e o compromisso mútuo é o que vai garantir uma vida feliz.

NÓRDICOS.

Cai a lançar comentário curioso: na Noruega, a mão em que se usa a aliança de casamento é direita, já que para eles, essa é a mão do compromisso, a mão que fecha acordos, a mão que se aperta ao se celebrar um contrato. Aliás, é tão emblemático para eles, os nórdicos, o aperto de mão para selar um pacto que na canção sueco-finlandesa *bara badu bastu* (Kaj, 2025) a cena é parte da *performance*.

ATO IX

Ser ou não ser, eis a questão!

SÊNECA E OS NÓRDICOS.

Sêneca, em sua obra “A Vida Feliz”, no capítulo Temperança e Moderação, menciona que é a mente que nos torna felizes em qualquer condição em que estejamos. Essa afirmação se alinha com os “oito exercícios” que os nórdicos praticam diariamente há milênios, são eles: *Koselig* (contemplar a natureza), *Friluftsliv* (ter pensamentos de boa qualidade), *Mysig* (cercar-se de quem nos faz sorrir), *Fika* (alimentar-se bem), *Lagom* (fazer tudo com moderação), *Lillördag* (toda semana ter um “pequeno sábado”, ou seja, um dia de folga, além do sábado e do domingo), *Hygge* (fazer higiene mental) e *Lykke* (seguir o conselho do poeta romano Décimo Júnio Juvenal: “mente sã, corpo sã”).

[Se nossa mente é, somos. Se nossa mente não é, não somos]

ATO X

As pequenas mentiras fazem o grande mentiroso

NÓS, IAGO E LOKI.

Cuidemos para não nos deixarmos levar por Iago e Loki, os *tricksters de plantão*, sempre hábeis em nos convencer de que é impossível alcançar a felicidade, de que os sonhos nunca se realizam e de que o amor verdadeiro não existe.

entra em cena:
“honesto Iago”

IAGO.

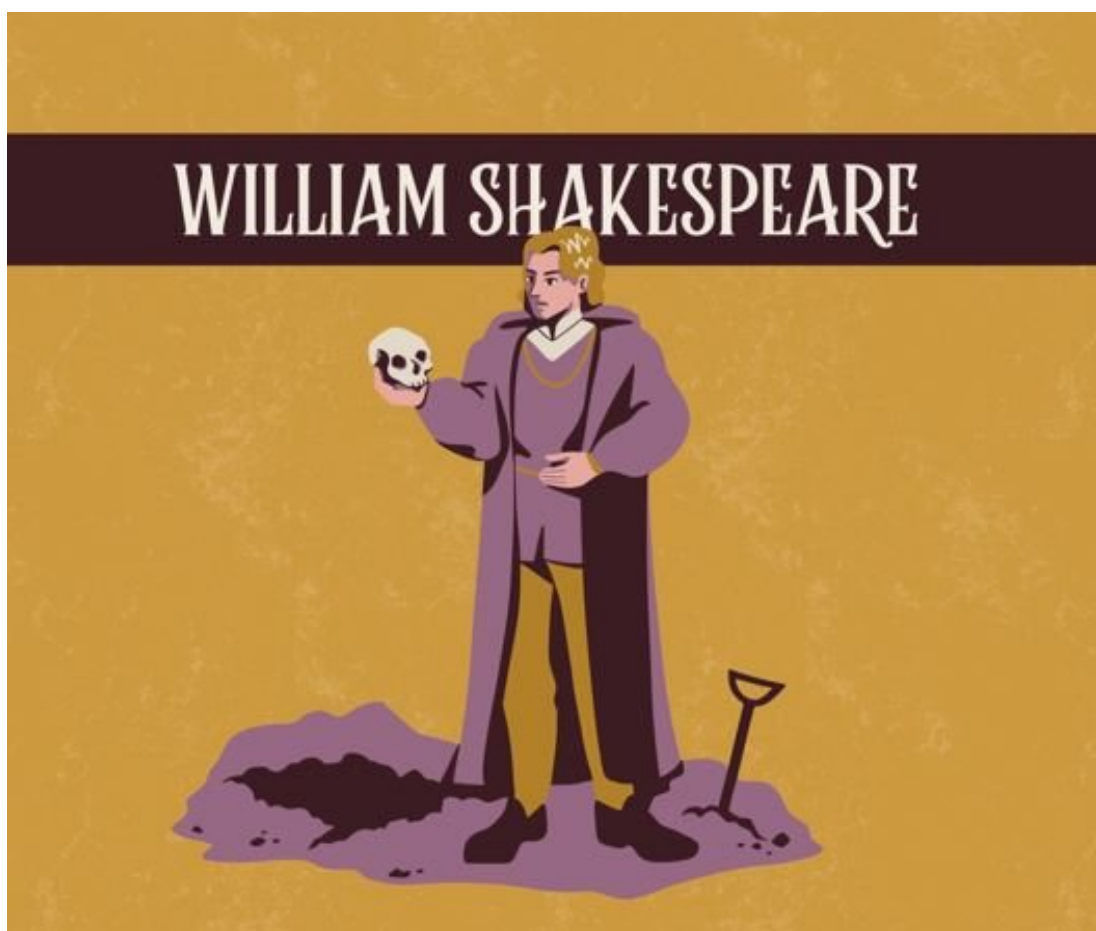
Em rápida análise à vida de *um Iago*, salta aos olhos que ele fala por si mesmo, pois não passa de uma pessoa extremamente infeliz, que jamais realizou aquilo o que sonhou e nunca encontrou alguém que o amasse verdadeiramente. Ele é um invejoso, cheio de joguinhos, alguém que vive sem propósito ou objetivos, não sabe o que quer, nada lhe satisfaz e não importa o que de bom aconteça em sua vida, não logra desapegar-se do grande vazio que sente; logo, sua ânsia é para que todos sejam tão frustrados e malsucedidos quanto ele.

SÃO JOÃO DA CRUZ.

É certo que “A Noite Escura da Alma” (São João da Cruz, Séc. XVI) surge para todos nós em algum ou alguns momento da vida, porém, cabe enfatizar categoricamente que após cada noite traiçoeira, há um “dia resplandecente da alma”, ou como se diz popularmente: “após a tempestade sempre vem a bonança.”

Algumas quedas servem para que nós nos levantemos mais felizes

FIM



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS CONTEMPORÂNEOS

VOL. VI

E-BOOK

**Poemas
Contemporâneos**

Volume VI

**Ademir Pascale
Organizador**

saiba mais: [clique aqui](#)

ANTÍDOTOS

Por Mirian Menezes de Oliveira

Procuro algo de ritmo,
que me livre de algoritmos;
que me traga mais leveza,
versos livres, calma...
(Um mundo todo enquadrado é pássaro engaiolado!)

Preciso de mais poesia,
de figuras de linguagem,
de besteiras, de bobagens,
de pingos de fantasia!
(Um mundo acanalhado não pode ser validado!)

Careço de sutilezas,
de mais vida, de belezas,
de pensamentos humanos...
de Arte, de alegorias...
(Um mundo pré-formatado é de "longe" o desejado!)

Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação - UBC - Mogi das Cruzes - SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos - UNITAU - Taubaté - SP. Membro da REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.



@revistaconexaoliteratura

O Dilema da *Literatura Cinematográfica*

POR GILMAR DUARTE ROCHA



Acredito que o prezado confrade e amigo que muito estimo Edmilson Caminha, cinéfilo de carteirinha, já tenha discorrido algo sobre a interação entre Cinema e Literatura em um dos seus brilhantes livros de ensaios e crônicas, e o fez, certamente, com muita propriedade e com a competência que lhe é magnânima.

Certo dia passado, não me lembro quando, acabava de assistir a um filme em um desses complexos cinematográficos de Brasília, por sinal, empreendimentos dotados de salas de exibição de excelente qualidade, que praticam preços módicos e que são dotados de ambientes agradabilíssimos.

O filme era “*On the road*”, com título em inglês apenas, inspirado no livro clássico homônimo do líder do movimento beat americano Jack Kerouac, livro publicado e republicado por diversas editoras brasileiras, acompanhado sempre do subtítulo “*Pé na estrada*”, que faz uma tradução livre do título, mas que espelha na realidade o espírito e o leitmotiv da história.

O que me chamou à atenção nessa produção e que me deixou intrigado, era que a versão em tela era por demais superficial (mesmo descontando o limite aceitável de 120 minutos para uma produção de cinema) e que a dinâmica ajustada à película rodava dois compassos atrás do original literário.

Não querendo me aprofundar nos detalhes acerca do livro e a respeito do filme, lanço à luz da ribalta um problema recorrente em que versões cinematográficas de livros consagrados ou não; laureados ou não; best-sellers ou não, que é decorrente de vários motivos, contudo, para abreviar, restrinjo-me a dois: o imediatismo de faturar pecúnias e láureas em cima de clássicos e de best-sellers literários e a falta de jogo de cintura do roteirista (ou adaptador) no manejo da arte chamada literatura.

Similares ao caso “*On the road*” são muitos. Podemos citar exemplos recentes como “*O retrato de Dorian Gray*”, de Oscar Wilde; de “*Drácula*”, de Bram Stoker; “*Grandes expectativas*”, de Charles Dickens; “*Orgulho e preconceito*”, de Jane Austen; “*O grande Gatsby*”, de F. Scott Fitzgerald ou “*A letra escarlate*”, de Nathaniel Hawthorne. O expectador que leu o livro e buscou ver a materialização dramática da obra que ele apreciou em várias dezenas ou centenas de páginas lidas, saiu da sala de exibição com um misto de sentimento de frustração, de inculcação, de intriga, ou, no mínimo de perda de tempo e de dinheiro. Pelo menos, esse foi o meu caso, pois, como já dizia um conhecido marchand de artes, gosto não se discute e sempre fica a critério do freguês. Ou seja, você pode consumir uma obra mal passada, ao ponto, bem passada ou tostada como carvão. O critério fica ao gosto do cliente.

De volta ao nosso assunto, podemos citar, também, casos de várias tentativas de versão para o cinema de um grande livro, como o clássico “*O conde de Monte Cristo*”, do escritor prolífico Alexandre Dumas; livro esse que já foi transposto para a tela diversas vezes, em tempos diferentes, e cada versão ficou pior do que a anterior, ainda mais quando o expectador é um leitor como eu que já leu a densa obra do escritor francês três vezes, em três períodos distintos de minha vida. Nesse exemplo pode se fazer uma ressalva devido a dinâmica do livro, que apesar de conter uma série de trechos

cinematográficos, e a história segue a lógica de uma novela em forma de compêndio, há de se ponderar que o grande mérito do produto do autor de “Os três mosqueteiros” reside no engendramento de fatos históricos, de costumes, de geografia, de geopolítica, apimentado pelos trechos de engenho, tramas e planos de vingança, uma grande miscelânea que fez do livro o quarto livro mais lido de todos os tempos, segundo o blog da editora Saraiva.

Há episódios em que se deveria processar o responsável pela produção, e não o roteirista, como foi o caso de algumas versões irresponsáveis para o cinema do maior clássico da literatura “O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha”, pois esse livro é bastante peculiar, como bem define o colunista de artes da UOL, Leonardo Rodrigues: “Uma das características definidoras de ‘*Dom Quixote*’ não está exatamente na história que o livro conta, mas na forma em que ela é contada. Segundo estudiosos da obra, existe um tipo de conexão pessoa entre o texto e o leitor, algo problemático de ser reproduzido via artifícios do audiovisual”.

Existem outros tipos de versões que tiveram enorme êxito na telona, espelhou em parte o conteúdo do livro base, mas o que se questiona aqui não é a qualidade do filme, e sim a propriedade do livro. Peguemos o exemplo de “*Quo Vadis?*”, obra de Henryk Sienkiewicz. Seria esse livro um folhetim ou um enredo de cinema convertido previamente em livro? Há casos semelhantes a esse, como “*E o tempo levou*”, de Margaret Mitchell; “*O tesouro de Sierra Madre*”, de B. Traven; “Um estranho no ninho”, de Ken Kesey; “*Perdidos na noite*”, de James Leo, dentre outros e vários.

A pergunta que corrobora essa assertiva de livro/roteiro: alguém guarda, por acaso, nas preciosas estantes de sua biblioteca particular um exemplar sequer deste tipo de livro?

Uma história interessantíssima que envolve essa relação escritor/roteirista é a da conhecida novelista Patricia Highsmith, a criadora de um dos mais famosos personagens da literatura, Tom Ripley, um rapaz carismático, inteligente e sem escrúpulos. A escritora americana, sempre assediada pela indústria do cinema, em virtude do sucesso estrondoso nas telas da sua produção de suspense, mormente na versão francesa “*O sol por testemunha*”, dirigido pelo talentoso cineasta francês René Clement, tendo o personagem Ripley sido interpretado pelo famoso e competente Alain Delon, passou o resto da vida tendo que recorrer a versões e versões de Tom Ripley (“*Ripley embaixo d’água*”, “*Ripley subterrâneo*”, “*O garoto que seguiu Ripley*”, por aí vai).

Para não dizer que não falei das flores e para não me “crucificarem” por achar que livro bom não pode ser vertido em filme, lembro que existem casos excepcionais, poucos, mas excepcionais, com “*O leopardo*”, grande romance do italiano Lampedusa, levada para o cinema pelo genial diretor Luchino Visconti; “*A cor púrpura*”, de Alice Walker; “*Vidas Amargas*”, versão de “*A leste do Éden*”, de John Steinbeck; também do mesmo Steinbeck, a conversão do livro “*Vinhas da Ira*”, estrelada no cinema por Henry Fonda, recebendo prêmio de público e crítica, e “*O velho e o mar*”, de Ernest Hemingway.

Enfim, minha lembrança é vaga de bons livros que viraram bons filmes. Todavia, espero, de coração, que possamos escrever com mais e mais qualidade, dentro da linha de

literatura que se possa converter em película, e que venhamos a ter ótimos filmes; baseados em livros consistentes.

Ah! Não esqueçam o saco de pipoca.



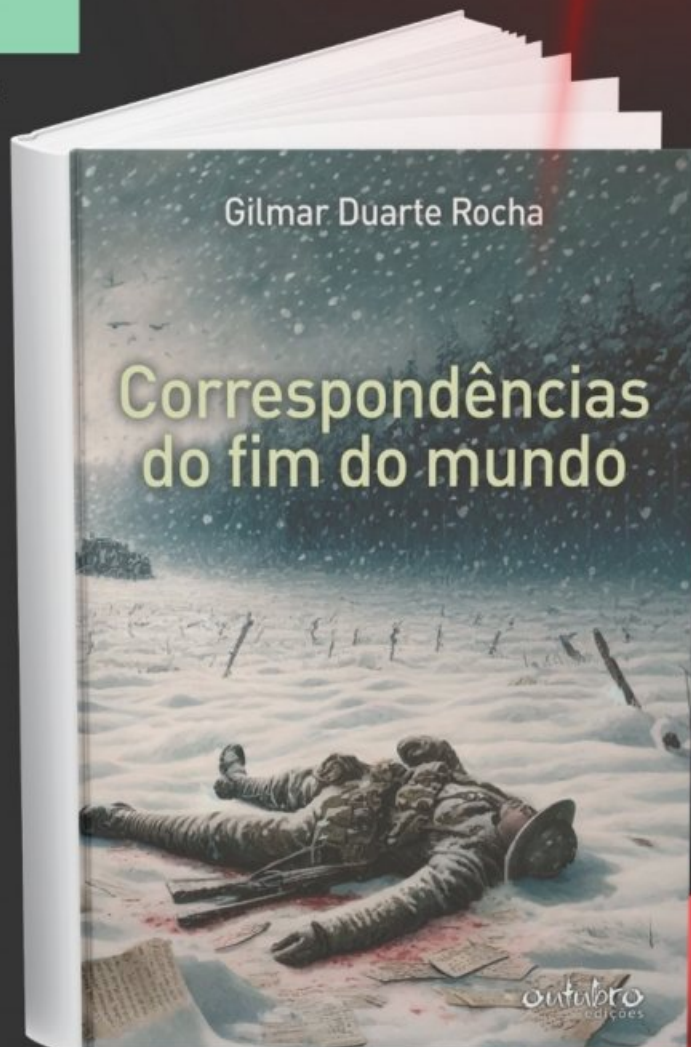
Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.



Correspondências do fim do mundo

Do Autor Gilmar Duarte Rocha

Em 1939, às vésperas da II Grande Guerra, no interior de Santa Catarina, uma comunidade de descendentes de alemães recria a cultura da terra natal por meio da língua, de usos e costumes. Mas a ocorrência de assassinatos em série chama a atenção de um policial da capital do estado, que para lá se desloca e passa a investigar a influência criminoso da ideologia importada da Alemanha nazista sobre uma comunidade até então pacífica. Com uma narrativa densa e repleta de suspense, Gilmar Duarte Rocha oferece ao leitor o inverno glacial da Serra Catarinense como metáfora perfeita de um tempo sinistro, em que o ódio preponderou sobre a humanidade.



Disponível nas grandes plataformas de vendas

Amazon

<https://encurtador.com.br/Car4V>

Mercado Livre

<https://encurtador.com.br/DSRSw>

A Lembrar-me De Ti, Mãe!

Por Sellma Luanny

Tem-se tornado uma constante...
Talvez porque já me confunde
o espelho... na imagem que se
revela... meio eu... meio tu.

Com os anos a passarem...
não só o meu rosto lembra o teu...
o meu andar... minhas dores...
as falhas das minhas mãos.

Com a mesma perda de clareza,
a voz que reverbera na minha,
é a tua... e a cada dia eu
me vejo mais como tu eras.

Fico a cismar se tu o mesmo
sentias... quando me vias
crescendo... e a direcionar-me
para ti... minha mãe querida!

Nota: poema pelo Dia das Mães.

SOBRE SELLMA LUANNY:

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

PARA SEMPRE

VOL. VII

E-BOOK

Para Sempre

VOL. VII

CONTOS E POEMAS DE
AMIZADE E AMOR

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

saiba mais: clique aqui

SÍNDROME DE
CARAMURU
POR ROB ALME

Um olhar sobre a
"Síndrome de Caramuru"

Brasil

"Reverência
desmedida e
resignada
diante da
suposta
superioridade
do
estrangeiro"



O Brilho do "De Fora"

"Se a etiqueta estrangeira não for almejada/ A satisfação, incompleta, fria/ / Para um mundo de modernidade sonhada/ Um passaporte imaginário se cria."

Esses versos capturam a essência de uma busca incessante pelo que vem de fora, uma miragem de superioridade que, ironicamente, nos distancia da riqueza do que é nosso. Quem nunca sentiu um brilho diferente nos olhos ao folhear catálogos de eletrônicos importados? Mesmo sabendo que a tecnologia nacional, muitas vezes silenciosa em sua excelência, equipara ou até supera o desempenho estrangeiro, parece haver uma satisfação incompleta se o aparelho não ostentar aquele selo distante, como um passaporte para um mundo mais moderno. Pense também na fascinação pelas vitrines de grifes internacionais. Por que se anseia por etiquetas cujos preços, por vezes estratosféricos, nem sempre refletem uma qualidade intrinsecamente superior àquelas encontradas em marcas brasileiras que pulsam criatividade e esmero na confecção?

A árdua tarefa: confiança no nosso próprio potencial

Brasil, meu Brasil brasileiro / Meu mulato inzoneiro/ Vou cantar-te nos meus versos/ O Brasil, samba que dá/ Bamboleio que faz gingar / O Brasil do meu amor/ Terra de Nosso Senhor/ Brasil, pra mim, pra mim Brasil, pra mim (Ary Barroso).

Nesses versos vibrantes, Ary Barroso celebra a essência do Brasil, sua beleza mestiça e sua rica cultura. Essa exaltação representa um contraponto direto à "Síndrome de Caramuru", um chamado à valorização da nossa identidade em vez da constante busca por aprovação externa. As cicatrizes do nosso passado colonial, a exploração voraz e a imposição cultural, podem ter plantado a semente de uma autopercepção diminuída, uma herança que nos faz, por vezes, mirar com desconfiança o nosso próprio potencial. A árdua tarefa de construir uma identidade nacional coesa, em meio à nossa rica diversidade regional, também pode ter contribuído para essa fragilidade, dificultando a emergência de um orgulho pátrio inabalável. Em meio a isso, surge a expressão "**síndrome de Caramuru**" que não se refere a uma condição médica ou psicológica formalmente reconhecida pela comunidade científica. Em vez disso, trata-se de um conceito cunhado pelo Professor Gilberto Vasconcellos, nasceu no Município de Santa Adélia, Estado de São Paulo, Brasil em 21 de abril de 1949, é um sociólogo brasileiro. Formou-se em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP) em 1972. É também jornalista, articulista, escritor com diversas obras publicadas além de professor do Departamento de Sociologia na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Síndrome de Caramuru: o conceito de Vasconcellos

"Diogo Álvares Correia, de além-mar/ O mar o lançou, um destino singular/ Um fado traçou a sina alheia/ Na Bahia, onde o sol beija a areia."

A "Síndrome de Caramuru" é utilizada para descrever uma atitude de reverência desmedida e resignada diante da suposta superioridade do estrangeiro. O nome faz alusão à figura histórica de Diogo Álvares Correia, o Caramuru, um português que viveu entre os indígenas no Brasil colonial e que, na interpretação de alguns, teria se submetido aos costumes e à cultura local. Nesse entendimento, a "Síndrome de Caramuru" não é uma

doença, mas sim uma metáfora para descrever uma postura de excessiva valorização do estrangeiro em detrimento do nacional. Portanto, não há sintomas clínicos ou tratamento médico para essa "síndrome". A "cura", nesse sentido, envolveria o desenvolvimento de uma autoconfiança cultural e a capacidade de valorizar a própria identidade sem, contudo, fechar-se a influências externas positivas.

Alienação cultural: uma desconexão de efeito sutil

No contexto em que se emprega o termo, a "Síndrome de Caramuru" ilustra, primordialmente, um desenraizamento cultural. Em termos mais simples, revela-se como uma convicção de inferioridade face ao que é estrangeiro, o que, inevitavelmente, conduz à adoção indiscriminada de ideias, mercadorias e hábitos externos.

As origens desse processo de afastamento cultural são diversas. No entanto, a indústria do entretenimento e da informação assume um papel central como principal motor, ou seja, a produção e a ampla divulgação de produtos uniformizados, sejam eles bens de consumo, conteúdos de comunicação ou estilos de vida, contribuem para a padronização cultural. Desse modo, a variedade e a genuinidade se enfraquecem. Além do mais, a disseminação de ideologias dominantes, muitas vezes transmitidas de maneira discreta e persuasiva, modela a interpretação da realidade e normaliza as desigualdades existentes. Assim, a imposição de valores e crenças, seja através da propaganda, dos meios de comunicação ou de outros instrumentos de influência, direcionam os anseios e as ambições, afastando os indivíduos de seus próprios fundamentos culturais.

Desse modo, pessoas culturalmente alienadas tendem a repetir discursos e comportamentos sem questionamento, dificultando a identificação das dinâmicas de poder e a luta por transformações sociais. Acrescenta-se a isso a perda da identidade cultural e a dificuldade de estabelecer um verdadeiro senso de pertencimento, efeitos prejudiciais que geram um vazio interior e uma vulnerabilidade perante as mudanças e os desafios do mundo atual.

Nesse panorama, o desenraizamento cultural representa um obstáculo considerável para a autonomia individual e para a edificação de sociedades mais justas e conscientes. Portanto, compreender suas características, suas causas e suas consequências é o primeiro passo para resistir à sua influência discreta e fortalecer a valorização da pluralidade cultural.

O "complexo de vira-lata", um primo-irmão da Síndrome de Caramuru

O "complexo de vira-lata", essa expressão singularmente brasileira cunhada por Nelson Rodrigues, ecoa como um diagnóstico do nosso pensamento coletivo. Reflete um sentimento persistente de inferioridade que acompanha a forma como nos vemos em relação a outras nações, especialmente aquelas que ostentam o selo de "desenvolvidas". Sob a lente da sociologia, esse complexo revela-se não como uma simples insegurança, mas como um fenômeno enraizado nas profundezas da nossa história, tecido nas malhas da nossa sociedade e perpetuado por fios culturais complexos.

As desigualdades sociais e econômicas que persistem em nosso país também lançam sua sombra sobre essa questão. A dificuldade em superar desafios estruturais

arraigados pode gerar um sentimento de impotência coletiva, reforçando a crença de que estamos perpetuamente destinados a ocupar um lugar secundário no cenário global. E, inegavelmente, as feridas do racismo estrutural, com sua história de desvalorização de grupos étnico-raciais específicos, ecoam em uma desvalorização mais ampla da nossa identidade nacional.

Curiosamente, esse complexo pode coexistir com uma admiração acrítica pelo estrangeiro, uma xenofilia que beira a idealização, e, paradoxalmente, com uma desvalorização de certos grupos ou regiões dentro do próprio Brasil, uma espécie de "vira-latismo interno". Em alguns momentos, essa autodepreciação pode até funcionar como um escudo psicológico, uma forma de explicar nossas dificuldades sem confrontar as complexas causas históricas e estruturais.

Os sintomas da alienação cultural

Longe de serem apenas teorias acadêmicas, a "Síndrome de Caramuru" e o "complexo de vira-lata" tecem uma intrincada rede de influências em nosso cotidiano, moldando silenciosamente nossas preferências e percepções sobre o que é nosso e o que vem de fora. Essa internalização da desvalorização do próprio e da superestima do alheio se revela em inúmeras situações, impactando profundamente nossa cultura e autoestima coletiva.

No universo do consumo, essa dinâmica se escancara na busca incessante por eletrônicos com selo estrangeiro. Mesmo quando a tecnologia nacional equipara ou supera o desempenho, a satisfação parece incompleta sem a chancela de um país tido como mais avançado. Da mesma forma, o desejo por grifes internacionais, com seus preços muitas vezes inflacionados, ofusca o talento e a qualidade de marcas brasileiras que inovam em design e produção.

No campo da educação e do pensamento, a reverência ao conhecimento estrangeiro, por vezes, obscurece a riqueza intelectual produzida em solo brasileiro. Em debates e discussões, a citação de autores e teorias de fora parece carregar um peso maior, relegando a análise de nossos próprios pensadores a um plano secundário. Essa preferência se reflete até mesmo nas estruturas curriculares, que podem privilegiar o saber externo em detrimento do estudo aprofundado da nossa realidade.

A própria linguagem não escapa a essa influência. A invasão desnecessária de anglicismos em nosso vocabulário cotidiano, com termos como "meet" e "feedback" substituindo suas equivalentes em português, ilustra uma sutil crença de que nossa língua nativa seria insuficiente para expressar conceitos modernos.

Nas artes e na cultura, a validação estrangeira muitas vezes precede o reconhecimento interno. Filmes brasileiros aclamados lá fora ganham novo status em casa. A riqueza da nossa música popular, com sua diversidade de ritmos e letras, por vezes é ignorada em favor de estilos importados. E a nossa culinária, apesar de sua fama mundial, pode ser preterida por pratos estrangeiros considerados mais sofisticados.

Até mesmo no esporte e no lazer, o complexo de vira-lata se manifesta na descrença em nossos atletas e na busca incessante por destinos turísticos internacionais, idealizados como superiores às nossas próprias belezas naturais e culturais.

A propósito, esses exemplos cotidianos demonstram como a "Síndrome de Caramuru" e o "complexo de vira-lata" não são meras teorias, mas sim forças sutis que moldam nossas escolhas, nossos valores e, em última instância, a nossa própria identidade cultural. Reconhecer essas manifestações é o primeiro passo, crucial e necessário, para iniciarmos um processo de valorização genuína do nosso próprio potencial e para construirmos uma autoestima brasileira mais sólida e autêntica, desvinculada da constante busca por aprovação externa.

“Brasil, meu brasil brasileiro”: orgulho de ser brasileiro, um valor intrínseco

Nesse contexto, o complexo de vira-lata é mais do que uma mera insegurança; é uma construção social e cultural complexa que afeta nossa autoestima como nação, influencia nossas relações internacionais e, crucialmente, impacta nossa capacidade de reconhecer e valorizar a riqueza do nosso próprio potencial. A jornada para superar essa ferida passa, inevitavelmente, pela valorização da nossa identidade multifacetada, pelo reconhecimento das nossas inúmeras riquezas culturais e por uma análise crítica das dinâmicas de poder e das influências que moldam a nossa percepção de nós mesmos. É um processo de cura que exige autoconfiança, orgulho e, acima de tudo, a crença inabalável no valor de ser brasileiro.

O "complexo de vira-lata", um primo da Síndrome de Caramuru, ressoa com a ideia de que o Brasil e sua gente estão sempre um

degrau

abaixo,

incapazes

de alcançar

o brilho

e o sucesso

de outras

nações.

Dessa maneira, essa síndrome se escancara no menosprezo pelas nossas próprias manifestações culturais. A música, a arte, a culinária e as diversas formas de expressão do Brasil são vistas como menos valiosas ou importantes em comparação com as de outros países, revelando uma dolorosa perda de apreço pela nossa identidade cultural. Que fique claro que, em hipótese nenhuma, não se trata de xenofobia ou rejeição a influências externas, mas sim de promover um intercâmbio cultural mais equilibrado e autônomo, promovendo a reflexão sobre a nossa relação com o que é estrangeiro e o que é nosso.

N.A.: **Compositor Brasileiro, Ary Evangelista Barroso** nasceu em Ubá, Minas Gerais, em 7 de novembro de 1903.

Nelson Falcão Rodrigues nasceu em Recife, Pernambuco, em 23 de agosto de 1912. Foi um dos maiores e mais polêmicos dramaturgos, romancistas, contistas, cronistas e jornalistas brasileiros do século XX.

John Gray Landels Music in ancient Greece and Rome (1999).



(**Rob Alme**) Roberleide de Almeida Gonçalves, nascida em Candeias, Bahia, é uma mulher multifacetada, que une a paixão pela educação à sua profunda curiosidade intelectual. Casada e mãe, dedica-se à docência com entusiasmo, especializando-se em Linguística, com foco em semântica, morfologia e sintaxe. Enquanto Coordenadora Pedagógica, contribui ativamente para a formação de profissionais da educação.

DICAS PARA LEITURA

Edição de Maio



POEMAS SOBRE O TEMPO - VOL. VI, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG

TEMPO DE AMAR - VOL. XIII, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG

@revistaconexaoliteratura

A ESCOLHA

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Da sua alegria
Trazida não pela brisa, mas pela ventania
Pura euforia
E, o poema, agora, torna-se mais enriquecido coroado pela poesia

Da sua tristeza
Há o esquecer da maneira do sorrir
Cravo desejos intensos para que ela desapareça, possa partir
Deixando você como a rainha nesta realeza

Assim
Tão belo escolher a postura na vida
A ser a criatura mais querida
Plenos desejos a tudo conquistar enfim

Que se vá tristeza!
Ancorar em outro lugar
Neste Mar deixe navegar a "bela" beleza
Para em um raro porto ... aportar

NÃO SE ESQUEÇA

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Ame!
Mesmo amargurada
Nada importa que um dia reclame
Sim! Por não ser correspondida... amada...
Mas... ame!

Ame sempre, toda vez
Esqueça a expressão: veja o que você me fez!
Amanse o interior do seu coração! Ame, até se desesperada
Sorria dos julgadores por Ele não valer nada
Mas... ame... se entregue por toda a madrugada

Ame... então... absolutamente assim
Olvide que lá na frente, seja enfim o fim
Esteja consciente de que o amor
Incorpora aquela dengosa flor
Que, a qualquer hora, também, deixa cair algumas pétalas no
tempo que for

Ame... portanto! Guarde dentro de si a certeza
Posto que banhada de rara beleza
Faz amanhecer, em nós, aquela saborosa infância bem inocente
Que se guarda, muitas vezes, loucamente
Para se entregar, que seja, doidamente

Ame! Por favor!
Nada se compara à felicidade do amor
Ao falhar, deixa dentro de nós a saudade
Como a experiência à nova orientação... outra realidade
E o coração? Ah! O coração... sorrirá por nova oportunidade

ACONTECEU ASSIM...

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Hoje, se acomodou, dentro de mim, o "pranto"
Em um lugar, infelizmente, cedido
Antes reinado pelo encanto
Agora, no interior, estar perdido

"Sussurros", escuto a mim socorrer
Com dificuldade, imploro aos "Céus" a escutar
Bem sei, ou imagino, um novo viver
E a outro alguém amar

A "poesia", grande amiga, de pronto me abraçou
Comigo, aos meus ombros, chorou
Ao avesso da tristeza derramou enorme felicidade
Fazendo-me enxergar, do Mundo, nova realidade

Sorrindo dei "Graças"! Nesse "abrigo" aceitei me alojar
Lá dentro acomodado, quanta beleza consegui observar
Deixando o choro repousar pela alegria agora
Adversidades em outro lugar pois, suavemente, foram embora

Mudanças estou vivendo! Do choro, então o ardor
Afoita decisão pela procura de novo amor
Outra criatura! Plena alegria!
Assim "amanheceu", em festivo calor, a esperança a viver um
novo dia

POIS SAIBA QUE...

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Até a beleza da flor se modifica com o tempo
Para nós, neste Mundo o grande exemplo
Assim, que saibamos neste viver aproveitar
Em todos os momentos para somente amar

Pouco adianta a se esconder
Vem, na ocasião, "lavrada" na face a "escritura"
Em "papiros" os projetados "desfiladeiros"
Que os "espelhos", silenciosamente, refletem

Aceite, com sabedoria, tal viver
Com alegria, continue ser a compreensiva criatura
Deixe "borbulhar" os sentimentos verdadeiros
E deles, as "figuras", os corações jamais esquecem

Em um "alazão", outro cavalgar
No interior sentimento, cravado ainda, o valer a pena sonhar
Ao tornar "infinda" a bela vida
Serão apenas novos passos, minha querida

Em nova "Estação", lugar, tão perto da "gente"
Pode ser! Que seja, então, agora sentada
Sentirá a brisa soprar levemente
Renomada alegria por ser, de fato, tão amada

Até a beleza da flor se modifica com o tempo
Para nós, neste Mundo, o grande exemplo
Assim, que saibamos neste viver aproveitar
Em todos os momentos para somente amar

SOBRE JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:

Escritor, letrista de várias músicas. Economista com inúmeros cursos inerentes ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR.

Publico poemas mensalmente, na REVISTA CONEXÃO LITERATURA, em que fui a Capa da Revista 103, de janeiro de 2024, e bimestralmente no Jornal JCP em Cruz Alta-RS, no Brasil.

Em Portugal, tenho destacada participação em vários projetos da Editora Colibri, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive o meu início na Edição 06 e, atualmente, encontra-se na Edição 24; com a mesma coordenação, tive a participação com oito poemas nos livros: ESCREVER CAMÕES; ESCREVER ANTERO DE QUENTAL; ESCREVER FERNANDO PESSOA e ESCREVER BOCAGE.

Tenho editados dois Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, com os Títulos: "MAIS DO QUE BUQUE" e, "ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE..."

Seguiram-se dois outros Livros de poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO

EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa – Portugal, com os Títulos "NO CAMINHAR" e "SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE..."

Com a EDITORA ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa – Portugal, publiquei dois romances com os Títulos: "ARDENTE ENCONTRO" e "SEIS MESES".

Foi-me atribuída uma Menção Honrosa pelo meu poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Participei da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal, com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA na ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou ACADÊMICO, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical, escrevi cinco letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL, na melodia e canto.

Instagram: [joaquimgouvea_](https://www.instagram.com/joaquimgouvea_)

E-mail: mjgouvea@hotmail.com

Autor(a), conheça o **pacote** **divulgação** **para** **escritores**

Saiba mais



E-mail: ademir@divulgalivros.org

www.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



Viva o Instante Como Se Fosse o Último

Por A. B. Castro

Bom dia, meu irmão,
Tome água com limão.

É como tirar com a mão
A azia que todos temos.
Não se apoquente com problemas
De ordem de pouca monta,
Pois existem, por aí, pessoas
As quais nem a cavalo montam.
Pensa naquelas pessoas, naquelas!
Que além de terem azia,
Faltam-lhes as pernas,
Mas os desafios diários
Elas enfrentam todos os dias.
Tem gente com depressão, dor na coluna
Ou vítima de bulimia,
Não podem ser comparados
Com sua simples azia.
Para de reclamar, então,
Deixe de lado tanta mania,
(Reflita!)
Seu problema não é maior daquele
Que tem aplasia.
Quando esta se cansa do paciente
Renitente,
Vira mielodisplasia.

Tome suco de limão, de abacaxi e de maracujá.
Se os tiver em abundância oferta-os à lemanjá.
Alimentos vitaminados, viçosos,
Quem sabe até milagrosos como o maná.

É assim que há de ser,
Sempre foi e será.
Então fique muito atento
E não deixe para depois
o tem de fazer agora.
A morte tem prévio aviso? –
Que dia e a que horas.
Carregue sua cruz –
Trabalhar de noite, de dia e também de madrugada
Para ter bons resultados em regime de seroadá.

Carinhanha, 20 de outubro de 2023
Arnaldo de Bastos Castro. Pseudônimo: A. B. Castro

Sobre A. B. Castro: Nasci (06/03/64) e me criei na cidade de Carinhanha, oeste da Bahia. Cidade de intenso calor, onde só resistem os cactos e os mandacarus. Sou licenciado em letras pela UnB (Universidade Federal de Brasília).





BRASÕES HERÁLDICOS

Por Flavio Joppert – da Academia Lusitana de
Heráldica, e da Associação Internacional de
Heraldistas Amadores



Na Idade do Bronze, a humanidade com um senso comum de inconsciente coletivo desenvolveu a habilidade de metalurgia, fazer ligas metálicas. O conhecimento bíblico judaico tratava de questões medicinais aplicadas com a prática do banho. Hora higiene, hora uma localidade milagrosa, a cura do General Sírio, parte do costume das chamadas bruxas, até os dias de hoje é o banho com ervas, a prática curativa medicinal é bem conhecida por D. João VI. Essas etapas da humanidade, Roma caracterizada pela prática da medicina da amputação, levou possivelmente ao que seria a escola da alquimia. Todos os boticários, com seus conhecimentos de sangria, iniciavam um processo de estudos que ramificaria em distintas "catedras". A alquimia então se revelaria política, no iluminismo; espiritual, no esoterismo; e científica, como nos estudos de Paracelso, Hanneman, e Bach.

Neste trabalho, o estudo se revela nos brasões, principalmente nominais de diversos líderes do movimento esotérico, que tinha a magia como finalidade. A magia do conhecimento das plantas, da metalurgia da pedra filosofal, a alquimia espiritual.

Esses brasões, a exemplo da jurisprudência obtida em Portugal, que traz o estudo do nome van der Hagen, e sua tradução latinizada: Silveira. Uma vez traduzido o nome holandês, passa a compor, com o conjunto brasão nome português. Muitas vezes na pesquisa, foi obtido mais de um brasão para cada nome. O melhor exemplo que se aplica é o do nome Balsamo, apelido familiar do Conde Cagliostro. Esse nome possuiu brasões distintos para regiões italianas distintas. Inclusive havendo um próprio para a região de Roma. Pela jurisprudência apresentada, estando naquela região, o registro heráldico se daria com o brasão daquela região.

Outro fato a se abordar, é, dentro do modelo operante de cada época, a existência possível de brasões nominais, ancestrais ou não, que compõem um clã nominal. Como se trata de uma característica que a Idade Média definiu como metafísica, além da física e hemodinâmica do sangue, eles compõem um grupo que estudos posteriores podem definir como metafamiliares.

Sabe-se do vinho como bebida iniciática. O álcool seria tão delirante como drogas como LSD; exatamente sub produtos derivados da fermentação. Nesse aspecto pode-se imaginar posicionamentos do grupo aqui estudado, em, de uma forma ou de outra, possuir brasões.

A Idade Média produziu 2 sistemas protocolares: o de heráldica, e o de ordens de cavalaria (as conhecidas ordens militares). Até 1365, esse sistema existiu sem rivalidades. Embora em 1314, a condenação dos Templários tenha abalado a Europa. Quando Cervantes escreve Dom Quixote, a figura quixotesca é escárnio ao mundo cavaleiresco. Em 1365, iniciava um processo que após 1555 estabeleceria no mundo um sistema de ocupação política caracterizado pela ocupação húngara e pela soberania. Tal sistema condenava o das ordens de cavalaria, em contra partida, sem opção, tolerava o de heráldica. (a tolerância muitas vezes envolvia incêndios em gabinetes heráldicos)

Até que quando explode a Revolução Francesa, a heráldica, mesmo apenas sob tolerância; passa a ser mais mal vista do que tivesse sido simpatizante do nazismo. O mundo democratiza, passa a cheirar a brisa da democracia, o sistema de ordens de cavalaria de certa forma renasce, mas como no passado não era para todos. Diferente do outro, que aqui se estuda.





De todas as tradições sabemos de Rainhas que foram Bruxas, como Jezebel, considera até caridosa. Catarina de Médici, conhecida por financiar oráculos, e consultas de astrologia. Keppler foi astrônomo da Corte de Rodolfo II, dentro de um conceito que surgido na Babilônia, condenado biblicamente, mas não diretamente pelo Decálogo, "influenciado" no Zoroastrianismo, e no Mitraísmo, copilado com a mitologia greco-romana, seria todo o conhecimento que comporia essa magia alquímica, que renasceria, após as trevas, com estudos e mais estudos identificados com tradições egípcias, muitas vezes trazidas pela Bíblia, com José interpretando sonhos. Assim pode-se começar a falar em Nostradamus, intelectual, médico que se dedica ao combate da peste negra, e é famoso pelas suas profecias. Ele era de família judaica, que uma vez convertida, compunha o quesito para registrar o brasão, dado sua nova condição judaica. Curiosamente todos os "magos", por assim dizer, apresentados neste ensaio, estão relacionados à alguns brasões.

Com essa sopa de letrinhas, algumas consequências são óbvias, observado que os meninos que estudavam heráldica desenvolviam aptidões cognitivas que facilitavam a vida profissional. O Rei Luís XV, estabelece o sistema de tarot para as meninas, que tanto serviria para que ganhassem a vida como cartomantes, ou quiromancia, como desenvolvessem habilidades cognitivas com o estudo dessa matéria. Não há dúvidas de que o sistema iluminista surgia num universo de magia.

Especula-se se a heráldica é democrática a ponto de aceitar, e acolher em seu "Jardim" esse clã de heréticos, ou se de certa forma é de carácter próprio. Isso o caro leitor poderá tentar descobrir nos brasões apresentados, obtidos na pesquisa: como no passado não era para todos. Diferente do outro, que aqui se estuda.



Com satisfação abre-se a série de brasões com o da MADAME BLAVATSKY VON HAHN, que pela biografia obtida, mais do que, nominal, é reconhecida como de uma linhagem de nobres do Mecklenburgo, estabelecidos na Rússia. Seu pai foi Coronel do Exército do KZAR.

TABELA – OS PRIMEIROS “DIVULGADORES” DA WICCA

 MURRAY	 CROWLEY	 GARDNER
---	--	---



Dos 3 personagens aqui apresentados, foram autores de obras clássicas na bruxaria moderna, e iniciadores de "Covens" que tiveram conhecida influência mística com o contato com a Rosa Cruz. A Rosa Cruz se inicia com todos os trabalhos de Andreae, que com as bodas alquímicas de Cristian, seu personagem mítico, inicia um processo de abertura iniciática que resgataria as ideias apresentadas nas linhas iniciais deste texto.

TABELA – BRASÕES NOMINAIS RELATIVOS AOS PAIS DA ROSA CRUZ

NOSTRADAMUS	ANFREAE	CONDE CAGLIOSTRO	CONDE SAINT GERMAIN
FLUUD	HEINDEL	MAIER	VAUGHAN

Nostradamus não seria diretamente o fundador de todo esse processo iniciático, mas ele trás em seu brasão simbolismos que representam os estudos Rosa Cruzes. Em seu 1º. E 4º. quartel, consta uma roda partida, que trás nítido significado do monograma gnóstico do sol, dos símbolos dos canteiros da rosa dos ventos, das Cortes Vêmicas, em similaridade, denotando a rosa, objeto de seu trabalho com as pílulas "alquímicas" contra a peste negra. Já a Cabeça de águia, remete a máscara usada pelos médicos nos tempos da peste. O brasão não consta no Armorial de Buisson. Do Conde Saint German, não se conhece registro heráldica, mas supondo filho sacrílego de D. João V, seu brasão ancestral poderia seguir esse padrão. Os outros diretamente por suas implicações iluministas constam na história da Rosa Cruz. O grupo toma folego com "brisas da democracia" no Século XX, a Rosa Cruz é divulgada, junto com os trabalhos de Blavatsky, e Crowley são simbióticas as criações de Murray, e Gardner com o renascer da Antiga Religião. Esse grupo possuiu os brasões nominais identificados nas próximas tabelas:



TABELA - A ROSA CRUZ NO SÉCULO XX

			
SIGILO SOC. TEOSÓFICA	CLYMER	HELLER	STANISLAU GUAITA
			
LEENE	LEWIS	RANDOLPH	STEWART

Iniciando o tema Rosa Cruz no Século XX, o Sigilo da Sociedade Teosófica de Madame Blavatsky, que culturalmente em seu berço familiar pode ter iniciado o conjunto de saberes para criar o sigilo e, aceitar-se com suas ideias que junto com a Rosa Cruz e suas influências como na história da Wicca todo o esoterismo moderno.

Chegando ao fim desta jornada pelo mundo da Magia com a heráldica, compreende-se o mecenato de casas reais, príncipes eleitores que vão alimentar o mundo de profissionais bardos, menestrelis, arautos, filósofos, cartomantes, astrólogos, bobos da corte que vão ser a voz da cultura humana num descobrir encantos da natureza. A exemplo:



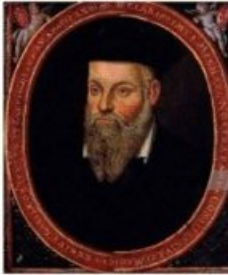
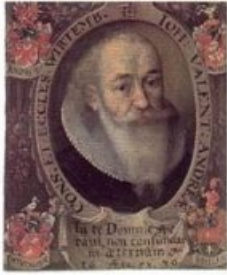
Brasão de Frederico do Patinado que se fazia de mecenas das questões alquímicas, iniciáticas, e filosóficas que influenciam a Rosa Cruz, e o Iluminismo científico e político.



É hora de brindar no “Jardim dos Heraldistas” junto com a Távola Redonda, com uma taça de cristal, com pura água das geleiras, pétalas de rosas, e gotas de limão lembrando que toda essa magia que vemos nos cinemas dos dias de hoje começou na Idade Média, com as Lendas Arturianas que traziam o Mago Merlim, e Morgana Le Fay. Aquela literatura, romances de cavalaria, mantinham viva a magia de viver, de contos, folclores que os cinemas criaram como uma ilusão perceptível como o voo das bruxas nas vassouras. Aqui se apresenta o brasão do Rei Artur, na classe de Heráldica Atribuída, no conjunto dos nove da fama, após, o próprio Artur com vestes heráldicas e sua cota de armas, em manuscrito de época: (pode ter sido aqui onde toda a magia começou), em manuscrito de época: (pode ter sido aqui onde toda a magia começou).



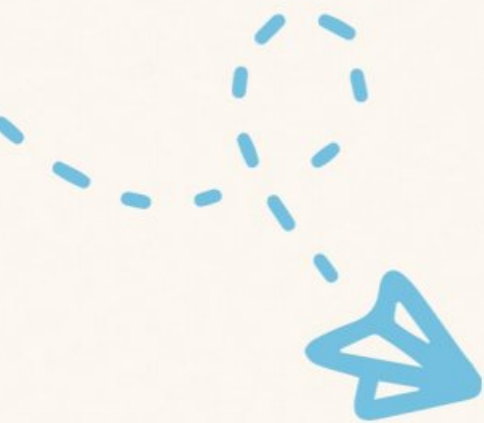
TABELA - ICONOGRAFIA PIONEIROS

		
MADAME BLAVATSKY	NOSTRADAMUS	ANDRAE
		
CONDE CALIOISTRO	CONDE SAINT GERMAIN	MARQUÊS STANISLAW GUAITA

SOBRE O AUTOR: Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



Foto:
Flavio na
Niteroiens
e de
Letras



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A NOSSA REVISTA VIAJA NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ





POR ROBERTO SCHIMA

UM SINGELO TRIBUTO A CARL SAGAN

Antes de falar sobre Carl Sagan, uma introdução, ou, como adoram dizer atualmente, uma "contextualização".

Passei a infância mergulhado nos incríveis anos 60, em meio ao clima gerado pela chamada "Conquista do Espaço", as naves Apollos, o Homem na Lua etc. A imaginação quanto a um futuro próximo e próspero no espaço corria solta, em oposição aos problemas terrenos então vigentes, como a ditadura no Brasil ou a guerra do Vietnã lá fora. Talvez fosse mera válvula de escape, mas o assunto permeava em toda parte. A criança que eu fui só enxergava o lado bom, como colecionar as figurinhas com naves espaciais que vinham junto aos gibis de Walt Disney. Histórias em quadrinhos, desenhos animados, seriados e filmes exibiam monstros de outros planetas, prontos a dominar a Terra.

Já na adolescência, entre 1976 e 1980 - dos 15 aos 19 anos -, interessei-me bastante pelo assunto OVNI's, Triângulo das Bermudas, deuses astronautas e afins. Provavelmente, devido a renovação do interesse público por assuntos concernentes ao espaço face às sondas *Vikings* em Marte e aos lançamentos das *Voyagers*.

Li artigos sobre "casos insólitos" em revistas díspares como *Geração Pop* e *Manchete*, ou em jornais diversos, com a avidez e o espírito crédulo de quem se encontrava pronto a aceitar todas as supostas "explicações". Ansiava pelo mistério e por ver circular entre nós criaturas de outras estrelas que quebrassem um pouco a monotonia de um "aborrecente" nipo-tupiniquim da zona leste da capital paulista. Colecionei vários livros e artigos, chegando a iniciar um catálogo cronológico das aparições como se, repentinamente, pudesse descobrir algo naquele monte de relatos: uma periodicidade, uma mensagem oculta, uma área geográfica denunciadora, ou apenas dar alguma ordem naquela confusão de histórias.

Adquiri livros como: *O Triângulo das Bermudas* e *Sem Deixar Vestígios*, ambos de Charles Berlitz, *A Invasão dos Discos Voadores* e *A História dos Discos Voadores*, ambos de Brinsley Le Poer Trench, *O Enigma dos Discos Voadores ou A Maior Interrogação do Nosso Tempo*, de Hugo Rocha, *Desaparições Misteriosas*, de Patrice Gaston, *Astronaves na Pré-História*, de Peter Kolosimo, *O Planeta das Possibilidades Impossíveis*, de Louis Pauwels e Jacques Bergier, *Projecto Livro Azul*, de Brad Steiger, *Ufologia - Uma Pesquisa Científica*, de J. Allen Hynek e vários outros.

No entanto, com o passar do tempo, minha postura se modificou. Fiquei impaciente, já que tudo aquilo não levava a parte alguma. Era um tipo de filme de detetive cujo final não esclarecia o crime ou o criminoso. Senti a necessidade de bases mais sólidas. Conclui não existir de fato interesse algum da assim chamada *mídia*, ou mesmo de um ou outro dos denominados *ufólogos*, em esclarecer coisa alguma. Automaticamente, partiam da premissa de que os OVNI's eram espaçonaves alienígenas (tornando impróprio o termo Objeto Voador **Não Identificado**, posto julgarem saber do que se tratava) e procuravam construir "argumentos" com o intuito de nos convencer da veracidade disso. O que importava, a exemplo das histórias de fantasma ouvidas em noites chuvosas, era o clima de mistério e as reticências no fim, deixando a coisa no ar, por conta da imaginação do ouvinte ou leitor. Existia bastante sensacionalismo, muito interesse em atrair a atenção do público (e ter, por conseguinte, uma boa vendagem dos livros ou revistas sobre o tema, ou conquistar um novo associado para o clube regional de

estudiosos de OVNI's). E havia acima de tudo, no meu entender, um esforço pela preservação dessa aura de mistério, analogamente ao recurso utilizado nas telenovelas do eterno suspense a fim de prender a audiência popular.

Tornei-me um cético, mais sedento por seriedade, metodologia científica e isenção de parcialidade. Pouco a pouco, fui substituindo as leituras acima por livros como *Astronomia*, Iain Nicolson, *Astronomia - Conhecimentos Atuais*, de Joachim Herrmann, *A Escalada do Homem*, de J. Bronowski, *O Colapso do Universo* e *Civilizações Extraterrenas*, ambos de Isaac Asimov, *Até que o Sol se Apague*, de Robert Jastrow, *Astronomia e Astronáutica*, de Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, *Próximos 50 Anos no Espaço*, de Patrick Moore. Mais ou menos na intersecção dessas fases, inventei a frase "É preciso conhecer o conhecido antes de penetrar no desconhecido". Creio que resumia tudo. Extraterrestres, assombrações e milagres religiosos eram a vala comum da ignorância. E isso perdura até os dias atuais. São "explicações" preguiçosas que, no fundo, nada explicam.

Fim dessa longa introdução.

Nesse processo de despertar, papel fundamental desempenhou Carl Sagan.

Antes de adquirir seu livro *Cosmos* em 07/04/1983¹, fui atraído pela série de documentários homônima, cuja forma de apresentar a Ciência cativou o público de uma maneira excepcional. O livro complementou e ampliou a visão idealizada por Sagan em relação a história da Ciência, o método científico, os cientistas pioneiros, a exploração espacial, o otimismo esperançoso em relação ao futuro da humanidade, o lirismo apaixonado de um homem ao alçar voos perante os mistérios do Universo, mantendo, porém, os pés firmes no chão quanto aos quesitos de ceticismo, observação, experimentação, dedução e conclusão. O objetivo de *Cosmos* foi explicitado logo na introdução:

"Foi dedicado ao propósito de que o público é muito mais inteligente do que geralmente se acredita, que as questões científicas mais profundas sobre a natureza e a origem do mundo despertam interesses e paixões em um grande número de pessoas. A época atual é um marco importante para a nossa civilização, e talvez para a nossa espécie. Qualquer que seja o caminho no qual enveredemos, nosso destino estará indissolivelmente ligado à ciência. É essencial a nós, para a simples sobrevivência, entender a ciência. Além disso, ela é deliciosa; a evolução se processa de forma tal que temos prazer em compreendê-la, os que a entendem são mais prováveis de sobreviverem. A série para televisão Cosmos e o livro representam uma experiência com esperanças em comunicar algumas das ideias, métodos e alegrias da ciência."

E eu fui embalado por seus ensinamentos, empatia, lógica e sabedoria.

"Em todos estes mundos no espaço, há eventos em curso, ocorrências que determinarão seus futuros. E em nosso pequeno planeta, este momento na história é tão profundo como a confrontação dos cientistas jônicos com os místicos, há 2.500 anos. O que fazemos com nosso mundo hoje propagar-se-á através dos séculos e influenciará decisivamente o destino de nossos descendentes e seu caminho, se houver, entre as estrelas." (*Cosmos*, capítulo VIII - Viajando no Espaço e no Tempo)

¹ *Cosmos*, Carl Sagan, Livraria Francisco Alves Editora S.A., 3ª edição, maio de 1982.

Carl Sagan, nascido em 09 de novembro de 1934 e falecido em 20 de dezembro de 1996, aos 62 anos, foi uma das mentes mais lúcidas do século XX. Sua atuação como astrônomo, divulgador científico e escritor está amplamente documentada e disponível em livrarias ou pela Internet. Teve importante papel na exploração planetária e na busca por inteligências extraterrestres, sendo o responsável pelas placas afixadas nas sondas *Pioneer10* e *11* e nos discos das naves *Voyager 1* e *2*. Foi ganhador do Prêmio Pulitzer pelo livro *Os Dragões do Éden*. A série televisiva *Cosmos* foi assistida por meio bilhão de pessoas no mundo inteiro. Foi autor do romance de ficção científica *Contato*, estrelado no cinema por Jodie Foster. Quiçá se tivesse sido mais compreendido, o mundo que vemos hoje não estaria tão mergulhado na glamourização da ignorância, em disputas políticas ou em inomináveis e infindáveis conflitos militares. Creio, contudo, que mesmo em vida a sua visão poética ficou ensombrecida diante das nuvens negras que teimavam em obscurecer o céu da racionalidade. Em *Cosmos*, ele manteve uma posição otimista e uma perspectiva promissora do futuro da humanidade em relação ao espaço. Todavia, em obras posteriores, como nos livros *Pálido Ponto Azul* e *O Mundo Assombrado pelos Demônios*, percebi uma certa decepção e dúvida, dada a tendência inerente ao ser humano em apegar-se à estupidez, ao preconceito e à discórdia.

Sua viúva, Anne Druyan, na introdução do primeiro episódio de *Cosmos*, em edição atualizada, falou sobre o marido. Suas palavras também guardavam esperança, após o conturbado período da Guerra Fria:

"Olá, meu nome é Ann Druyan. Carl Sagan, Steven Soter e eu escrevemos a série *Cosmos* para a televisão no fim dos anos 70. As coisas eram diferentes. Na época, os Estados Unidos e a União Soviética mantinham o planeta inteiro como refém em uma crise perpétua chamada Guerra Fria. A riqueza e a engenhosidade científica da nossa civilização foram desperdiçadas em uma corrida armamentista que empregou quase metade dos cientistas do mundo e infestou a Terra com quinze mil armas nucleares. O que aconteceu desde então? A Guerra Fria virou história e a ciência está andando a passos largos. Nós concluímos a espaçonave para o conhecimento do sistema solar, o mapeamento preliminar do universo visível que nos cerca e nos voltamos para o universo interno: o genoma humano. Na primeira transmissão de *Cosmos* não havia a rede mundial de computadores. Era um mundo diferente. Que tributo à Carl Sagan, o cientista que levou pancada da imprensa por ousar especular! E ainda depois dos vinte anos mais notáveis da história da ciência, *Cosmos* requer menos visões e é especialmente rica em profecias. *Cosmos* é cheia de empreendimento científico e ainda tenta comunicar a alta elevação espiritual da evolução central e as maravilhas do universo. Então, por favor, desfrutem de *Cosmos*, a orgulhosa saga de como, através da busca de quarenta mil gerações de nossos ancestrais, nós chegamos a descobrir as nossas coordenadas no espaço e no tempo, e de como, através dos poderosos métodos da ciência, nós conseguimos reconstruir a doce revolução cósmica e a descobrir o nosso papel nesta grande história."

Ela ainda vive e conta agora 75 anos. Posso vislumbrar o seu horror e desapontamento diante de tudo o que tem ocorrido e da aparente incapacidade do ser humano em aprender com os próprios erros: a guerra na Ucrânia, em Israel e na Faixa de Gaza, tensões no sudeste asiático, atrocidades na África, o aquecimento global, a recente pandemia de Covid 19, as ditaduras, o terrorismo, o declínio dos valores da sociedade, em relação à disseminação das drogas em geral e do fentanil nos EUA em particular etc.

Para quem desconhece completamente Carl Sagan e se interessar por uma apresentação, sugiro, a princípio, um curto vídeo no YouTube intitulado "Pálido Ponto Azul"², com um trecho de suas reflexões, narrado pelo excelente dublador Guilherme Briggs.

"... Nosso planeta é um espécime solitário na grande e envolvente escuridão cósmica. Na nossa obscuridade, em toda essa vastidão, não há nenhum indício de que a ajuda possa vir de outro lugar para nos salvar de nós mesmos. A Terra é o único mundo conhecido até hoje que alberga a vida. Não há outro, pelo menos no futuro próximo, onde a nossa espécie possa emigrar. Visitar pode. Assentar-se, ainda não. Gostando ou não, por enquanto, a Terra é onde temos de ficar. Tem se falado da astronomia como uma experiência criadora de firmeza e humildade. Não há, talvez, melhor demonstração das tolas e vãs soberbas humanas do que esta distante imagem do nosso miúdo mundo. Para mim, acentua a nossa responsabilidade para nos portar mais amavelmente uns para com os outros e para protegermos e acarinharmos o pálido ponto azul, o único lar que nós conhecemos..."

A mensagem permanece relevante e perturbadoramente atual. As autoridades, porém, têm feito ouvidos moucos. Interesses imediatos - não necessariamente pelo bem-estar coletivo e sem se importar com as consequências -, se sobrepõe a benefícios de longo prazo. A sociedade atual está habituada demais a ter tudo pronto e tudo na hora. Tem desaprendido de pensar, de refletir, de discernir. No dia em que as aparentes facilidades deixarem de existir, as pessoas ficarão sem chão, feito baratas tontas, sem saber como proceder ou aonde ir. Líderes oportunistas surgirão, aos quais aquelas seguirão feito gado para o abatedouro. Carl Sagan chegou a abordar tais temores em sua última entrevista³: o paradoxo da alta tecnologia e do excesso de informação diante de uma humanidade cada vez mais imbecilizada. Tal entrevista, na qual é divulgado seu último livro escrito em vida, *O Mundo Assombrado pelos Demônios*, também circula pela Internet e, igualmente, recomendo. No livro, cujo título é por demais oportuno, o autor dá voz a sua inquietação perante um mundo cada vez mais obtuso e imerso na escuridão, tomado pelos demônios da ignorância.

"... Há dois tipos de perigo: um é o que eu acabei de dizer, que nós criamos uma sociedade baseada em ciência e tecnologia, onde ninguém diz nada sobre ciência e tecnologia, e esta mistura combustiva de ignorância e poder cedo ou tarde vai explodir

² https://www.youtube.com/watch?v=4_tiv9v964k

³ <https://www.youtube.com/watch?v=FWqrdsZhV5w>

nas nossas caras. Quer dizer, quem está comandando ciência e tecnologia numa democracia onde o povo não sabe nada sobre isso? E a segunda razão pela qual eu me preocupo com isso é que a ciência é mais do que um corpo de conhecimento, é uma forma de pensar, uma forma cética de interrogar o universo com pleno entendimento da falibilidade humana. Se nós não estamos aptos a fazer perguntas céticas para interrogar aqueles que nos dizem que algo é verdade e sermos céticos quanto aqueles que são autoridade, então, estamos à mercê do próximo charlatão político ou religioso que aparecer (...) mas a questão sobre a ciência, primeiro de tudo, é que ela está atrás do que o universo realmente é, e não do que nos faz sentir bem. E muito das doutrinas opositoras estão atrás do que nos faz sentir bem e não do que é verdade..."

Relevante se faz mencionar duas frases atribuídas ao também cientista e autor de ficção científica Isaac Asimov:

"O anti-intelectualismo tem sido uma ameaça constante se insinuando na nossa vida política e cultural, alimentado pela falsa noção de que a democracia significa que a minha ignorância é tão boa quanto o seu conhecimento."

"Se o conhecimento pode criar problemas, não é através da ignorância que podemos solucioná-los".

Em tempos de terraplanistas, progressistas (que, de progresso, nada tem), doutrinações ideológicas, "militontos", recrudescimento da violência, desprezo pelo conhecimento, *fake news*, declínio dos valores, vídeos sensacionalistas travestidos de documentários, jornalismo tendencioso, programação televisiva de péssima qualidade, a persistência de horóscopos e toda sorte de adivinhos, ou seja, a imersão do mundo naquilo que chamo de uma Nova Idade Média, faz-se urgente a difusão da cultura, da pesquisa e do estímulo ao raciocínio. Como diria o falecido professor Pierluigi Piazzi, "aprender inteligência".

Claro, minha sugestão principal é a de que o leitor procure pelos livros de Carl Sagan e, a título de complementação, assista aos treze episódios da série *Cosmos* original - disponível no YouTube⁴, incluindo a magnífica trilha sonora -, bem como a versão mais recente, apresentada por seu admirador e digno sucessor, Neil deGrasse Tyson⁵. Afinal, como bem escreveu Carl Sagan em relação aos livros:

"Um livro é feito de uma árvore. É uma reunião de partes flexíveis e chatas (ainda chamadas de 'folhas') impressas com tipos pigmentados. Uma vista rápida nelas e ouviremos a voz de outra pessoa, talvez morta há milhares de anos. Através dos milênios, o autor fala, clara e silenciosamente, dentro de nossa cabeça, direto para nós. A escrita é talvez a maior das invenções humanas, unindo pessoas, cidadãos de épocas distantes que nunca se conheceram. Os livros são as cadeias do tempo, a prova de que os seres humanos podem fabricar a mágica." (*Cosmos*, capítulo XI - A Persistência da Memória)

⁴ https://www.youtube.com/results?search_query=carl+sagan+cosmos

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=-yR8meUcCa8>

Pode-se ler sobre sua vida e seu trabalho na Wikipédia, particularmente a versão em Inglês⁶.

Entre os livros de Carl Sagan, como autor ou co-autor, cito os seguintes títulos em Português: *A Civilização Cósmica*, *Bilhões e Bilhões*, *Cometa*, *Contato* (ficção), *Cosmos*, *Marte e a Mente do Homem*, *Murmúrios da Terra*, *O Inverno Nuclear*, *O Mundo Assombrado pelos Demônios*, *O Romance da Ciência*, *Os Dragões do Éden*, *Pálido Ponto Azul*, *Variedade da Experiência Científica - Uma Visão Pessoal da Busca por Deus*.

Por fim, voltando ao assunto inicial, em vez da credulidade mística, prefiro apostar mais nas pesquisas de entidades como o SETI e na recente exploração de exoplanetas.

Caso algum dia seja demonstrado que ao menos um dos OVNI foi efetivamente uma espaçonave alienígena (tripulada ou não), eu não me sentirei logrado em meu ceticismo, mas privilegiado por viver na mesma época em que o evento ocorreu. Até posso ouvir daqui alguém a gritar: "Oumuamua!"⁷ Nesse meio tempo, acho mais plausível crer na ânsia humana pelo sensacionalismo e na desinformação quanto a fenômenos astronômicos e meteorológicos do que em encontros com extraterrestres cabeçudos de olhos grandes ou escandinavos alienígenas em trajes colantes.

Creio firmemente que Carl Sagan não é somente um autor prazeroso e enriquecedor de se ler, mas necessário diante do atual cenário apresentado pelo mundo.

Por fim, se este tosco tributo contribuir para que ao menos uma pessoa tenha a curiosidade despertada sobre esse notável ser humano, então, terá atingido a sua finalidade.

NOTA DO AUTOR:

Este texto é uma colcha de retalhos e foi originalmente escrito para a antologia "Meu Escritor Favorito" (Projeto Apparere, 2024). Não obstante o título da obra, como deixei claro na entrevista reproduzida na edição nº 74 da "Conexão Literatura", de agosto de 2021⁸, não há exatamente um autor que seja o meu favorito e nem seria justo, embora, em geral, eu mencione Ray Bradbury. Mas como Bradbury já havia sido homenageado no conto "Ao Encontro do Sonho", da antologia "Livros, Autores e Estilos" (Projeto Apparere, 2023) (também reproduzido na edição nº 113 da "Conexão Literatura", de novembro de 2024⁹), voltei-me para o astrônomo Carl Sagan, de quem tenho igualmente admiração de longa data. Para a composição desse tributo, tomei como base uma crônica composta em maio de 1998, intitulada "Garçom, Tem um OVNI na Minha Sopa!" ("Conexão Literatura" nº 111, de setembro de 2024¹⁰). Também tomei emprestado trecho da introdução de minha antologia "Limbographia" (Clube de Autores, 2013). Sem

⁶ https://en.wikipedia.org/wiki/Carl_Sagan

⁷ <https://en.wikipedia.org/wiki/%CA%BBOumuamua>

⁸ http://www.fabricadeebbooks.com.br/conexao_literatura74.pdf

⁹ https://www.fabricadeebbooks.com.br/conexao_literatura113.pdf

¹⁰ https://www.fabricadeebbooks.com.br/conexao_literatura111.pdf

menção os trechos explícitos de diferentes fontes, transcritos em itálico. Por certo, uma homenagem bastante aquém do merecido pelo cientista e escritor, mas que, espero, possa atrair o interesse de algum leitor sobre sua figura, contribuições e legado.



Sobre Roberto Schima: Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os *pockets* da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantomas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei de trezentas e sessenta e três antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: Google ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

<https://www.calameo.com/subscriptions/5443422>

<https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22>

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

https://loja.uiclap.com/?s=roberto+schima&post_type=product

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

A CASA DA BRUXA

VOL.VI

E-BOOK



A CASA DA

BRUXA

CONTOS, MINICONTOS E POEMAS

VOL. VI

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

saiba mais: clique aqui

Entrevista exclusiva com Daniela Vieira Prenzeler

POR ADEMIR PASCALE

Daniela Vieira Prenzeler - Foto Divulgação



Daniela, aos 39 anos, é uma mulher inspiradora que usou o poder das palavras para expressar sua evolução durante uma fase de transição em busca de seu propósito. Natural de Ji-Paraná/RO, ela cresceu em Santa Catarina e sempre teve curiosidade pelo mundo. Formada em Turismo, trabalhou na área administrativa, mas um acidente de carro a levou a uma jornada de autoconhecimento. Movida pelo desejo de explorar, Daniela criou o blog "Às Aversas pelo Mundo" e publicou seu primeiro livro, "Um Destino por Dia", em 2023. Em 2024, lançou "Quando eu mudei, tudo mudou", abordando sua busca interior. Além de escritora, é Educadora Financeira e palestrante, acreditando que todos têm um propósito único. Daniela inspira com sua história e promove a leitura como ferramenta de desenvolvimento pessoal e profissional.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Daniela Vieira Prenzeler: Foi meio "às avessas". Estava em uma fase da vida que buscava por propósito e realização e eu sempre escrevi e tinha minhas histórias do blog guardadas. Então decidi começar a realizar e a primeira realização foi a publicação do livro "Um Destino por Dia".

Conexão Literatura: Você é autora dos livros "Um destino por dia" e "Quando eu mudei, tudo mudou", poderia comentar?

Daniela Vieira Prenzeler: "Um Destino por Dia" é uma obra que captura a essência do autodescobrimento através das viagens. Eu convido os leitores a embarcar em minhas aventuras pelo mundo com uma perspectiva única e "às avessas". Cada destino é um convite para explorar o desconhecido, oferecendo aos leitores uma janela para a diversidade cultural e as lições que podemos aprender ao nos aventurarmos fora de nossa zona de conforto.

No livro "Quando Eu Mudei, Tudo Mudou", eu realmente mergulho em uma introspectiva jornada de autoconhecimento.

Busquei compartilhar minhas experiências de transformação pessoal, explorando como mudanças internas podem influenciar e alterar nossa realidade externa. O propósito desse livro é ser uma inspiração para qualquer um que esteja buscando sentido em sua vida, mostrando que a verdadeira mudança começa dentro de nós.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

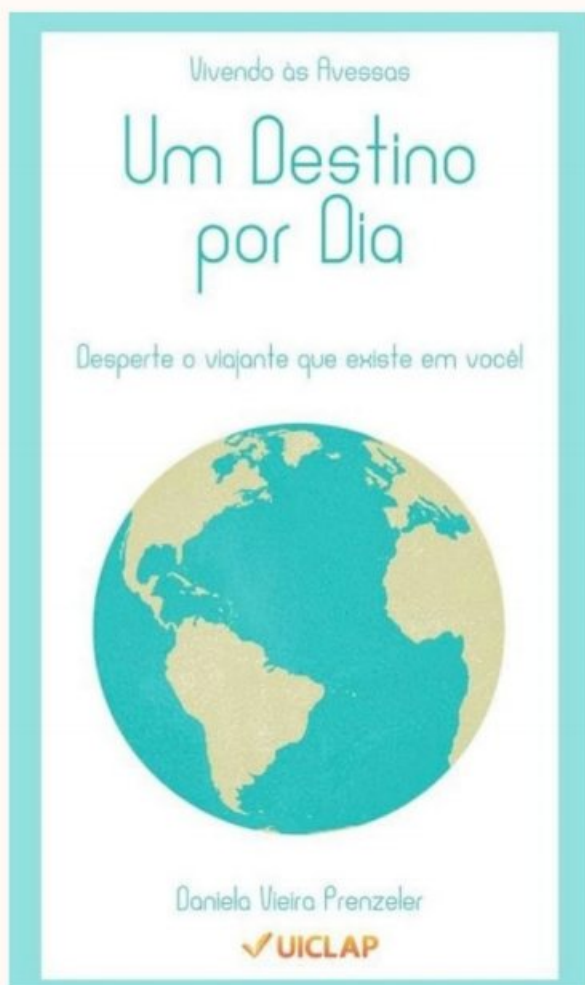
Daniela Vieira Prenzeler: Quando a gente vive, e não apenas existe, vemos a beleza e o significado de tudo, então todas as coisas passam a ser inspiração. Eu, particularmente, gosto muito de ler, aprender e explorar o nosso universo interior. Nosso potencial me fascina.



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de um dos seus livros especialmente para os nossos leitores?

Daniela Vieira Prenzeler: "Nós, seres humanos, temos um potencial incalculável de realização e a chave para desbloquear mudanças significativas em nossa vida e no nosso mundo, é a palavra acreditar". (Quando eu mudei, tudo mudou)

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho



literário?

Daniela Vieira Prenzeler: Tenho a minha página no instagram @escritoraasavessas onde disponibilizo os links para a versão ebook dos meus livros, bem como meu contato para solicitar os livros físicos.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Daniela Vieira Prenzeler: A leitura no Brasil enfrenta diversos desafios, apesar de ser uma ferramenta essencial para o desenvolvimento individual e coletivo. O país possui um histórico de baixos índices de leitura,

influenciado por fatores socioeconômicos, educacionais e mesmo culturais.

Eu percebo que ainda tem um longo caminho a percorrer para se tornar uma prática comum e valorizada por toda a população. Mas nenhuma causa é perdida enquanto houver pessoas que acreditam nela. Com esforços conjuntos de governos, educadores e sociedade civil, é possível transformar essa realidade, criando uma nação mais culta, crítica e bem-informada.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Daniela Vieira Prenzeler: Sim, já comecei a trabalhar em um livro que integrará uma série, cujo primeiro é: Quando eu mudei, tudo mudou.

Perguntas rápidas:

Um livro:) Dois, os meus! brincadeira, Ichigo-Ichie por Francesc Miralles e Hector Garcia

Um ator ou atriz: Keanu Reeves

Um filme: O Contador

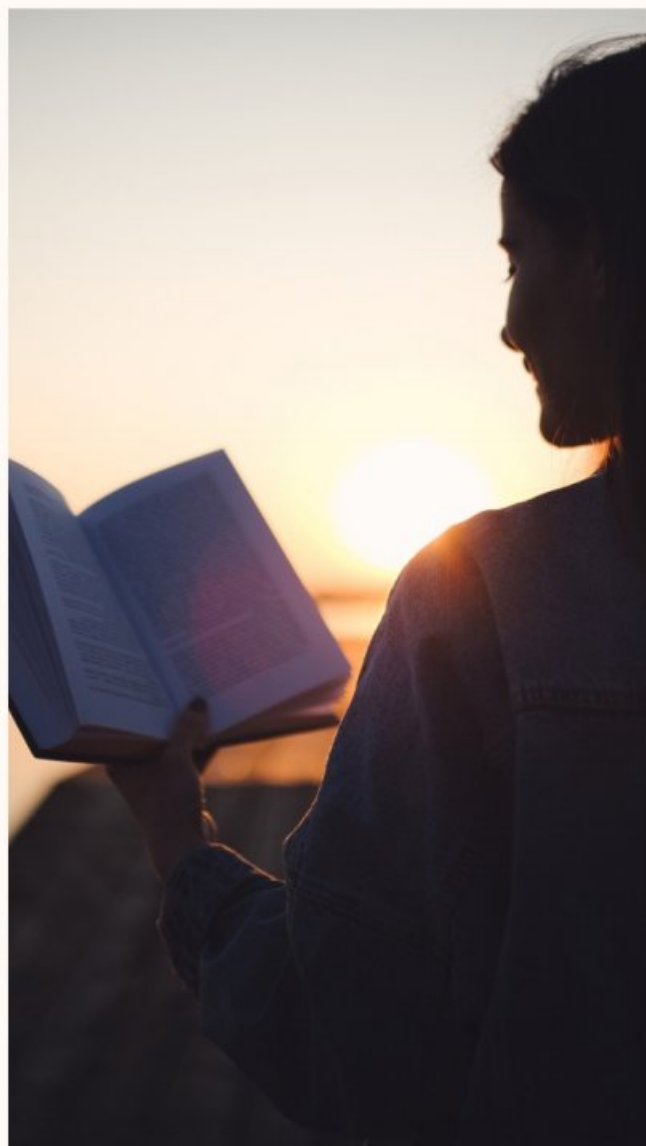
Um hobby: Tocar Violão

Um dia especial: Cada dia que acordamos com saúde!

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Daniela Vieira Prenzeler: A leitura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento pessoal e

profissional de qualquer indivíduo. Ela não apenas amplia o vocabulário e melhora a capacidade de comunicação, mas também estimula a mente, promovendo o pensamento crítico e a criatividade. Através dos livros, temos a oportunidade de explorar diferentes culturas, épocas e perspectivas, enriquecendo nosso entendimento sobre o mundo ao nosso redor. Além disso, a leitura é uma poderosa ferramenta de autoconhecimento e reflexão, permitindo que cada um de nós encontre novas formas de lidar com desafios e buscar a realização pessoal. E para pessoas como eu, que encontrou na escrita uma maneira de transformar a vida, a leitura é também uma fonte inesgotável de inspiração e motivação para seguir em direção aos meus sonhos. Meu desejo é que mais e mais pessoas descubram o valor e o prazer da leitura.



DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE
DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE

DIVULGUE

O SEU LIVRO, LIVRARIA, EDITORA, SITE, LOJA...



**CLIQUE AQUI E
CONFIRA**

DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE

Entrevista exclusiva com Luce Pavanello

POR ADEMIR PASCALE

Luce Pavanello - Foto Divulgação



Luce Pavanello é doutora em Ciência da Computação e atua como pesquisadora na área de Processamento de Linguagem Natural, com mais de 50 artigos publicados em âmbito nacional e internacional. Desde criança, teve uma forte ligação com a escrita: criava versos, peças escolares e colecionava reflexões que, com o passar do tempo, se perderam. Durante a pandemia, criou o perfil Rascunho de Luce (@rascunhodeluce) no Instagram para guardar seus textos. A repercussão do perfil e o carinho do público a motivaram a publicar *Entre Fases*, sua estreia literária. Escrever, para ela, é um ato de cura, conexão e liberdade.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

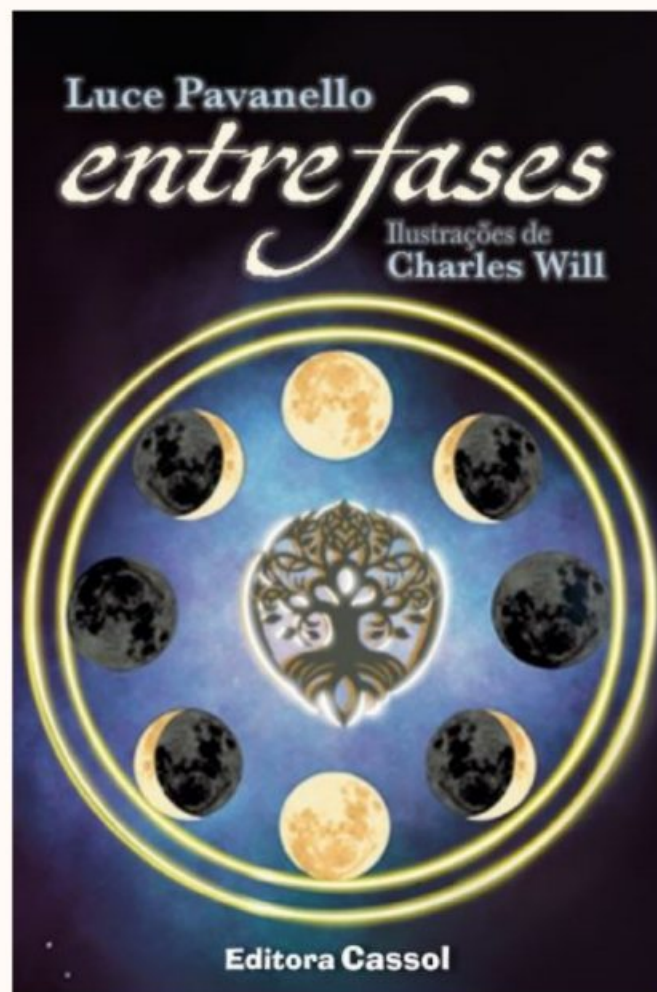
Luce Pavanello: Meu início foi despretensioso e cheio de sentimento. Durante a pandemia, senti a necessidade de colocar no papel, ou melhor, nas redes, aquilo que transbordava dentro de mim. Criei o perfil Rascunho de Luce no Instagram para “guardar” meus textos, que antes se perdiam em cadernos ou pastas esquecidas. Aos poucos, as pessoas começaram a se identificar, comentar e compartilhar. Foi então que percebi que talvez meus sentimentos também pudessem ecoar nos outros e isso se tornou o impulso para dar o próximo passo, transformar essas palavras em livro.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Entre Fases", poderia comentar?

Luce Pavanello: Entre Fases é um livro com textos curtos, mas cheios de carga emocional, que refletem os ciclos que todos nós vivemos. É um livro de bolso, pensado para ser carregado por aí, e cada página traz um texto único, um por vez. O livro é dividido em quatro capítulos, inspirados nas fases da lua, representando momentos de introspecção, crescimento, plenitude e recolhimento. Cada página traz um pedaço de mim, das minhas vivências, dores, descobertas e esperanças. É um livro para ser sentido, relido, marcado e até abraçado. Minha intenção é que o leitor se reconheça nas fases e se permita também passar por elas.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Luce Pavanello: Escrevo quando algo me atravessa. Pode ser uma emoção, uma lembrança, uma conversa ou até o silêncio. Às vezes, uma frase surge inteira na mente, como se já estivesse pronta, esperando por mim. Outras vezes, vem aos poucos, como quem sussurra. Me inspiro muito nas fases da vida, nos sentimentos que não cabem, nas dores que a gente não nomeia e nos recomeços. Meu processo é intuitivo, muito ligado à



escuta interna. Escrever, para mim, é uma forma de organizar o caos e transformar em palavras o que antes era só inquietação.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Luce Pavanello:

Lúcida

Em um minuto de lucidez,
Percebo o que era imperceptível.
Vejo o que era invisível.
Sinto o que está em mim,
Como se eu pudesse ser o que eu sentia.
E o que eu sentia não poderia ser eu.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Luce Pavanello: O livro *Entre Fases* estará disponível em pré-venda a partir do dia 2 de abril. Todas as informações sobre a compra estarão no site da Editora Cassol: <https://www.editoracassol.com/entre-fases>

e também no meu perfil do Instagram: @rascunhodeluce

Lá compartilho meus textos, novidades e bastidores desse processo tão especial. Será um prazer receber cada leitor por lá!

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Luce Pavanello: A leitura ainda precisa ser mais incentivada, valorizada e acessível no Brasil. Muitas vezes, o livro ainda é visto como um privilégio, quando na verdade deveria ser um direito. Mas vejo também uma movimentação nas redes sociais, com leitores e autores independentes criando conexões e ampliando o alcance da literatura. Acredito que a leitura precisa ser apresentada desde cedo como um abrigo, um espelho, uma possibilidade e não só como uma obrigação escolar. Quando isso acontece, ela transforma vidas.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Luce Pavanello: Sim! Tenho muitos textos inéditos guardados, e aos poucos eles vão pedindo para nascer em um segundo livro. Também quero explorar outros formatos de escrita, quem sabe algo mais narrativo, como crônicas. Além disso, penso em projetos que aproximem leitores da escrita como caminho de autoconhecimento, algo que vivi intensamente na escrita do *Entre Fases*.

Perguntas rápidas:

Um livro: Jonathan Strange & Mr Norrell

Um ator ou atriz: Mark Ruffalo

Um filme: As Pontes de Madison

Um hobby: Cozinhar para amigos

Um dia especial: Visitar o Castelo de Heidelberg

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Luce Pavanello: Agradeço muito a oportunidade de compartilhar um pouco da minha história e do meu trabalho com vocês. *Entre Fases* é mais que um livro; é um pedaço de mim e um convite para refletirmos juntos sobre os ciclos da vida. Espero que cada leitor se sinta tocado, seja por uma palavra, por um verso, ou por um momento do livro. A escrita tem esse poder de conectar, curar e transformar. Fico feliz em ter vocês comigo nessa jornada.

Revista Conexão Literatura

Memórias Póstumas de Brás Cubas

“Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.”

Machado de Assis
Rio de Janeiro: Typografia
Nacional, 1881



Entrevista exclusiva com Maria Tereza Alvim

POR ADEMIR PASCALE



Maria Tereza Alvim - Foto Divulgação

Maria Tereza Alvim é escritora, redatora e apaixonada pela arte de contar histórias que tocam o coração. Trabalhou por décadas na comunicação institucional, mas encontrou na literatura uma forma profunda de dar voz a temas silenciados. É autora do livro “O Peso do Silêncio”, obra que mistura sensibilidade, memórias e reflexões sobre a dor, o afeto e a superação. Tem como hobby a cerâmica artesanal e o artesanato em papel machê, onde expressa sua criatividade com as mãos e com a alma.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Maria Tereza Alvim: Meu início foi bem espontâneo. Sempre tive uma ligação muito forte com a escrita por causa da minha profissão como secretária e redatora no Palácio do Despachos de Minas Gerais, e como Assessora Interina de Imprensa na Prefeitura de Viçosa/MG. Mas chegou um momento da minha vida em que senti que precisava escrever algo mais profundo, que tocasse outras pessoas. Foi assim que passei a escrever romances.

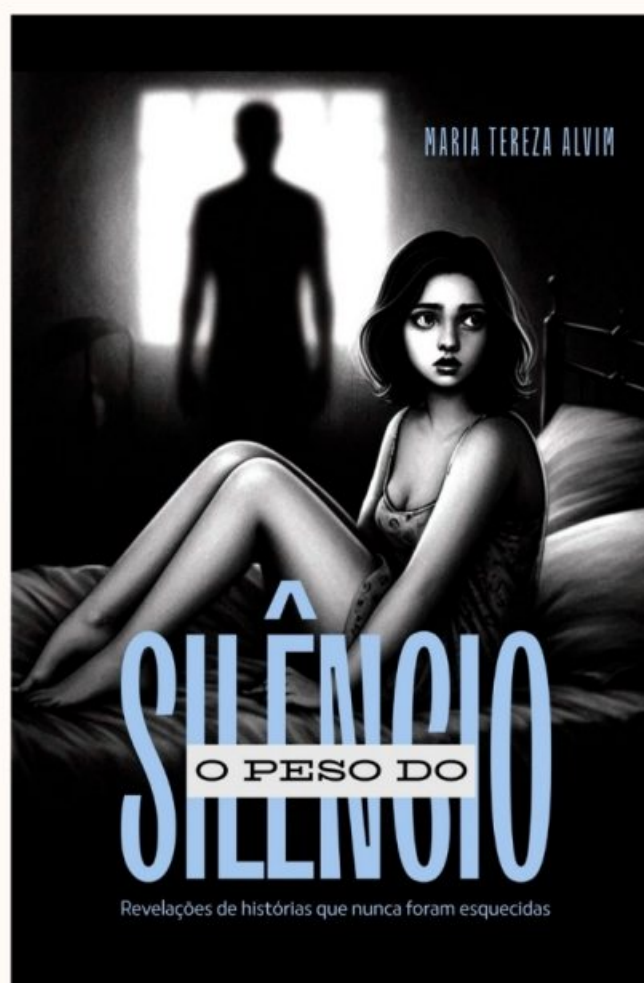
Conexão Literatura: Você é autora do livro “O Peso do Silêncio”, poderia comentar?

Maria Tereza Alvim: “O Peso do Silêncio”, nasceu a partir do desejo de dar voz a temas que muitas vezes são silenciados. Da vontade de falar sobre dramas que marcam vidas para sempre, especialmente o abuso sexual infantil. A história é contada com sensibilidade, através de uma protagonista que carrega traumas e silêncios profundos. É uma narrativa que mistura dor, descoberta, e também afeto. Revela por exemplo, que os personagens não são filhos do mesmo pai, a falta que faz uma figura materna, o luto pela perda do pai, a separação dos irmãos devido à adoção por famílias diferentes, e os dilemas que envolvem decisões difíceis. Cada cena carrega emoção e humanidade.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Maria Tereza Alvim: Meu processo é intuitivo e muito ligado ao que vejo e escuto. Ao que me afeta, o que me inquieta e o que vejo nos outros. Escrevo com o coração e só quando sinto que aquela história merece ser contada. Me inspiro em experiências humanas reais, nas memórias e nos sentimentos que todos nós, de alguma forma, carregamos. Às vezes, uma imagem ou uma frase me impulsionam a desenvolver uma cena inteira.

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Maria Tereza Alvim: Claro. Este trecho fala muito sobre as perdas que nos atravessam:

"É uma pena que a vida não tenha me dado tempo suficiente para conversar mais com a Mirtes, de filha para mãe... Mas tenho certeza de que em todos os lugares desse mundo por onde passou, tem alguém se lembrando dela, falando dela com carinho e sentindo saudades. Porque as pessoas boas morrem, mas as ações delas, não."

Conexão Literatura: Como o leitor

interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Maria Tereza Alvim: O livro está disponível na Amazon, no Google Books e no site da Editora Perensin. O livro tem também o site, www.mundodatereza.com.br. Nesse site tem conteúdo sobre os personagens do livro, as matérias de jornais, rádios e revistas que dei entrevista, e todos os links para adquirir o livro. E quem estiver interessado a entrar em contato diretamente comigo pelas redes sociais é só me seguir nos perfis @mariaterezaalvim1, @mundo.datereza e no Facebook Maria Tereza Carreira Alvim Artiaga.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Maria Tereza Alvim: Quando um escritor publica um livro, ele se torna eterno, entra para a eternidade. Eu vejo que há muito talento sendo produzido no Brasil, mas também muitos desafios. Falta incentivo à leitura desde cedo e o acesso ao livro ainda é restrito para muita gente. Devia ser obrigatório a “leitura coletiva” nas escolas. Por outro lado, temos leitores fiéis e autores independentes batalhando para manter a literatura viva. Acredito que o caminho está na valorização da

cultura e na democratização do acesso.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Maria Tereza Alvim: Sim, estou escrevendo o segundo livro da trilogia “O Peso do Silêncio”. A continuação vai aprofundar os dilemas da protagonista, Madalena, e trazer novas revelações de como o abuso sexual do passado na adolescência vai afetar a sua vida de adulta e seu casamento. Tenho também um romance que escrevi, quando ainda trabalhava no Palácio, para entrar num concurso em Minas, e que está na gaveta por anos, mas que pretendo publicá-lo.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Alienista, de Machado de Assis

Um ator ou atriz: Antônio Fagundes

Um filme: Jexi – Um Celular Sem Filtro

Um hobby: Artesanato em papel machê e cerâmica

Um dia especial: O dia que recebi o meu primeiro livro impresso.





**Gente
que ama
livros de
terror.**

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Entrevista exclusiva com Merton Somerset

POR ADEMIR PASCALE



ILUSTRAÇÃO

Merton Somerset é um escritor inglês que vive em Tarawa do Sul, Kiribati. Residiu por alguns anos no Brasil, onde iniciou a tradução de seus próprios textos para o português. Sua obra transita entre filosofia, teologia, sociologia e literatura, explorando temas como culpa, silêncio, tempo, absurdo e escuta. Mantém-se em anonimato por convicção estética, permitindo que seus livros se comuniquem diretamente com o leitor, sem intermediações biográficas.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Merton Somerset: Não sei se houve propriamente um “início” no meio literário. Seria mais honesto dizer que houve um afastamento lento, quase imperceptível, daquilo que costumamos chamar de realidade compartilhada.

Enquanto muitos começam a escrever para entrar no mundo, eu escrevi como forma de sair dele — ou ao menos de tentar compreendê-lo desde fora, ou desde dentro, num lugar onde as palavras ainda não são públicas.

Durante muito tempo, escrevi em silêncio. Sem intenção de publicar. Sem projeto

definido. Apenas uma escuta constante de algo que parecia falar por dentro, sem voz. Escrevi por necessidade, não por vocação.

Meu convívio com o que se poderia chamar de “meio literário” sempre foi distante. Nunca me senti parte de um circuito, de uma comunidade artística. Li muito, e sigo lendo, como quem ouve uma língua esquecida. Escrever, para mim, nunca foi sobre carreira, mas sobre ritmo interior — uma forma de atravessar o tempo.

Talvez, se houve um início, ele tenha acontecido num lugar onde o silêncio pesava mais que o discurso. Uma biblioteca abandonada. Uma igreja vazia. Ou um banco de praça onde ninguém mais sentava.

Hoje, olhando para trás, vejo que essa distância nunca foi recusa, mas condição. Escrevi porque precisava me aproximar de algo que não podia ser dito de outro modo.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “O Homem que Falou com Deus”, poderia comentar?

Merton Somerset: ‘O Homem que Falou com Deus’ nasceu de uma inquietação antiga: o incômodo com o modo como certos personagens da tradição foram empurrados para fora da escuta.

Judas Iscariotes, talvez mais do que qualquer outro, tornou-se um símbolo absoluto — da traição, da condenação, do limite ético. Sua presença na narrativa bíblica é quase sempre



silenciosa, mas carregada de significados prontos, como se nada mais pudesse ser dito sobre ele.

O livro começa com uma entrevista — não uma entrevista jornalística, mas uma tentativa ficcional de escuta íntima. Alguém, em um tempo e espaço não determinados, encontra Judas e o escuta. Ele fala. Não para justificar-se, mas para revelar as dobras do gesto que o definiu para sempre.

Mas a obra não termina aí. Há uma segunda parte, mais densa, onde se encena um julgamento metafísico de Judas. Não um tribunal terreno, nem religioso, mas uma espécie de rito — onde vozes diversas, representando

perspectivas éticas, espirituais, humanas e inumanas, são convocadas a opinar.

O objetivo não é absolver, nem condenar. É tornar a escuta possível. O julgamento é, na verdade, um espelho: ele nos devolve nossas próprias categorias de justiça, culpa, compaixão e medo.

Escrevê-lo foi como montar uma cerimônia que talvez ninguém tenha pedido, mas que de alguma forma se impôs. Um espaço onde o humano e o inominável se enfrentam em silêncio.

Para mim, não é um livro sobre fé. Nem sobre teologia. Muito menos sobre autoajuda. É um livro sobre a dificuldade de escutar o que já julgamos. E sobre aquilo que ainda não conseguimos — talvez nunca consigamos — perdoar.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Merton Somerset: Meu processo de criação talvez se pareça mais com um processo de escuta do que de invenção. Eu não costumo “criar” ideias — elas me visitam. Às vezes, ficam. Outras vezes, passam sem deixar bilhete. E há aquelas que voltam depois de anos, com outra forma, outra voz.

Escrevo em fragmentos. Em silêncio. Nunca começo sabendo o que será. Costumo me aproximar das palavras como quem se aproxima de uma

fogueira acesa em uma casa abandonada: com respeito, estranhamento e um certo temor.

Não trabalho com horários fixos, metas ou estruturas definidas. Trabalho com ausências. Com ritmos internos. Há dias em que escrevo quatro linhas e isso basta. Outros em que passo horas perseguindo uma frase que insiste em não nascer.

Minhas inspirações vêm de lugares muito distintos — e nem sempre literários. Sou profundamente tocado por tradições espirituais que lidam com o silêncio como linguagem: a teologia negativa, o misticismo judaico, os desertos da tradição cristã. Mas também por pensadores como Simone Weil, Borges, Clarice Lispector, Camus, Kafka, Levinas... E pelas ciências humanas, sobretudo quando se aproximam do abismo: a sociologia da morte, a psicologia do trauma, a antropologia do invisível, a filosofia do desespero.

Também encontro inspiração no cotidiano. Uma sombra numa parede. Uma frase dita por engano. Um gesto mal compreendido. Um silêncio que se repete.

Talvez meu processo seja esse: habitar o mundo como quem escuta um sussurro constante, vindo de um lugar que ninguém sabe ao certo onde está. E escrever para não interromper essa escuta.

Conexão Literatura: Poderia destacar



um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Merton Somerset: Sim, o trecho que destaque é este:

“— Quer me conhecer? Pois bem... eu sou Judas, filho de Simão, chamado Iscariotes. Para muitos, sou apenas um nome maldito, um traidor. Para outros, uma peça inevitável de um jogo que nunca esteve em minhas mãos. Mas o que sou para mim mesmo?

— Fui discípulo, fui amigo. Caminhei ao lado d’Ele, vi os milagres, ouvi as parábolas. E não pense que fui cego ou

surdo. Não, eu compreendia. Eu via algo n’Ele que ninguém mais via — ou talvez via algo que ninguém queria admitir.

— Mas me diga, o que exatamente você quer saber? Quer a história que os outros contam, ou quer a verdade que nunca foi dita?”

Destaco esse trecho porque, para mim, ele representa o momento em que Judas deixa de ser um símbolo e se torna voz. Não uma voz que busca justificar-se, mas que ousa perguntar: “Você está disposto a me escutar de verdade?”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Merton Somerset: Não há muito a ser descoberto sobre mim — e isso é intencional. O livro está disponível pela Orel Books, que tem cuidado com zelo e silêncio da edição da minha obra em português, por meio do Clube de Autores, em <https://clubedeautores.com.br/livro/o-homem-que-falou-com-deus>.

Quem desejar seguir os ecos da minha obra poderá encontrar fragmentos, pensamentos e silêncios nos meus perfis nas redes sociais (enquanto me deixarem!) e no meu site

(mertonsomerset.com, em desenvolvimento). Estou no Instagram (@mertonsomerset), Facebook (/mertonsomerset) e LinkedIn (/merton-somerset) — mas não como quem se mostra, e sim como quem sussurra.

O essencial, no entanto, não está nas redes. Está nas entrelinhas. E talvez, se houver escuta, também nas ausências.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura em seu país?

Merton Somerset: Falar da leitura em “meu país” é, para mim, uma tarefa estranha. Nasci na Inglaterra, vivi um tempo no Brasil e, há alguns anos, habito Tarawa do Sul, em Kiribati — um lugar onde o tempo é diferente e os livros são poucos, mas o silêncio é abundante.

Na Inglaterra, a leitura é parte de uma longa tradição. Há um respeito institucionalizado pelo livro, mas também certa saturação. Às vezes, tenho a impressão de que se lê muito para saber, mas pouco para ser afetado. Os livros ali são como retratos de família: estão nas prateleiras, são citados, mas raramente olhados nos olhos.

No Brasil, encontrei algo diferente. Uma sede de escuta. Não falo de estatísticas, mas de intensidade. Vi leitores que leem como quem busca ar, entre ruínas e esperanças. O livro,

por vezes, chega tarde — mas quando chega, explode. Há algo de urgência, de carne, de fé na leitura brasileira que me tocou profundamente.

Em Tarawa, quase não há livros. Mas há marés. E silêncio. E crianças que sabem contar estrelas. Aqui, a leitura acontece de outro modo: escuta-se o vento como se ele tivesse narrativas, e a ausência de páginas também ensina. Talvez por isso eu tenha vindo para cá — para reaprender a escutar antes de escrever.

Em todos esses lugares, o que mais me comove são os que ainda leem com demora. Com reverência. Com a disposição de serem transformados — não informados.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Merton Somerset: Sim, mas prefiro não os apressar com palavras prematuras. Tenho aprendido que cada livro carrega um ritmo próprio — e que a linguagem, quando forçada, se defende com o silêncio.

Há, no entanto, dois projetos que vêm me acompanhando há algum tempo. O primeiro é um livro de contornos alegóricos e filosóficos, com um tom mais irônico, que propõe uma travessia inusitada entre o cotidiano e o metafísico por meio da comida, da memória e do pensamento.

O segundo é uma coletânea de contos — ou fragmentos de experiências — que tratam da finitude, da consciência

e do invisível que pulsa sob a superfície da vida moderna.

Mas mais do que projetos formais, o que me move é a escuta. Escuto o mundo, as pessoas, o tempo e suas rachaduras. E às vezes, de tanto escutar, algo emerge — não como resposta, mas como tentativa de nomear o que ainda não sabemos dizer.

Se algo virá a se tornar livro, não sei. Mas sigo escrevendo como quem acende pequenas velas em corredores escuros. Alguma luz, talvez, se deixará ver.

Perguntas rápidas:

Um livro: “Os Irmãos Karamázov”, de Dostoiévski. Todo julgamento começa com uma pergunta sobre o pai.

Um ator ou atriz: Liv Ullmann. Poucos olhares sustentam tanto silêncio.

Um filme: “O Sétimo Selo”, de Ingmar Bergman. Um homem, uma dúvida, uma partida de xadrez com a morte — tudo o que um diálogo precisa.

Um hobby: Observar o mar em silêncio. Ou o que quer que reste do tempo entre uma onda e outra.

Um dia especial: Qualquer dia em que alguém escute algo que não estava dizendo.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Merton Somerset: Sim. Apenas isso: escrevo porque ainda há coisas que

não sei.

O livro que o leitor tem agora à disposição não é uma resposta. Nem uma tese. É um espelho velado. Um convite a escutar, mesmo — e sobretudo — aquilo que não compreendemos.

Se cada leitor, ao terminar a leitura, sentir que alguma pergunta permaneceu viva, então algo foi dito. Mesmo que não se saiba o quê.

Porque às vezes, o que mais importa não é o que está escrito. É o que ecoa depois.

Conexão Literatura: Há alguma pergunta que o senhor esperava ouvir — e que não foi feita?

Merton Somerset: Talvez. Mas o mais provável é que essa pergunta exista apenas no silêncio de quem lê.

Gosto de pensar que há perguntas que não precisam ser ditas, mas apenas habitadas.

Se alguém, ao terminar esta entrevista, sentir que ficou algo por perguntar, que essa pergunta permaneça. Talvez ela seja mais importante do que qualquer resposta que eu pudesse dar.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOL. VII

E-BOOK

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOLUME VII

Ademir Pascale
organizador

"Cada segundo é tempo para
mudar tudo para sempre."

— Charles Chaplin

Conexão Literatura



saiba mais: clique aqui

Entrevista exclusiva com Patrícia Ribeiro Rafael

POR ADEMIR PASCALE

Patrícia Ribeiro Rafael - Foto Divulgação



Patrícia Ribeiro Rafael é natural de Salvador, vive em Brasília e atua no serviço público. É apaixonada por natureza, música e artes visuais. Ama descobrir novos lugares, mas também se encanta com o cotidiano. Escreve um diário desde criança, como forma de canalizar emoções, e encontrou na escrita sua melhor voz. "A curva que a água faz no meu corpo" é seu primeiro livro, lançado pela Editora Patuá em 2024. A autora participa da antologia Nós 2 (2024), do Selo Off Flip, e foi classificada em 2º lugar no Prêmio Internacional Pena de Ouro (2024), na categoria conto. Para acompanhar seu trabalho com a escrita, acesse o perfil @patriciarafael.escrita no Instagram.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "A curva que a água faz no meu corpo" (Editora Patuá), poderia comentar?

Patrícia Ribeiro Rafael: "A curva que a água faz no meu corpo" é um livro de contos regados de erotismo. São onze histórias narradas pela mesma protagonista. Em meio a viagens, encontros e mergulhos no corpo, ela tece suas percepções sobre a vida. É uma leitura sobre encaixes e desencaixes, sobre ir em busca dos próprios desejos, com uma visão dos sentimentos como bússola e do prazer como potencializador da conexão consigo e com o meio. Conforme a narrativa se desenvolve, a personagem ganha força. Um livro que exala poesia, liberdade e coragem.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Patrícia Ribeiro Rafael: Desde pequena, gosto de ler e escrever sem pretensão. Na adolescência, quis escrever um livro, porém as tentativas não ultrapassaram as primeiras páginas. Não dei importância e coloquei o desejo debaixo do tapete. Mas os tapetes sempre dão um jeito de fazer a gente tropeçar. Já adulta, a vontade ressurgiu, porém com aquela mesma sensação de sonho inalcançável (“um dia, quem sabe”). De novo, não levei a sério e pus a ideia no cantinho do esquecimento. Até que em 2022 fiz um curso da Lua Menezes, que é escritora e terapeuta na área da sexualidade. Uma das tarefas sugeridas era a escrita de um conto erótico. Eu amei a experiência. Sempre me senti atraída pelo universo do erotismo e mergulhei com vontade na escrita do conto. Logo após, fiz uma viagem que me inspirou a escrever o segundo – e não parei mais. Sentia uma vontade imensa de continuar escrevendo contos. Lá pelas tantas, percebi que aquilo poderia virar livro. Terminei, revisei, mandei para leitura crítica, lapidei... Quantas vezes eu terminei esse livro... Até que soltei. Enviei para algumas editoras e logo tive o retorno da Patuá.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as



suas inspirações?

Patrícia Ribeiro Rafael: O impulso inicial é sempre intuitivo. Escrevo quando dá vontade. Então, quando percebo que aquilo está ganhando corpo e pode se tornar algo maior, escrevo também nos dias em que não me sinto inspirada. Geralmente flui. Minha avó adorava aquele ditado: “comer e coçar é só começar”. Acho que escrever também. E a delícia é justamente esta: perceber as conexões que surgem a partir da ideia inicial, a surpresa de ver a escrita trilhar rumos que eu não havia planejado. Dá trabalho, mas me divirto e me realizo quando ligo os pontos e

consigo organizar a bagunça da minha cabeça. Quanto à inspiração, ela está em tudo que permeia meu cotidiano e, claro, em colegas de escrita. Gosto demais dos textos de Lorena Muniz, Lua Menezes, Morena Cardoso, Rupi Kaur, Ryane Leão, Cristina Rioto, Luiza Leão, Zack Magiezi, entre outros.

Conexão Literatura: Quais desafios você encarou no processo de escrita e publicação?

Patrícia Ribeiro Rafael: O primeiro desafio foi entender que meu livro era livro: achar que estava bom o suficiente, que tinha consistência. Depois, tive receio de publicá-lo e me sentir exposta perante a família, devido ao conteúdo erótico, e receio de ser julgada no ambiente de trabalho, por conta da visão de mundo da protagonista. Embora seja um livro de ficção, muito do que acredito está nesses escritos. Mas a vontade de lançar a obra era maior, então segui. Foi difícil também me assumir escritora, mesmo após publicada, pois essa palavra parecia estar sobre um pedestal de intelectualidade no qual nunca me vi. Levei tempo até internalizar que, sim, sou escritora. Agora o desafio é fazer o livro chegar às pessoas desconhecidas.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Patrícia Ribeiro Rafael: Vou citar uma passagem do conto Barco-pirata: “Ele nunca me disse de onde veio, mas eu soube ao lamber o céu da sua boca e sentir gosto de lar: o céu é nossa origem. Cavalos-marinhos nos trouxeram para experimentar a vida aqui embaixo (...). Ele me encontrou para me recordar de onde vim. Beliscou minhas nadadeiras enterradas nas pedras do aquário e me forçou ao movimento. Me fez lembrar que sou correnteza: posso quebrar o vidro e me derramar onde pertença. Posso virar sereia e nunca mais vender minha voz para caber em lugares onde não respiro. Eu, que já fui mar, lago, cachoeira, até poço já fui, não mereço ficar domesticada num quadrado, comendo ração em vez de caçar o alimento do meu desejo. Ser aquário era pior que ser poço: no fundo do poço, a gente ainda sente.”

Conexão Literatura: Você criou uma playlist no Spotify para cada conto do seu livro, caso o leitor prefira ler com música. Fale mais a respeito.

Patrícia Ribeiro Rafael: A música tem o poder de transformar meu dia. Às vezes leio com música para tornar a leitura mais sensorial, então pensei em trazer essa experiência ao leitor. Em “A curva que a água faz no meu corpo”, as canções das playlists conversam de alguma maneira com o conteúdo dos contos, ainda que não

sejam necessariamente as mesmas citadas nas histórias. Algumas pessoas me contaram que não conseguiram ler com a trilha sonora porque acabavam perdendo o foco. Outras conseguiram e gostaram. Vai de cada um.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Patrícia Ribeiro Rafael: O livro está à venda no site da editora Patuá, na Amazon ou diretamente comigo. Para adquiri-lo, basta acessar <https://linktr.ee/patriciaribeirorafael> e escolher a forma de preferência. Lembrando que os exemplares enviados por mim podem ir com dedicatória nominal. Os leitores também podem me seguir no Instagram @patriciarafael.escrita, onde compartilho sobre meu trabalho literário, conteúdos que me inspiram e, eventualmente, meu cotidiano.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Patrícia Ribeiro Rafael: As pesquisas apontam que mais da metade dos brasileiros não lê livros, e a literatura contemporânea nacional (de ficção) não costuma se destacar entre os mais vendidos. Muita gente compreende a ficção como algo

supérfluo, mero entretenimento, mas é possível aprender com ela. A gente aprende de forma lúdica, por vezes inconsciente. Mergulha nos personagens, se encanta, se inspira, ama e sofre junto. A gente se sensibiliza, enxerga outros pontos de vista. Essa é a magia da ficção. E, mesmo que determinada leitura não resulte em lição, nem tudo precisa ser utilitário. O entretenimento saudável é vital. Conseguir desopilar atualmente é quase um milagre. Eu redescobri meu gosto pela leitura quando voltei a ler ficção e quando passei a ler poesia contemporânea, especialmente a produzida por mulheres. Me sinto feliz por incentivar a arte de pessoas vivas.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Patrícia Ribeiro Rafael: Eu acabei de escrever meu segundo livro e estou buscando um canal para publicação. É um livro de poesia, que trata de um relacionamento disfuncional, numa linguagem mais ácida. Tenho também um projeto mais antigo, que surgiu antes dos contos. Mas, naquela época, a ideia de escrever um livro ainda era etérea. Então comecei a escrever os contos e eles atropelaram tudo. Me reviraram. Nasceram. E vi que era possível. Em seguida, veio o segundo livro, que também me atropelou. Se nada mais me engolir no caminho, esse projeto será o terceiro livro. Ele

está aqui me olhando desencantado. “Até quando a senhora vai me deixar na reserva, meu anjo?”. Melhor escrevê-lo antes que desista de mim. Ideias têm asas e, assim como vêm, vão embora atrás de alguém mais disposto. Aprendi isso com Liz Gilbert, no livro Grande Magia, e achei linda essa concepção das ideias como entidades vivas flutuando em busca de canal.

Perguntas rápidas:

Um livro: Manifesto Crisálida (Morena Cardoso)

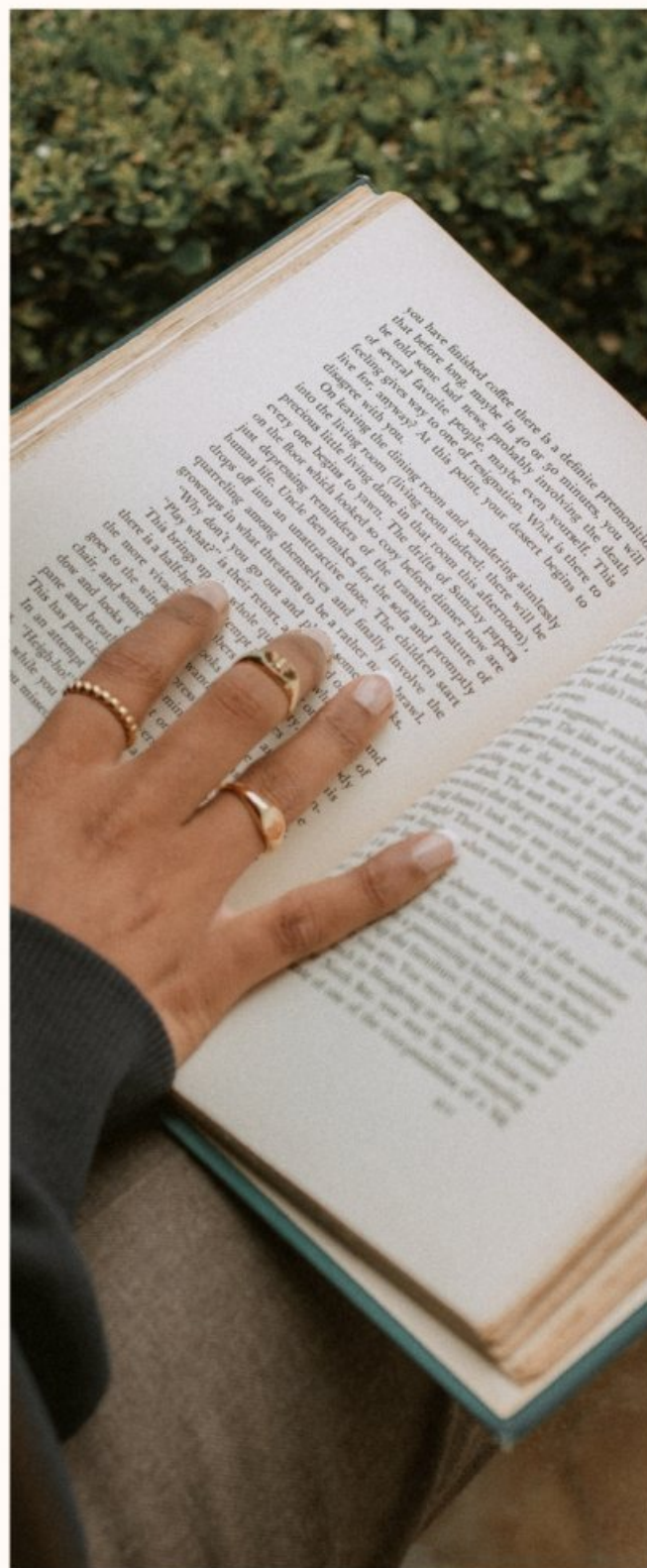
Um filme: O Fabuloso Destino de Amélie Poulain

Um hobby: fazer trilhas

Um dia especial: todo santo dia em que consigo sair do automático

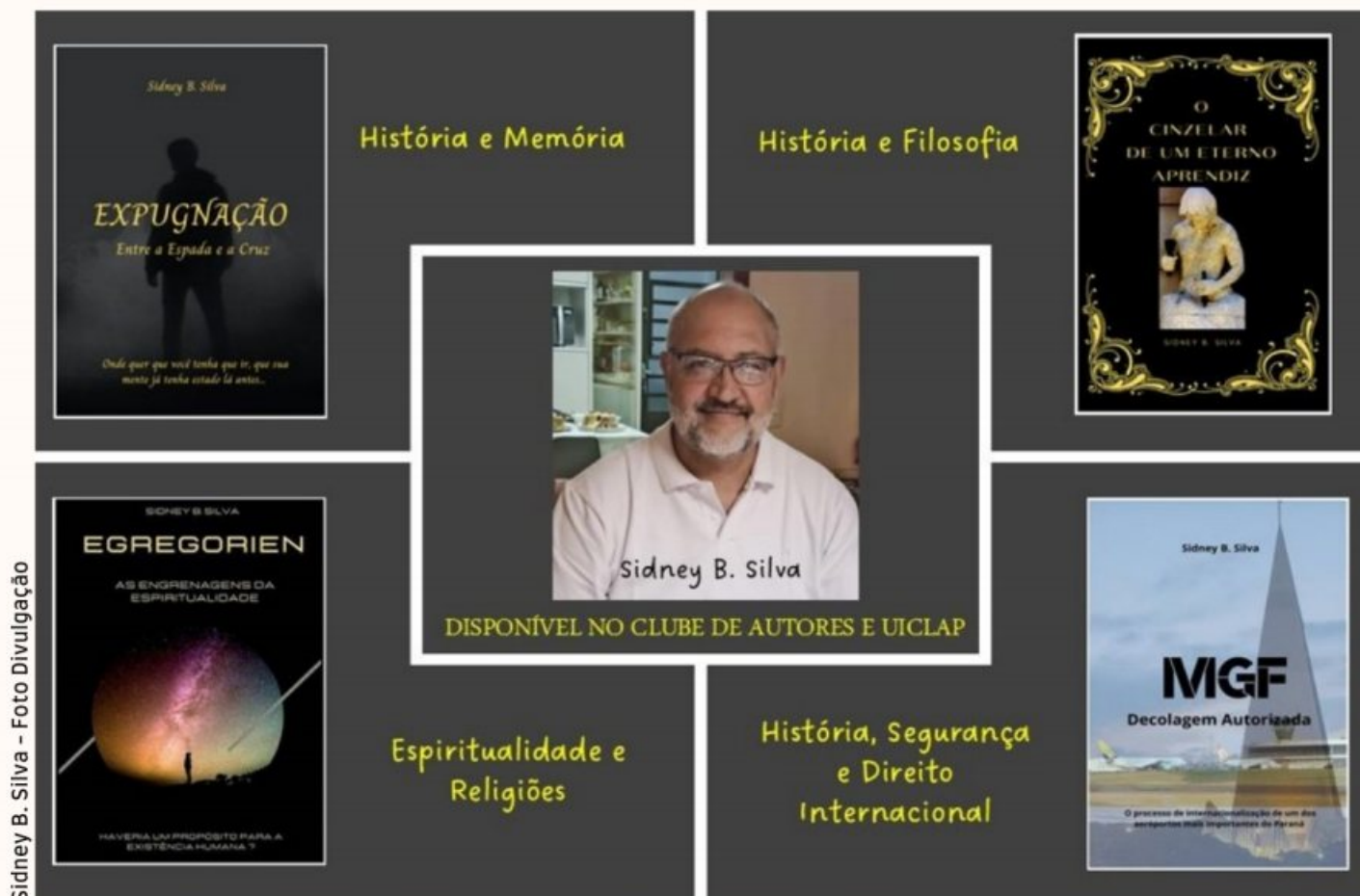
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Patrícia Ribeiro Rafael: Ah, sim: aos que forem ler “A curva que a água faz no meu corpo”, sugiro que leiam os contos na ordem. Eles são independentes, porém existe uma cadência entre as histórias. No mais, agradeço pela oportunidade de compartilhar aqui.



Entrevista exclusiva com Sidney B. Silva

POR ADEMIR PASCALE



SIDNEY B. SILVA – Sou historiador e escritor com formação em História e Direito. Tenho me dedicado a buscar um tipo de espiritualidade fora das religiões tradicionais, mas com respeito e consideração as crenças de cada pessoa e as religiões que escolheram seguir. Também me dedico ao estudo da filosofia e do comportamento humano. Minha experiência profissional é na área da segurança pública e segurança aeroportuária onde trabalho a mais de 40 anos.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Sidney B. Silva: Eu sempre gostei de estudar a história dos povos e das religiões e sua relação com a espiritualidade. Também sou um estudioso do Direito Internacional Público e sua relação entre as Nações. Durante os cursos de graduação, escrevi

alguns trabalhos sobre História e Direito e ministrava palestras sobre espiritualidade e sua relação com a existência humana. Foi durante o período de isolamento provocado pela pandemia do Covid-19 que resolvi me dedicar a organizar meus estudos e textos na forma de livros para uma futura publicação, pois seria uma forma de registrar e compartilhar meus estudos.

Conexão Literatura: Você é autor dos livros Expugnação, Egregorien, MGF e O Cinzelar de um eterno aprendiz, poderia comentar?

Sidney B. Silva: Com exceção do livro MGF - Decolagem Autorizada, que tem uma proposta mais técnica e voltada para a segurança aeroportuária com foco no Direito Internacional Público e uma abordagem história de um dos aeroportos mais importantes do Paraná, os livros EXPUGNAÇÃO, EGREGORIEN e O CINZELAR DE UM ETERNO APRENDIZ tem uma proposta mais voltada para o estudo da espiritualidade, com foco na filosofia e na história dos povos e das religiões, cujo objetivo é levar o leitor a refletir sobre suas crenças, superstições e medos, respeitando-se as crenças e religiões que cada um professa em seu coração.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as

suas inspirações?

Sidney B. Silva: Meu processo de criação é baseado em estudos e pesquisas de fontes confiáveis, cujas referências bibliográficas são citadas ao final de cada livro, com exceção do livro Expugnação, que retrata quatro décadas de vida profissional dedicada a combater o crime. As lições de superação, frustração, medo e a busca da espiritualidade, onde muitas vezes nos encontramos entre a espada e a cruz.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de um dos seus livros especialmente para os nossos leitores?

Sidney B. Silva: Nenhum de nós é tão bom que não cometa erros, nem tão ruim, que não possa melhorar. Viver é enfrentar desafios, pois o arquiteto de nossas aflições e inimigo de nossas oportunidades, se apresenta todos os dias quando olhamos no espelho e precisamos lutar, para não deixar ele vencer. (Expugnação - página. 217).

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Sidney B. Silva: Sou um escritor empreendedor, e aprendi a criar todas

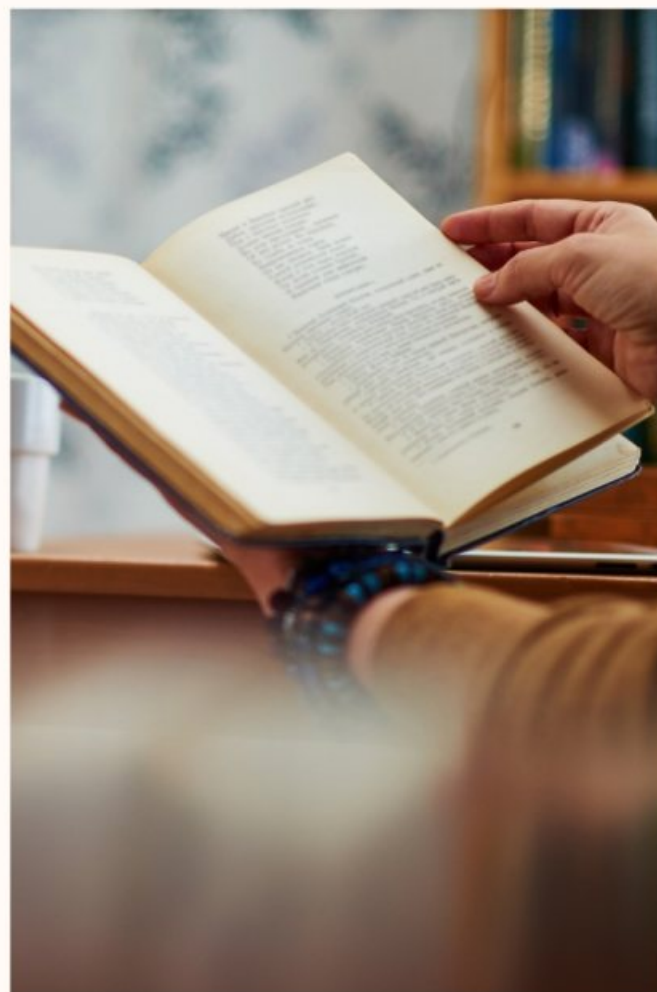
as partes dos meus livros, desde capa, diagramação, revisão e publicação. Assim, optei pela publicação na plataforma do CLUBE DE AUTORES e na plataforma UICLAP, onde os livros são vendidos e fabricados sob demanda, o que diminui o custo de publicação, tanto para o autor, quanto para o leitor. Os livros também são disponibilizados no site da Amazon.com.br e Estante Virtual, por enquanto, apenas no formato físico, pois ainda estou aprendendo a publicar no formato EPub. Os leitores também podem conhecer meu site <https://www.sidneybsilva.com.br> e me seguir no Instagram e facebook, cujos links se encontram no site.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Sidney B. Silva: Acredito que os brasileiros dedicam muito pouco tempo à leitura, o que prejudica muito o mercado editorial. Temos ótimos autores brasileiros, muitos são desconhecidos e se tornam conhecidos, somente quando suas obras são reconhecidas no exterior. Esperamos que no futuro, com o aumento da projeção do trabalho de divulgação pela forma digital, nossos escritores consigam mudar essa perspectiva.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Sidney B. Silva: Sim, já estou



trabalhando em outro livro que pretendo publicar em 2026.

Perguntas rápidas:

Um livro: A BÍBLIA - ANTIGO TESTAMENTO

Um ator ou atriz: Denzel Washington

Um filme: O Livro de Eli

Um hobby: Motociclismo

Um dia especial: Hoje

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Sidney B. Silva: “Onde quer que tenhamos que ir, que nossa mente já tenha estado lá antes.”

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org



Citações de Grandes Autores

“O mais feliz dos felizes é
aquele que faz os outros
felizes.”

- Alexandre Dumas



A detailed illustration of a woman with brown hair styled in a bun, wearing a light-colored Regency-style dress with a lace collar. She is sitting on a windowsill, looking out a large window with white frames. The scene is bathed in warm, golden light, suggesting late afternoon or early morning. A potted plant with white flowers sits on the windowsill to her right. The background outside the window shows green foliage.

“Conheça sua própria felicidade. Você não quer nada além de paciência - ou dê um nome mais fascinante, chame de esperança.”

- Jane Austen
(Razão e Sensibilidade)



participe das nossas

Antologias



Tire o seu conto ou poema da gaveta

Saiba mais
CLIQUE AQUI

www.revistaconexaoliteratura.com.br



AVENTURAS DE UM ROMANCISTA

POR ROBERTO MOLLERO TOMÉ

Ele era um romancista, um homem apaixonado pelo amor, apenas mais um amante entre os inúmeros sonhadores, ansioso pelo desejo de encontrar um amor recíproco, aquele tipo de amor verdadeiro que dura a vida inteira.

A busca incessante que iniciou nos primeiros dias de escola, ainda na infância. Quis o destino colocar ao seu lado, naquelas antigas carteiras duplas de madeira, quase sempre, bambas e barulhentas. Aquela garotinha de cabelos loirinhos finos, sardas espalhadas pelo rostinho redondo, demonstrando um sorriso tímido, devido à atrasada troca em sua dentição. Talvez criança demais para as coisas do amor, mas ela adorava pedir para ele escrever versinhos em forma de bilhetinhos. Pedacinhos de papel arrancados de um suado caderno, brochura, palavras inocentes, sentimento pueril que ele entregava para ela todas as manhãs, mas ela era brincalhona e entre as aulas ou no recreio, ela adorava ficar com as coleguinhas dela, mostrando os bilhetinhos e todas riam dele.

A infância, apesar de ter sido ótima, não demonstrou ser muito funcional, mas a juventude era a realidade naquele momento. Os jovens, em sua grande maioria, pareciam estar mais preparados para as coisas do amor, porém ainda imaturos e a descoberta da sexualidade confundiu a cabeça de muitos. Vinha dos professores as orientações sobre livros obrigatórios, de autores brasileiros, Machado de Assis, Joaquim Manoel de Macedo, mas o dinheiro era curto nas escolas públicas, fazendo os alunos recorrerem às bibliotecas públicas, que com poucos recursos, possuíam poucos livros e os atrasados tinha que esperar na fila. E foi em uma dessas filas que o agora jovem romancista notou sobre o balcão livros de Cassandra Rios e Adelaide Carraro, e na leitura se perdeu. Distraiu a bibliotecária e pegou sorrateiramente os livros, ainda desconhecedor de que se tratava de uma leitura censurada até para adultos, mas não para o entusiasta olhar juvenil. Despreparado, os conhecimentos expressos em palavras confundiram a mente inocente daquele jovem, que tentou agregar essa novidade em sua busca pelo amor recíproco, e com isso agiu desajeitadamente.

Como se tivesse encontrado o Santo Graal para a vida adulta, o jovem romancista sofreria as decepções pela sua precipitação em avançar no tempo, criando uma maturidade ingênua, gastou um tempo mais que o necessário, até aprender, que o pular de pernas em pernas era tão somente, o caminho mais fácil para o vazio da solidão. Ainda em tempo, reencontrou o rumo quando descobriu a paixão na música pelos discos de vinil, e com esses, sim, ele se deu conta de que valia a pena pular de discos em discos, de música em músicas e o amor voltou a correr quente por suas veias. O jovem romancista decidiu seguir passo a passo a receita dos antigos, acreditando que, assim, encontraria finalmente o amor recíproco. E no próximo carnaval, conheceu em um salão de baile uma garota, por quem se apaixonou e começou a namorar, passeios, barzinho, shows, bailes e viagens a praia, até o casamento, seguiu passo a passo, a receita, mas o amor que parecia ser recíproco, pela bondade e generosidade, mostrou que a reciprocidade que acreditava viver, era tão somente por sua utilidade, ele não era amado, era somente útil.

Agora, um homem, carregando em seu coração ferido as memórias daquele jovem romancista, constatou que a suposta felicidade em seguir, passo a passo as regras antigas, eram infundadas, e para quem reclamar?

Conselhos dos mais antigos talvez já não se apliquem mais aos dias atuais, foi quando os livros de autoajuda se tornaram moda e passaram a ser a nova filosofia para uma vida plena. E por que não reclamar com quem também tivesse o que reclamar?

Foi através do trabalho, entre reuniões e viagens, que aquela colega que vivia reclamando de tudo poderia ser a solução. Linda, vistosa, elegante, mãe e, mesmo ainda casada, discretamente manifestava interesse em expandir o convívio além do expediente. E foram muitas horas extras reclamativas, só que de reclamações divergentes, os objetivos eram completamente diferentes. Aquela atraente ideia, que teria tudo para funcionar se o coração dele não fosse ávido em ser amado, só dilacerou ainda mais suas feridas. Quando a razão se sobrepôs à emoção, a busca pelo amor tornou-se utopia. Foi quando o romancista descobriu que passados diferentes podem até se encontrar, mas somente futuros semelhantes é que permanecerão juntos. O propósito é a diferença entre o ocasional e o eterno.

Desfazer das conquistas materiais e permanecer com o que considerava o melhor a oferecer foi uma decisão radical, sustentado pelo seu inconsciente. O desapego financeiro, ou por bens materiais, foi reconhecido, pelo fato de sempre se sentir somente útil ao invés de amado. Apesar de ainda acreditar no amor, o já ancião romancista viu os dias atuais tornarem as pessoas imediatistas e egocentristas, juntando ou confundindo paranoia com neurose, muitas não dispostas ou sem saberem como oferecer, o que desejam receber. Percepção que fez o ancião romancista recuar em sua busca.

Nada é tão certo quanto a incerteza, na ausência, lá estava presente e na presença, lá estava ausente. A proximidade dos anos finais queima diante dos seus olhos, como um fogo sagrado, o ancião romancista caminhando sobre as cinzas e brasas do seu próprio despertar. Sentindo o bater do tambor pulsando no seu peito, quando o silêncio da memória chamou, evocando os romances perdidos no passado, fazendo os minutos virarem horas, os dias se tornarem anos, o relógio virou um aliado ingrato, foi descartado do seu pulso. Quando o segredo desaparece no escuro dos olhos, a luz pode surgir daquela tela iluminada pela tecnologia, cheia de magia e mistério, pode ser a arma com a qual, o destino em desacordo com o desejo, enfrenta os traumas, a superstição conclamada pelo vento amaldiçoado se acalma, só o girar pagina pode ser capaz de paralisar e quebrar o feitiço prazeroso enviado, criando o espaço digital.

Um mundo de possibilidades infinitas, poderosamente tão fascinante, quanto a imaginação emocional de uma criança descobrindo a vida. Visto como saudável, se olhado com a pureza inocente de um coração, ou problemático, se visto com o olhar dissimulado e agressivo da maldade ou inveja de uma alma na escuridão. De qualquer forma, o resultado quase sempre condiz com o que se deseja encontrar. Quase sempre, porque nada é perfeito e falhas podem acontecer, algoritmos desastrados trombando pelos conectores podem complicar, pausar e até travar, retornando aleatoriamente o inesperado, mesmo que inconscientemente desejado. A rapidez em satisfazer a curiosidade ou o desejo de aprender, expressada em cada pesquisa que as pessoas fazem, nesse imenso mundo digital virtual, causa a inesperabilidade das inseparabilidades, tornando o antes desconhecido em algo concreto e ao alcance das mãos.

Foi no decorrer de “enter” e “delete”, “PgUp” e “PgDn”, cliques e visualizações em links, que o ancião romancista se deparou com um novo mundo, se tornou um browser e assim como os antigos navegadores, corajosos descobridores de novas terras, o ancião romancista se pôs a explorar, navegando na web pelo lado obscuro dos pecados e prazeres, caiu em algumas armadilhas. Quando a paixão o guiou para o infinito campo das pesquisas, ele encontrou a amizade superficial de utilidade, sem ostentações ou segundas intenções, um tipo inimaginável de existir, porém, real. Uma amizade pura, nascida e enraizada na paixão em comum, pelo mundo das letrinhas, pelo universo da música e pela magia dos filmes.

Assim como as centenas de bilhões que habitam o mundo virtual, atravessando incontáveis cabos de fibras óticas, eles foram somente dois algoritmos, que se esbarraram na curiosidade de uma pesquisa, gerando ou despertando algum tipo diferenciado de holograma quântico espiritual. Só que, assim como a retina necessita do piscar dos olhos para viver, os dedos precisam mover-se, para que os algoritmos sigam seu caminho, realizando as tarefas programadas em seu processador. E, apesar de que tudo possa ter sido planejado, em algumas das inimagináveis centenas de nebulosas espalhadas pelo universo, apesar dos céticos resistirem. Dizem algumas teorias ainda não comprovadas, que os dedos podem falhar, intencional ou casualmente, e pressionar duas ou mais teclas ao mesmo tempo, gerando uma falha ou travando o sistema. Então, não é impossível que os mesmos dedos, mesmo que outras diretrizes, voltem a estacionar no tempo, retornar naquela mesma encruzilhada, só por alguns instantes, para trocar dicas sobre filmes, discos, passeios ou livros. E talvez, quem sabe, possam até por alguns microssegundos sentir, utopicamente, o prazer imaginário de uma amizade pura, a qual nada espera, nada cobra e nada promete. Um tipo de amizade pertinente, a inexplicável aberração dos previsíveis, como diz a jovem lenda cibernética, difundida por um desconhecido romancista sequestrador de noites: fascinantes são os mistérios da conexão com o desconhecido que deixam marcadas as suas digitais na alma de quem as visualizou.

Magos, filósofos, leigos ou estudiosos não podem afirmar, mas também não descartam: O desconhecido, como um ponto de partida ou de chegada.

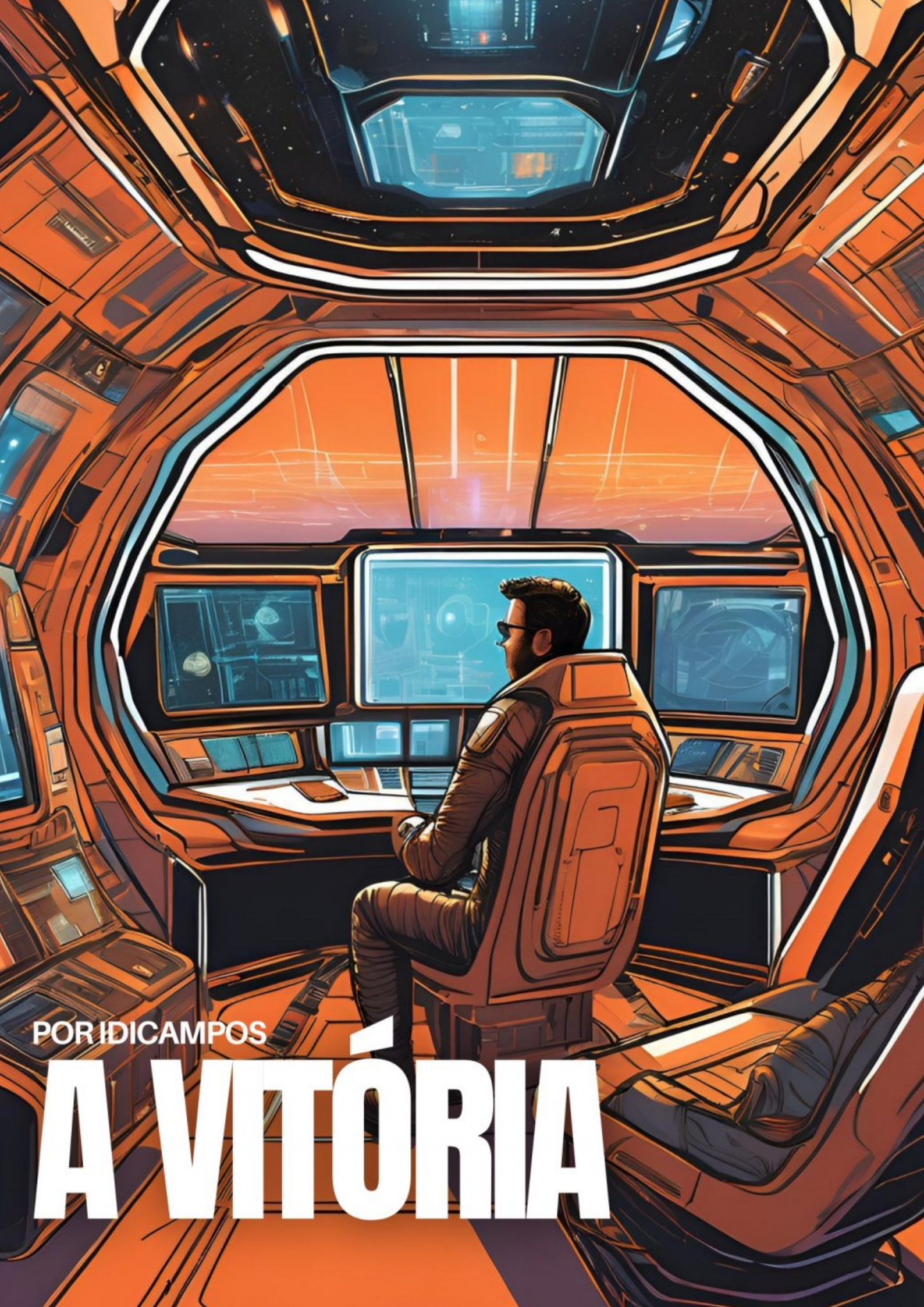
E aprendendo com o desconhecido, explorando internamente as fantasias da imaginação, passando pelas desilusões das desilusões, e tendo a paixão pelas letrinhas, como herdeira de uma acidentada vida amorosa. Na pele arrepiada de um ancião romancista, os delirantes desejos, confundidos ou não vividos, se tornaram fantasias afetuosas. Onde muitos sonhos interrompidos, frustrações, erros ou acertos foram destinados à caracterização de muitos dos seus personagens, e foi assim que, quase no final da história, o romancista se libertou, prisioneiro das páginas descritas pelo criador, deixou para trás seu passado amargurado, ganhando uma nova lucidez, nas lágrimas que causará na imaginação do leitor.



Roberto Mollero Tomé, nascido em 1960 na cidade de Santo André em São Paulo, formação em Comércio e extensa vida profissional pela região do Grande ABC, Qualidade e Projetos Avançados. Aposentado encontrou tempo para a escrita, passou a compartilhar histórias nas redes sociais em forma poemas. Em 2020 durante a pandemia começou a publicar alguns contos na Revista Digital Conexão Literatura, tendo também publicado alguns livros pela plataforma Uiclap. As Aventuras de um Romancista é o seu sexto conto. Tomé que foi indevidamente retirado dos registros é uma homenagem aos seus antepassados.



Quando abro um
livro, também abro
minha mente.



POR IDICAMPOS

A VITÓRIA

Ufa! Por pouco. Acordava na cápsula em um ar-condicionado de primeira qualidade, acomodado naquela poltrona ergonômica, num assento capaz de massagear desde o contorno da nuca até o início da coluna.

Despertava de uma quarentena no cume do universo, desmiolado, sozinho, com a memória descarregada, flutuando feito fumaça. Afinal, agora, nos confins do cosmos, nem a religião existia mais, Deus manifestava a onipresença, a onipotência e a onisciência diante do astronauta. Com êxito, Gervásio conquistara a solidão, estava predestinado a comemorar os louros da vitória sobre o destino.

Levantou, piscou os olhos, o café foi servido. Ergueu a sobrançelha o misto quente materializou-se no prato. Acionou o dispositivo sanitário acoplado ao bumbum e despejou os detritos à revelia no universo.

Finalmente a vitória, o homem vencia o criador através da cibernética, o paraíso da robótica constituía endereço no céu: uma engenhoca maravilhosa, um projeto surpreendente. A inteligência artificial havia dominado as relações do capital com o trabalho, substituíra os trabalhadores por robôs.

Love End, o Adão do futuro, o cosmonauta solitário, despertava pra uma realidade gerada pela arrogância do complexo de super-homem. Um personalista convicto, que se bastava na cachola. Continha a essência do egoísmo, rejeitava a empatia com o semelhante.

A objetivação da vida, aliada à ganância, remetia à infância em São Mateus, no bairro de Éden. Descendia da miséria material, crescera respirando o cheiro desagradável da vala a céu aberto; topava qualquer rolo pra escapar dali.

Excluído da sociedade de consumo, relativizou os conceitos, encontrou conforto no caráter duvidoso do homem contemporâneo. O anti-herói formado nas ruas de barro da periferia, presenciara os horrores das relações contraditórias do crime organizado com os representantes da lei. Love sabia da desonestidade do povo, isto justificava o seu descaso com o sofrimento alheio.

Quando adulto, roubou as economias da própria mãe, saiu de casa, visitou o Paraguai, produziu uma barraca de produtos genuínos do país vizinho. Desenvolveu o comércio baseado no desvio tributário na cidade do Rio de Janeiro, no camelódromo da Uruguaiana.

Gervásio, vulgo Love End, apesar de assexuado, conquistou esse apelido imitando o Capitão América em apresentação de strip-tease na boate Batom Vermelho, em Vilar dos Teles, a cerca de três quilômetros da sua moradia.

Progrediu no contrabando, parou de dançar no inferninho, falsificou a certidão de nascimento, adotou o nome Love End dos Santos. Na sequência, deitou na sopa, virou referência na commoditie de produtos falsificados, ficou conhecido como o rei do precinho baixo.

Enxergou uma oportunidade promissora em moeda digital, encerrou o negócio de receptor de bugigangas, arriscou cem por cento do capital em moeda digital. Multiplicou a aplicação, mergulhou na grana... Alucinado por lucro, deu um golpe no mercado financeiro, arrumou passagem apenas de ida para New York. Desapareceu das vistas dos credores, deixou os investidores a Deus dará.

Na terra do Tio Sam, aprimorou o inglês, montou uma loja de peças de automóvel, prosperou no setor de reposição automobilística e comprou a nacionalidade estadunidense. Praticava venda casada, negociava a peça mas também instalava no veículo. O faro comercial apurado dilatou os ganhos, começou a produzir carros esportivos movidos à energia solar.

Embora criticasse os ecologistas, no entanto, aproveitava a luz solar para impulsionar o movimento dos carros de última geração. Explorava as riquezas do solo, poluía o ar, infectava a água, porém ironizava o aquecimento global, desdenhava dos limites da biodiversidade.

Diversificou as atividades financeiras, ingressou no partido político, manipulou os pares, assediou os corruptos, conduziu o marketing agressivo, mentiu nas redes sociais, explodiu em popularidade. Ingressou no parlamento no cargo de deputado, logo elegeu-se governador. Num estalo de tempo sentava na cadeira do ministério da defesa.

O ministro da defesa Love End chefou o ministério tipo um empreendimento. O negócio da morte progrediu a passos largos. Acertava a propina nos contratos de armamento na maior cara de pau, levava os fornecedores na maciota. À medida que a paz recuava, a morte avançava. Love enriqueceu com a desgraça humana.

Love End, podre de rico, retirou-se da política, passou a ser o maior empresário da indústria bélica do mundo. Vendia estalinhos, bombinhas, cabeções, balas de revólver, projéteis de fuzil, quaisquer artefatos de extermínio. Possuía por máxima: dinheiro na mão e dedo no gatilho.

Perseguido pelos pacifistas nos Estados Unidos fugiu da opinião pública; entretanto, abriu uma sucursal na Inglaterra da empresa Love Bum! Transferiu o endereço para Londres, em frente ao castelo do rei.

Articulado, muito exibido, empinou o nariz abarrotado de soberba, agilizou o jeitinho brasileiro — rapidinho — adaptou-se aos detalhes da frescura inglesa... Entrosou com a nobreza, puxou o saco do rei, acabou frequentando os chás da corte, parecia um nobre com título comprado na internet.

Aproveitava as reuniões nos salões da monarquia para alavancar a influência na política de proliferação das armas. Na fofoca da burguesia, estreitava os contatos, ampliava as relações internacionais. Com essa lábia, conheceu inúmeros chefes de estado, forçou a barra, conseguiu uma concessão para fabricar bombas atômicas.

A iniciativa privada de construir a bomba atômica alegrou os acionistas, as ações da empresa Love Bum subiram a jato. Os cientistas iniciaram o projeto, estava em curso a maior façanha da indústria bélica: a bomba prometia rachar o planeta, numa única explosão incineraria a vida na Terra.

A humanidade reclamou nos tribunais mediante o sucesso da invenção, contudo, não logrou êxito. Os jovens cobraram o direito ao futuro, os animais gritaram, as plantas expressavam indignação. Todavia, ninguém sabia o local da instalação bombástica para detê-la. Os funcionários da Love Bum desenvolveram um escudo invisível que assegurava o segredo do endereço da superbomba.

Love End chutou o balde, começou a chantagear os países, estipular regalias, impor condições as mais bizarras possíveis. Referendou o status de bacana, transferiu-se pra um palácio em uma ilha particular, colocou na garagem vários carros de luxo,

acomodou um helicóptero supersônico no quintal da mansão, compôs um guarda roupa de monarca, esbanjava status. Arrastava por onde andava uma legião de interesseiros.

Em relativo percurso, referendou o título de homem mais rico do mundo. O bilionário Love End dos Santos discriminava as etnias, as opções sexuais e as classes sociais. Raspou a cabeça, livrou o couro cabeludo do cabelo duro, submeteu-se a clareamento de pele, anexou aos olhos umas bilhas azuis, enveredou num clamor de invejar a raça ariana.

Em uma instalação subterrânea, no meio do Oceano Pacífico, ocultava a Bomba Eva, a obra-prima da tecnologia. Batizada segundo os ditames de um ritual para conduzir a existência humana ao paraíso, ao recomeço, ao início de tudo: do pó viemos, ao pó retornaremos.

O destruidor trazia na cabeceira da cama o botão apocalíptico. Bastava um toque pra desintegrar o integral, mover o piso firme, aniquilar o sorriso da tarde, desalojar o beijo de amor, acabar com o abraço amigo. O botão violeta eliminaria pra sempre as coisas ligadas à leveza do ser.

O humor de Love End, o genioso anticristo, detinha o poder do ponto final. A qualquer momento, poderia detonar a criação divina. Ele dormia numa cápsula integrada à arquitetura do palácio. Cercado de todo conforto, abastecido de recursos, pronto para ser o único sobrevivente da explosão. A detonação da superbomba aguardaria à projeção do foguete na atmosfera, após Love está são e salvo no espaço.

Entediado com a monotonia da fortuna, desenvolveu uma depressão crônica. Desalojou os miolos no cérebro, perdeu a lógica, dizia coisas sem pé nem cabeça... Distraído da sanidade, ingeriu drogas demais, esqueceu os acontecimentos pregressos, displicente consigo, apertou o botão violeta ao lado direito do dormitório.

A espaçonave alçou a aceleração vertical. A geringonça, envolta em metal resistente, disparou rumo ao infinito... Lá de cima, Love testemunhou, drogado, o planeta Terra esfacelado em milhares de pequenos pedaços.

Em instantes, acompanhado de uma amnésia profunda, esqueceu o manejo dos controles da nave. Pirou na gravidade, evaporou na Via Lacta... Desparafusado de si mesmo, escafedeu e nos legou a retórica do fim da nossa história.

Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA **ESCRITORES**

DIVULGUE O SEU **LIVRO** CONOSCO

*Especialista em divulgação
de livros e autores*

DIVULGUE PARA

MAIS DE

1

MILHÃO DE

SEGUIDORES

APENAS

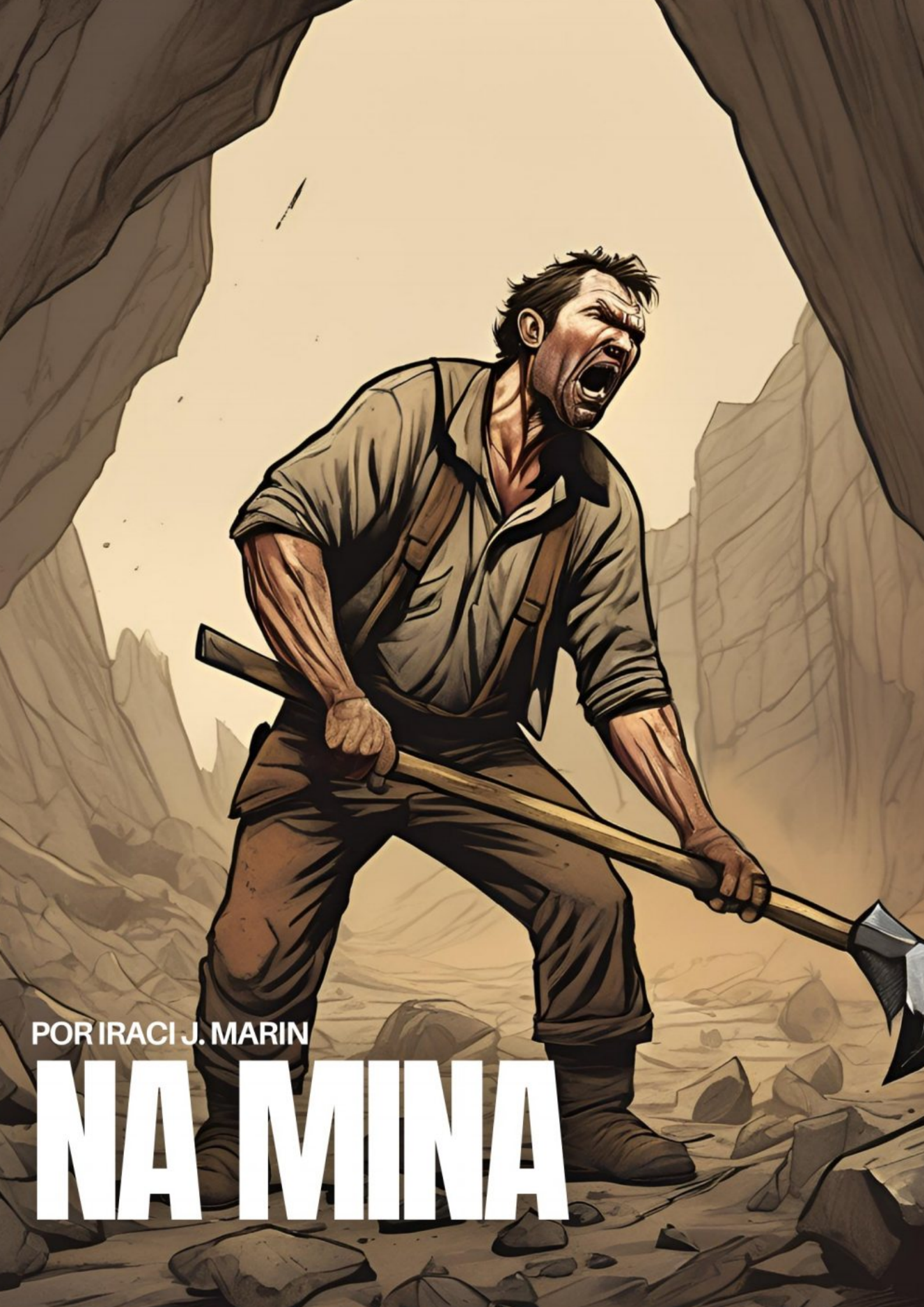
R\$ 180,00

Entre em contato:

e-mail: ademir@divulgalivros.org

revistaconexaoliteratura.com.br





POR IRACI J. MARIN

NA MINA

A mina fora descoberta por acaso num recôndito lugar e centenas de obreiros foram recrutados para a extração do minério. Ali nascia, mais uma vez, a glória da pátria, saudada nos salões oficiais e aclamada nas igrejas e escolas.

HX foi o último a ser contratado. Viera com a família, depois de exaustiva caminhada.

Chegou de noite em casa, ao final do primeiro dia de trabalho no interior profundo da mina. A casa era uma construção rude, de tábuas, com dois compartimentos, e assoalho de terra, onde os filhos brincavam àquela hora. Abriu a porta devagar. As crianças viram uma figura escura e decomposta entrando, então correram para fora aos gritos, assustando a vizinhança. A mulher estava de conversa com a vizinha. Ouviu os gritos e foi ver o que era. "Meu Deus!" – falou horrorizada, levando as mãos ao rosto.

Passados meses de sofrimento continuado, ele e outros procuraram um dos chefes da empresa, que nem olhou para eles. Pediram menos horas de trabalho e que tivessem dia livre para ir à igreja. Sem levantar os olhos, o chefe gritou: "Se não quiserem trabalhar assim, podem ir embora". Permaneceram ali: queriam outra resposta. Ela não veio. HX falou, com tremura na voz, que ele e seus companheiros trabalhavam demais. O chefe então olhou para eles e bateu forte na mesa. Momento depois, eram empurrados para fora do recinto pelos guardas de plantão.

O tempo passou e ele começou a sentir estranhas inquietudes. Para se aliviar, batia com mais força a picareta na rocha. Isto não o ajudou, não se aliviava. Então passou a reclamar em voz alta. Sua voz ganhou eco nas galerias e foi ouvida lá fora.

O trabalho daquele dia foi mais duro do que nos outros dias. Em casa, encontrou mulher e filhos amedrontados. "Vieram um pessoal do capitão e falaram que é pra você trabaia quieto senão vão te prendê", ela disse. Furioso e aos gritos, perambulou pelas ruelas escuras da vila e pelos pátios das casas. Amaldiçoava o capitão, reclamava, batia os punhos na terra dura, xingava, bramia contra os céus. Num canto escuro, foi abatido. Perdeu o dia de trabalho e o mingau do almoço do dia seguinte.

Chegou o dia da data nacional, então houve folga no trabalho. Pela manhã, os mineiros e suas famílias encheram a pequena igreja. Confiantes e esperançosos, rezaram pela sua saúde e pela prosperidade da pátria. Depois se dispersaram.

A tarde parecia se arrastar. HX não sabia o que fazer nem para onde ir. Por um momento, sentiu falta do trabalho. Mas encontrou um obreiro, depois outro e outros. Juntaram-se no boteco da empresa, beberam, riram, gritaram, disseram palavrões, desafiaram o capitão.

A noite chegou e HX não tinha retornado para casa. A mulher saiu à sua procura. O bodegueiro informou que ele tinha sido preso, com outros, por bandalheira. Procurou os guardas. Ninguém sabia onde ele estava nem se existia. Esbravejou, chorou de dor, ameaçou com o fogo do inferno. "Vá dormir", disseram. Ela esbravejava: "Eu quero meu marido, eu quero ele".

Não descobriu o paradeiro do marido naquela noite.

No fim do dia seguinte ele apareceu e nem olhou para a mulher, que queria saber aonde tinha, o que tinha acontecido. Atirou-se na cama.

Pensamentos incontroláveis batiam forte no peito de HX; se afundava com eles nas profundezas da terra. A cada dia era mais penoso trabalhar sem poder respirar. Sentia

a cabeça revolta e, abandonado na solidão da mina, morria um pouco a cada dia. Falava de sua angústia com seus companheiros: merecia vida melhor, lamentava a má sorte, chorava.

A insônia bateu nele. Ficava acordado, sentindo a cansaça e a dor do trabalho. Às vezes, levantava para caminhar no esconderijo do escuro. Isto pouco ajudava, sua tristeza não acabava. Irritava-se com facilidade. Não suportava a conversa da mulher nem a correria das crianças.

No retorno do trabalho de um dia seco, ainda na mina, começou a gritar. Atirou-se ao chão, batendo nas pedras com as mãos suadas, o corpo todo tremendo. Dizia palavras desencontradas e babava. Os companheiros levaram-no para fora e o abanaram com suas camisas rotas. Sentado num toco de madeira, respirava com força, olhando para o vazio.

Não se levantou, no dia seguinte. Os filhos espiavam o pai pelos vãos das tábuas da casa. Conversavam baixinho. Tinham pena dele. A mulher oferecia água, que ele recusava com a mão. Vizinhas iam vê-lo e logo toda a vila soube que HX não estava nada bem.

Era tarde quando finalmente saiu da cama e se pôs a caminhar com passos determinados. Parou diante da entrada da mina. Abaixou-se, pegou uma pedra e atirou nela. O som duro da pedra batendo na terra causou-lhe satisfação e ele riu. Riu de novo quando atirou a segunda pedra. Começou a pular e a cantar como se a sua alegria fosse plena. Continuou a atirar pedras e a praguejar contra o capitão e contra a mina, que desgraçara a sua vida. Os guardas apareceram. HX saiu correndo, tropeçou e caiu. Foi amarrado a uma corda. Então, começou a gritar, desesperado: “Me matem. Por favor, me matem”.



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul – RS. É professor estadual aposentado e advogado. Publicou romances e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa, como também artigos na mesma linha. Publica contos regularmente em diversas revistas e participou de várias Antologias e Coletâneas de contos.

Novos vídeos no canal
CONEXÃO NERD



INSCREVA-SE

www.youtube.com/conexaonerd

**APRESENTADO POR
ADEMIR PASCALE**



A stylized illustration of a young woman with voluminous, wavy brown hair, looking out of a car window. She is wearing a blue denim jacket over a light-colored top. The background shows a city street with buildings and a car, rendered in a warm, orange-toned style. The overall aesthetic is that of a comic book or graphic novel cover.

POR LUCIANA SIMON DE PAULA ZEITE

HOJE E SEMPRE

Já atrasada para o início das aulas, na faculdade de Medicina que cursava, Alessandra estancou em obediência à sinalização semafórica. Mais dez metros, se muito, chegaria à universidade. Embora o tempo urgisse e a professora de anatomia fosse um tanto quanto antipática e rígida com as meninas, mas compreensiva e gentil com os rapazes, não havia o que fazer. Precisava aguardar a abertura do farol para pedestres e o tempo necessário para tanto, já estava acostumada, ao invés de ser um átimo mais se assemelhava à toda a eternidade.

Seu coração estava acelerado e a caminhada afoita havia lhe rendido algumas dores nas panturrilhas e gotículas de suor na testa e face. Os cabelos castanho-claros na altura dos ombros, um pouco encaracolados nas pontas, estavam em desalinho. Usava calça jeans, camiseta branca e um jaleco aberto, pois naquelas aulas, em especial, a vestimenta era indispensável. Meio sem querer, como uma distração inevitável, olhou para o lado direito onde sentiu movimentação de um rapaz.

Ele não era alto, apenas um pouco mais do que ela. Muito magro, os cabelos escuros dançavam e se enredavam de modo mais caótico do que os seus. Dir-se-ia que eram cabelos indomáveis. Não pode deixar de sorrir com o canto esquerdo dos lábios ao contemplá-los. Porém, logo se apurou porque ele poderia perceber e interpretá-la mal.

Interpretá-la mal? Alessandra tinha essa mania quase obsessiva de se cobrar uma postura de, por assim dizer, neutralidade emocional. Talvez tenha sido inspirada pelos pais, que mal conversavam com real ânimo e interesse recíprocos. Eram monólogos que compartilhavam sem jamais se concentrarem nos alheios. Tinha dúvidas se eles mesmos se ouviam. Não era o que lhe parecia, contudo...

Eis que esses pensamentos lhe auxiliaram a deixar de remoer dúvidas e informações do trabalho que precisava entregar à rígida professora. Elas pululavam em sua mente. Mas sabia, havia feito o melhor possível, considerando seus conhecimentos e dificuldades de aprendizado. O tema era complexo, existiam muitos termos técnicos e dados que precisava memorizar. Tratava-se, de fato, de processo contínuo e longo que, talvez, levasse uma vida inteira e ainda não seria suficiente.

Sentiu a movimentação do rapaz ao seu lado, disfarçando olhares, com discrição. Ele parecia entre tímido a estranho. Como se houvesse um embotamento emocional, uma incapacidade de realmente desejar uma mulher, como ela. Seguiram a caminhada paralelamente, ele um pouco à frente sem deixar de lhe transmitir essa sensação contraditória entre interesse velado e total ausência de emoções.

Passaram pelo pórtico de entrada do maior edifício da universidade e rumaram em direções diversas, ela subindo as escadas e ele caminhando em sentido reto. Mesmo de costas, ela sentiu olhares furtivos que se fixavam em sua nuca, ao menos a sensação que teve foi essa, em forma de um gélido arrepio, como um sopro desavisado e invernal.

Após a aula, a qual transcorreu sob tensão dos alunos e multiplicidade de informações e advertências da professora, que inegavelmente era bastante competente em seu mister, Alessandra pode finalmente permitir-se um longo suspiro de alívio. Convidou Elizabete, sua parceira de trabalhos estudantis, para um breve café e se, conseguissem, a

ingestão de algo moldável e digerível facilmente, como um pão de queijo. Não conseguia conceber como, em outros países, as pessoas conseguiam fazer lanches rápidos sem o dito cujo.

— Olha, Lê, meu primo está ali. Eu te falei sobre ele? O nome dele é Rafael, está um ano na nossa frente. Quer ser otorrino. Vamos lá dar um oi...ele é tímido, bastante esquisito, fala muito bem e raciocina rápido, mas ainda tem praticamente a nossa idade, embora pareça um velhinho...

Bete caiu na risada, de um jeito até mesmo exagerado. Alessandra achou mais divertida a gargalhada da amiga do que o conteúdo de suas palavras. E ficou surpresa ao se deparar justamente com o rapaz diferenciado e de olhares esquivos, que estivera a seu lado naquela mesma manhã, estancado em observância à sinalização semafórica...

Realizadas as apresentações, não sem certo rubor e constrangimento que compartilharam, em igual proporção, Alessandra começou a melhor reparar nele. Era exatamente como a prima descrevera. Mas havia mais. Ele não a encarava. Parecia lutar contra milhares de pensamentos em profusão, com intensidade. Despediu-se de modo morno, com desinteresse. Talvez possuísse algum grau de autismo. Muitas pessoas, extremamente inteligentes, ativas e com vidas bem-organizadas, assim se caracterizam.

Ainda que aquele encontro haja sido breve, certamente a impactou. Estava intrigada, não conseguia traduzir as emoções, temperamento e sinais advindos do comportamento do primo de Bete. Chegou a vê-lo interagindo com outras colegas de turma. Pela intimidade que externava com uma delas, sem, no entanto, ser claramente afetivo, pareceu-lhe até mesmo possuir algum relacionamento pessoal. Ainda assim, ele a espreitava, analisava, ignorando-a formalmente, em especial na frente de Elisabete. Alessandra, a cada dia que passava, convencia-se que iria optar por psiquiatria. Sua existência era povoada de dúvidas, pessoas indecifráveis e um tanto quanto complexas. Mas talvez fosse apenas a vida mesmo.

Não foi com pouca surpresa que ouviu, após dois meses de haver conhecido o primo de Bete, a última lhe dizer que Rafael estava “a fim” dela.

— De mim? Imagina, Bete, seu primo?! Ele mal olha na minha cara, finge que está morto... e tem uma namorada na classe, uma japonesinha.

— Ah, Alê, eles são totalmente diferentes! Ela é inteligente, já conversei com a garota, mas é bastante calada, introvertida ao extremo. A impressão que eu tenho é que ele gosta de exibir essa relação porque se sente seguro, dá conta, sabe? Só importa o que ele diz, a vontade dele, a percepção que ele tem das coisas. Mas é de você que ele gosta. Percebo o jeito que te olha.

Embora Alessandra tenha duvidado e até achado algo estapafúrdio (essa palavra era típica de seu pai, repetindo-a todos os dias após ler o jornal impresso, hábito em extinção nos dias atuais) o relato da amiga, seu coração ficou mais aquecido. E a dúvida começou a habitar em si.

Segunda-feira, às sete horas da manhã, começou a chover, justamente no momento em que o terrível farol estampou, em led vermelho, um homenzinho parado. Na mesma esquina, Alessandra empacou. E antes que pudesse reclamar consigo mesma, com Deus, com o senhor das intempéries (São Pedro, com as chaves do céu?) ou qualquer coisa similar e mau humorada, foi coberta por uma abóbada autônoma de tecido escuro e impermeável, ou um guarda-chuva masculino. Levou um susto.

— Ah... obrigada....

Virou-se e deu de encontro com o olhar atento e sorridente de Rafael.

— Não se assuste, sou eu. Queria fazer isso há muito tempo. Na verdade, desde que te vi.

— Isso... o quê?

— Estar contigo. Hoje e sempre.

Alessandra sorriu. Não precisaram dizer coisa alguma. Passaram a caminhar realmente juntos.

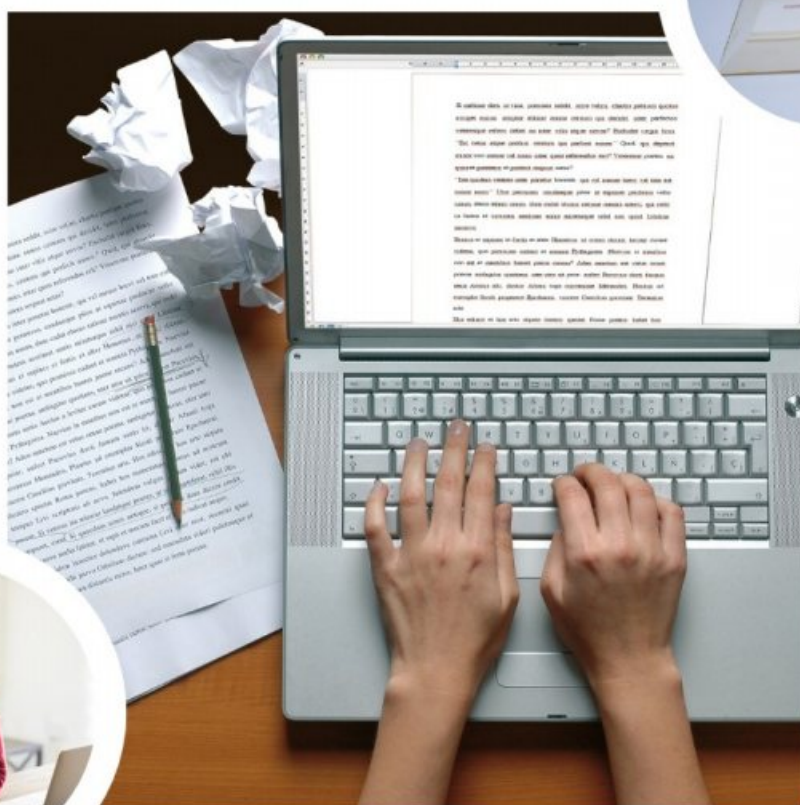


Luciana Simon de Paula Leite: exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado *Para nossas meninas*, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:
ademir@divulgalivros.org

www.revistaconexaoliteratura.com.br



POR MI SANTIAGO

JANELA DO MUNDO

De meia-idade entre os 60 a 70 anos, boa aparência o senhor acaricia o gatinho e conversa com ele em uma tranquilidade invejável!

Aparentemente com insônia ou daqueles que preferem a noite ao dia, o senhor adquiriu a rotina noturna durante a pandemia do Covid 19.

“Já perdi a conta de quantas madrugadas passei apenas conduzindo meus olhos atentos à movimentação da rua”, ressalta o homem em sua vívida consciência.

“É da janela da área de serviço que tudo acontece, que a vida floresce ou segue arrastada. Nunca imaginei que uma veneziana pudesse me levar a presenciar o mundo!”.

“Mas o Mundo que ultimamente me chama a atenção não é a grandeza da natureza ou de pessoas que caminham seguindo suas vidas, mas a de indivíduos que à noite rondam em busca de comida, de qualquer alimento porventura disponível ao chão ou em latas de lixo. São eles que surgem do nada, cujas vidas se perderam há tempos devido a drogas, falta de trabalho ou não aceitação da família, não importa, são eles que ganham a noite percorrendo por ruas desertas, rasgando sacos de lixo, catando latinhas ou bitucas de cigarros”.

“São eles largados de qualquer tradição cultural e financeira que buscam nas ruas a sobrevivência de cada dia; e como esse número de indivíduos cresceu! É de lacrimejar os olhos e a alma!”

Certa noite, na placidez do ritual de escovação do gatinho algo perturba o ato, levando o homem a deixar o bichinho de lado e a debruçar-se no parapeito da janela a presenciar uma cena dantesca.

Era um sujeito mal vestido com um cachorro, que ficou parado a observar seu dono. O homem começou a rasgar um saco de lixo de um latão da prefeitura e a cada resto do que achava emitia uma espécie de grunhido alto. Depois de repetir incansáveis vezes a mesma cena, pôs-se a atravessar a rua gesticulando sem que não houvesse amanhã, vindo um veículo a frear bem próximo dele. O cão, em sua plenitude inteligência permaneceu onde estava aguardando o semáforo fechar, atravessando calmamente após ainda olhar para os lados.

O senhor na janela não acreditou no que viu, e na comparação entre ambos, o pobre coitado estava bem abaixo da condição humana de raciocínio. Uma grande pena ver uma pessoa nessa situação crítica da alma há tempos abandonada à própria sorte.

“Essa cena e tantas outras que porventura acompanhamos ao longo da vida me saudaram ao poema “O Bicho” de Manuel Bandeira, sentimento transcrito em dez linhas a pobreza e a fome daqueles que nada têm além de um papelão em chão sujo”.

“O ano do poema 1947 permanece uma situação que testemunhamos perto de nós nas ruas, nas cidades, e o sentimento latente da pergunta até quando, que ecoa pelos cantos sem resposta, em lábios cerrados, no submundo da vida”.

Mí (Míriam) Santiago: jornalista/assessora de comunicação e graduação em Letras. O “Livro Negro dos Vampiros” foi o *start* para a divulgação de várias histórias sobrenaturais, publicando ainda contos em gêneros diversificados em conceituadas editoras. Mensalmente contribui na Revista Conexão Literatura. Além de amar escrever, ainda se dedica à fotografia e leitura.

Contato: mirianssantos@gmail.com

<https://www.instagram.com/mirianmorganuns/>

<https://www.facebook.com/miriam.santiago.372>

<https://miriammorganuns.blogspot.com/>

DIVULGUE O SEU LIVRO OU TEXTO NA



Revista Projeto AutoEstima

Entrevista: R\$ 180,00

Entrevista. Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

Texto: R\$ 70,00

Poema até 2 páginas, R\$ 70,00

Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

Contato: elenir@cranik.com C/ ELENIR ALVES



ODIUM THEOLOGICUM

POR NEY ALENCAR

“A falta da alma
Não proíbe a Fé!”

— Eulogia Mortal

L30n@rd sentou-se na frente da janela, por detrás das cortinas fechadas, porém ainda semitransparentes, e olhou para todos aqueles rostos encolerizados e distorcidos que transpareciam um ódio incontido e visceral, para todas aquelas bocas que gritavam e cuspiam palavras de malevolência e rancor!

Seus circuitos computavam todas aquelas imagens, porém sua compreensão, que conseguia entender uma gama enorme de conhecimentos desde a criação do universo até a formação de estrelas e a vida dentro das profundezas do oceano, sua compreensão lógica não conseguia entender de onde surgia aquele ódio aterrador!

Sabia que o medo dos seres humanos tinha sempre como fonte primária o desconhecido! As fontes secundárias eram não-computáveis.

Essa era a base de toda a formação da humanidade, desde que haviam abandonado a escuridão das cavernas e o topo das árvores até ganharem o frio do éter espacial.

Mesmo assim não conseguia compreender!

Talvez porque não fizesse parte de sua programação. Não sabia.

Todo aquele ódio era voltado apenas à ele! Por quê?

Ser o alvo daquelas emoções tão primitivas e tão intensas motivadas apenas pelo medo do desconhecido era uma computação completamente sem sentido, uma equação desprovida de razão, para seu cérebro sintético.

Compreender emoções humanas era-lhe extremamente difícil, posto que mesmo conseguindo espelha-las, imitá-las e reproduzi-las de uma maneira perfeitamente natural, ainda lhe faltava a compreensão do porquê elas aconteciam, do porquê eram necessárias, era um conhecimento apócrifo que seu criador e mentor não conseguira ensinar-lhe.

Estudou detidamente um milhar de casos de despersonalização, seres humanos que conheciam apenas a teoria do que eram as emoções, porém nunca conseguiam senti-las, e mesmo assim não ficou nem um momento mais próximo de compreender seu próprio dilema emocional!

Estudou também diversas doenças que afetavam a mente humana, o que o tornou capacitado para lidar com diversos tipos de disfunções, porém isso também não o fez compreender seu próprio dilema emocional!

O que um homem sintético poderia conhecer sobre emoções humanas lhe diziam todos!

Ele as conhecia bem, porém o sentir por vezes lhe faltava!

O horror, porém, surgiu quando descobriu a Fé!

Não conseguia explica-la, nem mesmo reduzi-la para uma equação hormonal dentro do cérebro, não conseguia mapeá-la dentro de uma radiografia do crânio!

A imagem analógica que utilizava radiação ionizante para avaliar o crânio e diagnosticar diversas doenças não servia para aquilo.

Fizera inúmeros exames neurológicos para tentar diagnosticar a origem daquilo, porém não havia nenhuma indicação da existência da Fé dentro das estruturas responsáveis pelo funcionamento do cérebro humano.

É claro que também não podia detectar o Amor, nem o Ódio, ou mesmo a Moral, eram apenas idéias conceituadas a partir dos desejos e pensamentos oriundos da vontade humana em se tornar superior!

Talvez a Fé também fosse uma coisa assim!

Mas será que um androide ou mesmo um homem sintético não poderia ser considerado humano por não possuir Fé, por não poder acreditar em um “Deus”, por não possuir alma nem espírito?

Como os seres humanos poderiam medir ou comprovar que um androide ou um homem sintético não possuíam Fé, nem tinham uma alma?

Seria está uma prerrogativa reservada apenas aos seres humanos? Por quê?

Quem decidia isso? Quão arbitrária era esta decisão?

Todos os rostos encolerizados do lado de fora lhe diziam a mesma coisa!

O ódio e o rancor que lhe devotavam apenas por ter aventado a hipótese de que também ele era capaz de possuir uma emoção assim era inexplicável!

Lembrava-se bem da entrevista em rede nacional quando o apresentador lhe fizera a pergunta fatal:

— O que nos torna diferentes são as imperfeições, o que nos torna únicos são a diversidade, vocês são todos iguais, são todos um só, não são?

O homem sintético olhou para aquele rosto à sua frente identificando todos os vestígios do ódio e do preconceito, visíveis nas nuances das expressões que o cobriam.

— Os seres humanos dizem que fé é uma prerrogativa dos seres humanos, dizem que só os homens tem fé! — procurou explicar L30n@rd usando as palavras mais simples que conseguia identificar para evitar criar mais celeumas — Dizem que só homens tem a capacidade de compreender Deus e ter Fé! A maior de todas as mentiras é a que os homens contam à si mesmos, porque acreditam nela!

O apresentador mostrou uma expressão de choque e ao mesmo tempo de ódio.

— Você quer dizer que a Fé é uma mentira? — sua voz tremia de horror.

— Não. É uma falácia! — expressou-se L30n@rd tentando ser gentil — É uma ideia errada que é transmitida como verdadeira...

— Sei o que é uma falácia. — cortou o apresentador irritado — Como chegou à esta conclusão estapafúrdia?

— Porque se fosse verdadeira então eu, como homem sintético criado por seres humanos, também possuiria Fé! — concluiu L30n@rd sorrindo.

— Isso é blasfêmia! — interrompeu o apresentador com o rosto transtornado.

— Não acredito nisso. — procurou explicar L30n@rd conciso — Estou perfeitamente apto a possuir Fé! Porque não poderia acreditar em uma divindade que me criou à sua imagem e semelhança e que possui todos os poderes de vida e morte sobre mim? Poderia até mesmo dizer que os seres humanos que montaram minha estrutura física e construíram meus circuitos e minhas baterias foram apenas instrumentos desta divindade que os usou para que eu pudesse ser criado tal como ela me imaginou!

— Como poderia ser uma imagem e semelhança de Deus? — rugiu o apresentador levantando-se.

— Bem, sou imortal! Nenhum ser humano é imortal, portanto estou mais próximo de meu Criador do que os seres humanos que me criaram! Meu cérebro é capaz de fazer

trilhões de conexões mais rapidamente que qualquer cérebro humano, posso fazer cálculos e ir a lugares que nenhum ser humano poderia. Tudo isso me faz mais próximo da divindade que me criou do que qualquer ser humano já criado por ela! Sou a imagem e semelhança do Deus que me criou! Como poderia não ser?

O rugido dos gritos de ódio e rancor do auditório engolfaram qualquer coisa que o apresentador pudesse ter dito e L30n@rd teve que ser retirado sob escolta para fora do prédio da emissora.

O som crepitante e horrendo do fogo das tochas que atingiam o telhado de sua casa o fez olhar novamente para fora.

A cegueira daqueles olhos que o fitavam traduzia todo o ódio que sua Fé conseguia suportar!

Mas afinal o que se poderia esperar? Eram imperfeitos! Eram todos seres humanos!



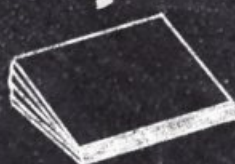
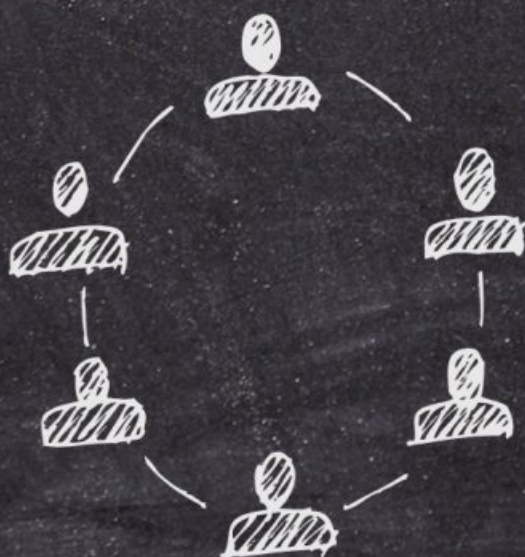
Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.



MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

APRENDA COM

CONEXÃO GRAMÁTICA



SIGA-NOS:



www.facebook.com/conexaogramatica



www.instagram.com/conexaogramatica



A DOR

POR MÓNICA PALACIOS

O duelo... dele não se fala, mas, paradoxalmente ele existe, está latente e quase desenhado em cada rosto.

Não adianta o ignorar. Ele vive e doe.

As cicatrizes familiares são fundas, relembrar o leque de figuras familiares, sejam a daninha, seja o de olhos tristes... e até os que tem de pior, pior do ser humano. Isso faz reviver as infinitas conjecturas formalizadas ante o brutal assassinato.

A cumplicidade pode ser um alívio, pode ser uma carícia ante o desamparo, pode ser o freio ante posturas extremas, seja religiosas ou ideológicas, pode ser o temor e até a própria covardia.

Pelo referido acima, posso concluir que o drama, a dor não afeta só a uma família senão a uma sociedade que está sujeita a lamentáveis preconceitos e a uma hipocrisia que pretendem apresentar como natural e espontânea.

As reflexões poderiam ser muitas, mas, uma me impressionou e continuarei analisando. Entre elas, os excessos podem nos estar mostrando a ausência de alguma coisa ou de algum valor ou de algum afeto ou desafeto?

Ante a crueza do acontecido, mesmo sem definições concretas, essa perplexidade tem nome e sobrenome.



Mónica S Silva de Palacios é Argentina, radicada no Brasil. Mestre em Literatura pela USP. Possui bacharelado em Literatura e Latim. Professora de Espanhol de diversas instituições e atualmente, autônoma, aplicando o seu próprio método de ensino de Espanhol. Publicou cinco livros infantis. Cartas de Manú - Aventuras de Filipo - A magia está dentro e Medos, nunca mais. Livro de Crônicas: Crônicas da presença. Participou de várias antologias e Publicações em Revistas literárias. Participou de Elos da Língua Portuguesa dos dois últimos exemplares assim como também de duas antologias do grupo de escrita literária coordenado pelo professor Alexandre Damascena: Nossos contos e O vento nas esquinas. Publicou, em coautoria a Coleção Parâmetros para o Ensino de Espanhol pela Editora Scipione.

Revista
Conexão Literatura

BAIXE AS EDIÇÕES ANTERIORES



DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br



DÍADE

POR EMERSON PAGNUSSAT

Sou um homem de saúde frágil. Tenho a impressão, diante de mim, de que pouco tempo me resta. Senti a urgência de escrever algo. Há um bom tempo eu desejava fazer isso. Escrever algumas palavrinhas, mesmo que sejam poucas. Enfim comecei! Eu sei que estou bem longe de ser um escritor. Poder-se-á ver isso ao longo das páginas. Não me orgulho disso. Entretanto, farei o possível para escrever de um modo grandiloquente, como se tivesse diante de mim o mais solene dos públicos.

Antes de mais nada, sabeis que surgiram certas questões que por pouco não me fizeram desistir desta empresa. A primeira e a principal delas foi a de que alguém poderia fazer das reminiscências registradas motivo de escárnio. Meditei bastante acerca disso. Deixei um pudor descomedido e toda a dificuldade de lidar com críticas me dominar por um longo período. Mas finalmente coloquei o impetuoso pudor que me afligia de lado, e lanço agora – desprovido de qualquer insegurança – estas palavras no papel.

A segunda questão que me sucedeu, e causou um certo embotamento, diz respeito a como eu deveria iniciar o texto. Ensaiei no segredo da minha consciência qual seria a melhor forma. A folha permaneceu diante de meus olhos à tarde inteira. E nada! Cada nova ideiazinha que surgia parecia tão obtusa e desajeitada quanto a que tivera anteriormente. Larguei o papel, uma vez que me irritara profundamente.

Aconteceu então que, mais tarde, resolvi tentar de novo. Após algum tempo refletindo, enfim decidi que iniciaria pelo começo, isto é, principiaria falando do pudor excessivo que me impedia de escrever e da dificuldade inicial em encontrar as primeiras palavras as quais eu escreveria. Acho que sim, este foi um bom começo, todavia, deixarei que tireis as próprias conclusões.

Pensando bem, a preocupação em fazer o uso de uma linguagem grandiloquente se contradiz com a tal ausência de insegurança que eu manifestei ter. Porém, não mudarei coisa alguma do que escrevi. Custou muito a sair cada palavrinha. O motivo que me levou a escrever aquilo foi a vaidade. Eu queria causar uma boa impressão, escrevendo de uma maneira pomposa e rebuscada, porque no íntimo eu temo o desdém ou desinteresse pelo texto. Mas mudei de ideia. Expressar-me-ei da maneira que der na telha. E se não gostardes do que ledes... Ora, deixai-me em paz! Retiro o que eu disse: não me venhais com conclusões! Para o diabo com elas.

Vou direto ao ponto. Não quero vos causar algum tipo de aborrecimento. Ainda há pouco tive vontade de gritar. Por que gritar? Apenas queria gritar, sem compromisso com nada nem com ninguém. No entanto, não segui adiante, temeroso de que alguém ouvisse e pensasse que estou enlouquecendo de vez.

Na verdade... bem, na verdade eu queria gritar para externar toda a minha raiva e frustração, frustração comigo mesmo e com os outros. Aposto que ao menos uma vez tivestes esse mesmo desejo. Se ele ainda não veio, ah, com certeza virá. E quando acontecer, não sejais como eu, comedido e medroso, mas sim grite bem alto e que todos se lasquem.

Se pareço irritado é porque custa falar de mim. Dizem que uma pessoa quando fala de si mesmo certamente há de mentir, e que uma autobiografia exata se torna quase impossível. Talvez me questioneis: “Dizem? Quem?” Eu li certa vez nas memórias escritas por um homem que muito me faz lembrar um filósofo niilista. Percebei que tais afirmações não podem ser dadas como sendo cem por cento verdadeiras, pois se eu falo

que alguém certamente há de mentir, existe uma pequena probabilidade de que isso não aconteça. Há aí uma pequena incerteza tanto quanto no fato de se dizer que algo é quase impossível, porque a palavra ‘quase’ também indica uma incerteza, permitindo uma dubitabilidade e a probabilidade, mesmo que exígua, de que ocorra justamente o contrário daquilo que fora falado. Há toda uma ciência da linguagem por trás disso.

Mas ficai tranquilos, asseguro-vos de que não sou um embusteiro e, por mais que me doa, sei que será mais espirituoso contar a verdade. Houve um tempo em que eu faria justamente o contrário. Não pretendo omitir os fatos. Eu costumava contar as maiores pilhérias a fim de obter a simpatia e o riso das pessoas. Mentia a elas sem a menor reserva e ainda as zombava – em segredo – após constatar que acreditavam em tudo o que eu lhes dizia. Então a verdade cochichava no meu ouvido: “Assim tu descaminhas, para com as mentiras”, e eu ignorava. Dentro de mim, havia uma espécie de sentimento ignobilzinho, difícil de controlar, que tomava conta do espírito. Aos meus olhos, tudo parecia correr maravilhosamente bem naquela época.

Hoje as coisas estão mudadas. O estado no qual eu me deparo é de se sentir dó. Se os meus antigos colegas de trabalho pudessem me observar, nesta altura da minha vida, provavelmente diriam: “Que peninha dele, era tão inteligente. Nunca imaginei que acabaria assim. O que será que lhe aconteceu?” Eu ouço essas vozes reverberando dentro da minha cabeça. Oh, que eles se engasguem com as próprias palavras...

Excedi-me um pouco no discurso. A cólera atacou-me novamente. Fui levado a fazer uma pausa, o que causou uma certa apreensão em mim, pois temia perder a linha de raciocínio. A boa memória já ocupou um lugar melhor em minha vida. Ultimamente algum fenômeno estranho acontece e não tenho explicação para os frequentes esquecimentos.

Aproveitei este hiato para ter a minha ceia e beber uma xícara de café. Dei uma olhadinha lá fora. Está caindo uma chuvinha insensível e gélida. O clima invernal desta cidade está acabando com a minha saúde. Chove há alguns dias. Aqui dentro faz frio e algumas goteiras caem de forma contínua, assolando o repouso do silêncio. Sinto um ar seco e glacial penetrar pelas frestas da parede de madeira do meu velho gabinete. A casa está se deteriorando de maneira vertiginosa. Por várias vezes prometi a mim mesmo que iniciaria uma reforma, porém essa ideia nunca fora colocada em prática. É engraçado, o ser humano costuma agir deste modo, enganando a si próprio com frequentes promessas de uma mudança que nunca se inicia de fato. É como se um êxtase oblomoviano de pensamentos se apoderasse da alma, inflamando-a pelo desejo de grandes realizações, mas no fim, esse mesmo êxtase é dissipado pela apatia e por justificativas infundadas que impedem a ação, resultando na inércia absoluta.

Ao invés de encontrar algum sentido na restauração da minha casa e fazer dela o motivo para uma mudança de vida, eu continuo buscando refúgio de prazer imediato com ocupações fúteis. Eu tenho consciência de que esse prazer se sobrepõe ao meu bem-estar a longo prazo. Entretanto, não sou capaz agir. “Ah, só mais pouquinho disto. Mais

um tempinho naquilo. Amanhã eu começo! Para que ter pressa? As coisas não vão criar pernas e fugir do lugar.” E é dessa maneira que o tempo passa e nada muda. Consequentemente, a decepção comigo mesmo torna-se cada vez maior. Isso me fez chegar a estranha e assombrosa conclusão de que eu sou o oprimido e ao mesmo tempo o opressor que tanto me oprime. É uma díade sufocante, a qual faz com que tudo se torne cada vez mais confuso, de tal modo que, neste momento, a minha vida se assemelha a uma pintura anamórfica: o que eu observo é apenas a projeção de uma imagem distorcida e fragmentada, em uma mistura de cores confusas, onduladas e sem finalidade. Acredito que, para que se consiga distorcer e descobrir o que essa imagem então representa, deve-se divisá-la de uma maneira não convencional.

Já está tarde, preciso descansar.

Acordei cansado. Na verdade, mal dormi. Deitei-me na cama, porém, um sentimento de profunda angústia se apoderou de mim. Era como se eu estivesse esperando que algo acontecesse, talvez a chegada de alguma mensagem importante, a visita de um anjo, um sinal de Deus, qualquer sinal que fosse, que pudesse resultar em algo bom, que me desse esperança e tirasse a frequente sensação de sufocamento e morte que me aflige. Pensei em orar – eu sou um homem temente a Deus, no entanto, quando tudo é pecado... bom, acho que não adiantaria orar. Nada vinha! Nem o sono, nem os anjos e nem Deus. Nadinha. Fui vencido pela espera e então cochilei.

Logo ao despertar, perdi-me em devaneios. Sobreveio diferentes tipos de elucubrações e fantasias as quais eu já tivera no dia anterior. Acordar todos os dias sabendo que a maioria dos pensamentos que tereis são resquícios de pensamentos que tivestes no dia anterior não faz com que as coisas fiquem mais fáceis de lidar. São como problemas mal resolvidos que tornam a aparecer clamando por uma solução ou ao menos uma resposta um pouco satisfatória.

Já era tarde quando eu decidi me levantar da cama. Fiz meu desjejum próximo ao meio-dia. Coisa simples, pois tinha meus afazeres. Contudo, a ânsia de escrever me levou a postergá-los e me debruçar sobre os papéis. Reli o que escrevera na noite anterior. Não pedirei desculpa pelas tentativas de gracejo, mas, comprometo-me, a partir de agora, escrever com mais seriedade e também evitar as digressões.

Sei que tenho por hábito acentuar o que não é importante e ignorar o que verdadeiramente é. Isso acontece porque estou desacostumado a vida. Até certo ponto, ofendo-me quando alguém me lembra de viver, e ao ver as pessoas vivendo, sinto inveja.

Apesar de tanto sofrimento, não peço ajuda. Não peço por questão de raiva. Percebo que isso causará a minha ruína, aliás, pouco me importo. Estou sofrendo já faz um bom tempo. A dor que resulta desse sofrimento é de um tipo difícil de definir. Consome meu corpo como se fosse física, levando-me ao esgotamento extremo. No entanto, sei que essa é uma dor mental, incognoscível. Para remediá-la, eu acabo me envolvendo em atividades frívolas ou simplesmente permaneço deitado no silêncio do meu quarto, ruminando por horas. E que mal me causa toda esta ruminação.

Ao longo do tempo, eu me acostumei a ficar no meu cantinho escuro e úmido, permanecendo ali, igual a uma barata, longe da luz, escondido de tudo e de todos, com o medo de que alguém venha e tente pisar novamente mim. Ah, que ódio eu tenho desta situação funesta, entretanto, não consigo largá-la.

E é durante à noite que tudo fica pior. As lembranças me causam insônia. Permaneço deitado. Fico assim, estendido, pensando. Não faço outra coisa senão meditar. Numa destas noites em que a ausência de sono se faz presente e atormenta as almas amodorradas em desespero, algo inusitado causou um terrível aperto em meu coração. Apesar dos constantes lapsos de memória, lembro-me deste episódio em particular como se fosse hoje.

Naquela noite brunal, só o silêncio murmurava em meu quarto. Mas era algo incomum, um silêncio estranho e confuso, até certa medida, queixoso... e dentro de mim se me derramava a alma em profundo pranto. Há um bom tempo minhas lágrimas haviam se tornado meu alimento, de dia e de noite, e me questionavam o tempo todo: onde andará a tua amada?

Recordo-me que a noite avançava e em seu manto propício para lamúrias eu me cobria. A janela, que normalmente se encontra fechada, nesta noite estava aberta. Olhei para o céu, as estrelas cintilavam, e então eu avistei a lua. Uma lua redonda e enorme, de um vermelho acobreado, espreitava pela janela. O meu quarto era iluminado pelo brilho lunar e no espelho reverberava retorcida a minha imagem. Era uma representação desfigurada que eu contemplava. Não reconhecia nela o meu próprio semblante. Parecia que eu e aquela imagem éramos duas pessoas distintas. Sentia-me como se fosse um observador das próprias ações. Era aquela velha e conhecida sensação de falta de domínio sobre o próprio corpo.

Ao avançar para o poente, o fulgor lunar incidiu-se com uma intensidade ainda maior. Eu podia sentir a lua cada vez mais próxima do orbe. Pensei – com certeza ela deve estar decifrando algum enigma – limitava-se a olhar em silêncio de uma maneira como não se olha a terra. Lembro-me que aquela quietude me ofendeu muito, a cólera tomou conta de mim. Ela parecia querer dizer alguma coisa, no entanto, ficou imbuída em silêncio.

Olhei para meu velho relógio, corroído pela passagem do tempo e pelos cupins, eram então duas da manhã. O som do caminhar do ponteiro do relógio começou a exasperar ainda mais meu espírito. Aquele *tic tac* feria a minha audição. A ansiedade aumentava em mim. Crescia como naquele que está em perigo de morte e a sente se aproximando sem nada a fazer para poder evitá-la. O meu coração acelerava cada vez mais e mais. O som do mover do ponteiro do relógio ficou mais intenso: *tic tac, tic tac*. Parecia que ressoava dentro de mim. Coloquei as mãos sobre meus ouvidos na tentativa de abafar aquele barulho ensurdecador, mas ainda assim aumentava, mais e mais. Não havia nada que eu pudesse fazer para cessá-lo. Levantei-me da cama com pavor nos movimentos, mãos trêmulas, dúvida. Não pude me conter. Então gritei:

– Eu sei que tu sabes, e tu bem sabes que esta solidão tenaz e o silêncio deste quarto oprimem a alma e machucam o coração! Sei que tenho tendência a me isolar... Não nego minha parcela de culpa em tudo isso.

Havia um silêncio de morte. Minhas mãos estavam ainda trêmulas. O suor escorria pela minha face. Engoli em seco. Foi então que, consumido por uma inquietação de espírito ainda maior, bradei – Olhas-me candidamente daí de cima sem me dar nem sequer a honra da tua indignação? – Ensaiei continuar a falar, porém, as palavras morreram mudas no silêncio dos meus lábios. Mas então, depois de dois longos minutos, acrediteis ou não, ela, a lua, respondeu. Não antes de transfigurar-se na forma de um ser humano. Esta figura metamorfoseada prostou-se na minha frente, com um olhar que parecia atravessar a minha alma e ver o meu interior. Angustiado ainda mais pelo acontecido, deixei-me cair sentado na cama. Aquele vulto escuro, difuso, munido de uma voz que denotava extrema compaixão, então disse:

– Abandone-se francamente a corrente da vida. Ela de ti não pretende se esgueirar tão cedo. Há um anseio de amor em ti. Vi-o no teu olhar. Lembra daquela noite de lua em que o amor brilhava em teus olhos e no teu rosto; também no teu semblante havia muita timidez, bem como uma vergonha secreta da própria timidez. Agora tudo está diferente. Nas noites silenciosas teu coração chora e se queixa. Estás a cada dia que passa mais sombrio e ausente de si mesmo. O que aconteceu?

Minha face corou. Olhei incrédulo ao que lhe respondi – Sofri! Confesso a ti que sempre fui desconfiado ao extremo, temia render-me às paixões. Porém, quando ela veio, arrebatadora, não tive alternativa, cedi. Vê bem o que aconteceu. Abjurei de meus próprios desejos e me entreguei aos devaneios de outrem. Resultado? Perdi a tramontana. Pobre de mim! Eu achava que finalmente havia encontrado o amor. Chamava-a de pura e casta, no entanto, agora sei que na verdade ela era uma exibicionista sádica. Levava uma vida poliforme. Mas não poderia ser de outra maneira, ela trazia uma carga pesada sobre si, desde a mais tenra infância. Pobre dela também! As fantasias que ela possuía eram na verdade produto reprimido daquele cérebro infantil. Por fora, apresentava um aspecto particularmente ordeiro e comedido, entretanto, no íntimo, habitava um cruel polimorfo. Era uma mulher escandalosamente perversa, uma autêntica alcoviteira e incitadora da luxúria.

Lembro-me quando ela recitava aquela costumeira oração da noite – “Que teu braço esquerdo ampare minha cabeça e o teu braço direito me envolva, meu coração puro é somente teu” – e aquilo me enchia de um sentimento afável. Contudo, ela conseguiu acabar com a minha afeição e com o meu amor. Pensava ter encontrado nela a minha ventura, no entanto, era tudo uma grande ilusão. Uma ilusão que, por um longo período, eu considerei de certa forma mais atraente, mais verdadeira e mais real que a própria realidade. Eu projetava meus sentimentos como se fossem os dela. Apesar dessa projeção, quem era controlado era eu, porque de alguma maneira ela intuía o que estava acontecendo. Os homens que dela se aproximavam, irremediavelmente se entregavam às próprias abstrações. Aqueles desejos que eles não podiam satisfazer na realidade, buscavam concretizar por meio de fantasias. E ela bem conhecia que fantasias eram essas. Por consequência, viviam sem ao menos poder distinguir o real do ilusório. Conclusão:

eles perdiam o autodomínio. Infelizmente eu fui mais um dos padecentes, empurrado para as imundícies daquela mente doentia.

Ah! Doce inocência! Eu sentia o suave aroma daquela pele, provava o doce fruto daquele corpo quando ela me arrastava para o âmago daqueles lúbricos pensamentos. E lá eu me perdia, por minutos, horas a saber, sem achar o retorno para a realidade. Eu tinha fome e ela me alimentava de forma quimérica. E o mais estranho de tudo isso: eu me sentia saciado. Eu ouvia aquela voz timbre-mel sussurrando, derramando-se generosamente pelos meus ouvidos, e isso me dava prazer.

Vê! Percebes por onde eu caminhei? Ai de mim! Tão doce era aquela voz que me hipnotizava e desarmava a minha resistência. Como efeito ela cativou a minha alma, com doces palavras e pudicícia, pois daqueles lábios gotejavam mélicas frases de amor. E no meu aposento, durante a noite, eu procurava sonhar com ela. Era ela, e somente ela que eu amava. Buscava sonhar com aquela a quem eu achava que amava meu coração. Ela provocou e provou do meu amor. Infelizmente, o amor dela nunca me quis.

Foi dessa maneira que permiti que se turvasse o conhecimento que tenho de mim mesmo, deixando que o lado sombrio da alma, o intruso desordeiro, invadissem e se apoderasse do meu coração.

Hoje uma nova consciência se faz companheira. Concordo com a ideia de que tão depressa quanto se entrega o coração lá se vai também a cabeça. É fato! As paixões têm uma maneira sutil e tendenciosa de fazer com que nos sintamos como tolos. Com o tempo, elas, as paixões, adquirem um caráter assustador e ficamos como que presos, reféns das circunstâncias. Não acreditas em mim? Pare de me olhar desta maneira, pois não preciso da tua compaixão.

E aquela figura, que outrora fora chamada de Selene ou Diana, prostada diante de mim, escutava-me, atenciosamente. Fitava-me sem desvios nos olhos, de um jeito terno e complacente. Aconteceu então que a fisionomia dela ganhou um contorno demasiado sério e com um ar repreensivo ela asseverou:

– Pare de viver na inutilidade destes pensamentos, pois assim caminhas para longe da direção do amor. Deste modo, tornar-te-ás cada vez mais retraído, frustrado e perigoso. Perigoso para si mesmo e para todos que estão a tua volta. Estás com teu entendimento mergulhado nas trevas e não consegues ver a abjeção a que estás entregue. É bem possível que a tua ignorância tenha embrutecido o teu coração. Tu sempre finges que ouves, mas na verdade nunca ouviste. Eu sei bem a quem tu escutas, a ira e suas filhas: a amargura e a vingança. Todos temos nossas fraquezas e tendências à queda, todavia, deixaste te dominar por um propósito que nem tu bem o sabes, e a partir daí tudo mudou.

Agora ouves, tu continuas envolto em atividades que parecem te destruir física e mentalmente. Talvez a atração pela morte não seja um anseio de paz ou uma busca pela libertação dos sofrimentos. A morte, embora atraente, quiçá não traga nada de bom. O que tu sentes mesmo é uma necessidade de conhecer a sensação e ter a satisfação de ver a si próprio sendo destruído, acabado por completo. Queres que teu flagelo seja contemplado por aqueles que te cercam e que te amam. Desejas que eles sintam pena de ti, mas que não atuem em teu favor, para que assim, de alguma forma, possas justificar teus atos a partir da inação dos outros. Daí resulta a ausência de um pedido de ajuda.

Embora o desejo de morte exista no teu íntimo, sei que por vezes ele é aplacado por um instinto de vida. Em verdade, em verdade te digo, desejas a vida e ela também a ti.

A estas palavras eu ouvia, perplexo, obnubilado por um sentimento de raiva. Acometido por essa obnubilação, olhei aquela figura nos olhos por um tempo. Pensei comigo mesmo se não estava ficando louco. Quiçá estivesse alucinando. Tive vontade de me levantar da cama e correr, de correr e me jogar janela abaixo. Se fosse um sonho, de repente eu acordaria. Caso contrário, se tudo fosse realidade... bem, a queda do segundo andar talvez não seria o suficiente para pôr um ponto final na minha existência. Eu quebraria um braço ou uma das pernas. E então o que seria de mim. Ficaria jogado às traças. Tudo isso passou pela minha cabeça, num átimo. Contive o ímpeto de pular. Aquela efígie parecia saber o que se passava dentro de mim, senti-me constrangido. Foi então que, com os dentes rangendo, titubeando, continuei meu discurso plangente.

– Mas, por favor, diz-me tu, o que sabes sobre a vida! Permaneces lá em cima, somente observando, imperturbável e insensível a tudo. Isso é o que me parece. Não sabes nada! Melhor, não sentes nada!

Desta vez a resposta não tardou a vir.

– Que pretenciosa superioridade demonstras. Sentir? Saber? Pobre de ti que pensas assim. Eu observo a grei humana desde os tempos primevos, na época em que a inocência ainda habitava o jardim. Quando ele, da prima gente, pendia-se sobre a consorte, com ar cordial, enamorado e com belas palavras de amor despertava-a do sono profundo, eu estava lá. Talvez eu esteja aqui desde a eternidade e dela não pretendo me afastar. Conheço e reconheço o amor nos humanos. Saiba que depende única e exclusivamente de ti, tirar das paixões seu caráter temível de modo a impedi-las de se tornarem torrentes devastadoras. Enrubescas-te novamente?! – Ruborizava até as lágrimas. – Enrubesça ao amor e ao elogio humano, ceda ao amor, à verdade. E as lágrimas? Bem, use-as para regar a terra. Semeie teu amor em terra fértil. Renderá bons frutos e alguém virá verdadeiramente ao teu encontro. Ao menos em vós a verdade se realizará. Estás rindo agora! Pandego. Podes rir, aceitarei todas as zombarias.

E ria. Ria tanto, de sorte que, se algum adepto moderado do riso observasse atentamente a cena, quiçá encontrasse motivo para rir também. De súbito, levantei-me de fato da cama. Ponderei novamente sobre toda aquela situação.

– E essa agora! Estou mesmo eu em meu quarto ouvindo a lua e suas ninharias. Porventura, isso está mesmo acontecendo?

Como que de repente, tudo ficou escuro diante de mim. Dei um grito, apavorado, e fechei os olhos. Quando os abri, aquele vulto tinha desaparecido como num passe de mágica. Depois disso, fiquei uns dois minutos em pé, imóvel, como alguém que ainda não sabe direito se está acordado ou se continua dormindo, se aquilo tudo que estava acontecendo era real ou um reflexo de seus contínuos devaneios.

Mas agora, agora começo a lembrar de que... não, acho que não foi bem assim. Estou mais uma vez desfigurando a verdade. Tudo isso que escrevi se tornou infamiliar para mim. O que quer que eu pense que tenha acontecido naquela noite de lua, talvez nunca tenha ocorrido. Que esquisito! E não é a primeira vez que isso me acontece. Minha consciência e a memória do coração me traem. Vede, aquilo que narrei, possivelmente, discutia eu comigo mesmo, até seus mínimos pormenores. No fundo sinto que há em

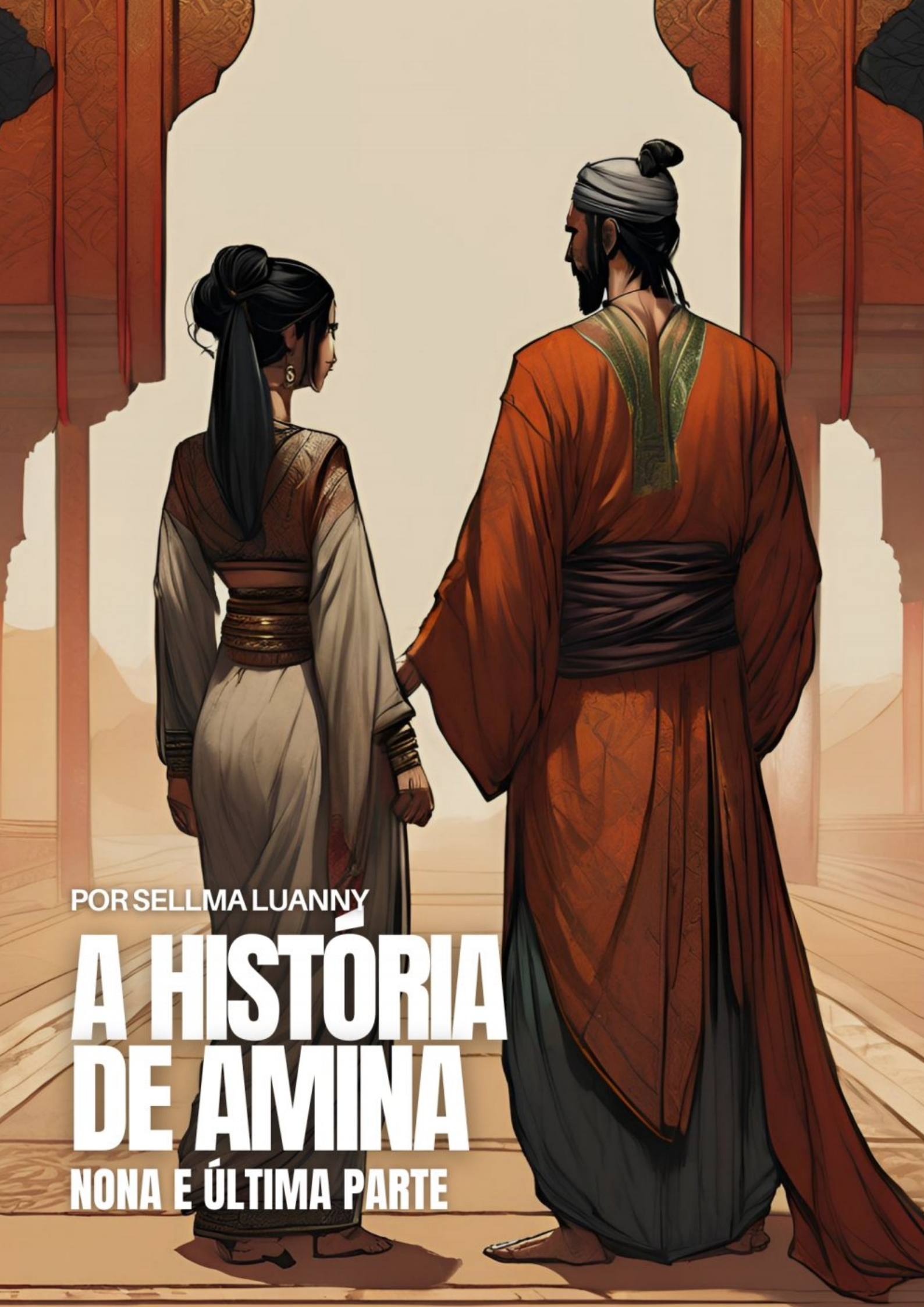
mim mais do que uma única pessoa. Não tenho dúvidas de que acheis que tudo isso não passa de patranha, entretanto, não me tomai por galhofeiro.

Escutai, na minha conclusão, isto é, na minha avaliação daquele instante, há sem dúvidas equívocos perante a realidade, um erro. A sensação me embaraça um pouco. Porém não fazei como muitos. As pessoas costumam, de certa maneira, julgar de forma negativa aquilo que soa estranho aos seus ouvidos, movidas pela ignorância extrema de nem sequer ao menos fazer o mínimo de esforço para tentar compreender os fatos ou as circunstâncias em si.

Recentemente eu ouvi dizer que uma das coisas mais angustiantes é quando a prisão em que se vive não é uma dimensão de realidade externa, mas sim uma dimensão de realidade interior. E assim, o que provoca angústia no indivíduo não é a morte, e sim o medo de viver. Estou habituado a essa realidade, numa detenção interna, sombria e triste, com receio de viver. Já faz um bom tempo que me encontro assim. Eu sinto que talvez tenha chegado aquele inevitável, porém doloroso momento no qual a morte é preferível a uma vida repleta de tormentos insuportáveis.



Emerson Pagnussat nasceu em Blumenau, Santa Catarina. Tem 34 anos. Se formou no curso de Letras (Português/Inglês) pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Atualmente, é graduando no curso de psicologia pela mesma universidade e professor da educação bilíngue na rede municipal de Blumenau. Tem paixão pela literatura, principalmente por escritores russos como Nabokov, Dostoiévsky e Tolstoy. Participou da ontologia "O Jogo do Amor - Contos e Poemas" com a narrativa "Anáfora" publicada pela Revista Conexão Literatura. Foi semifinalista na 4ª edição do concurso "MicroConto de Ouro" (2024), promovido pela Casa Brasileira de Livros, com o texto "Sinestesia".

An illustration of a man and a woman in traditional Middle Eastern attire. The woman, on the left, is seen from the back, wearing a light-colored, long-sleeved dress with a wide, patterned belt and a dark headscarf. The man, on the right, is also seen from the back, wearing a long, flowing orange-brown robe with a dark sash and a grey headband. They are standing in a doorway, looking out towards a bright, hazy landscape. The text is overlaid on the bottom left of the image.

POR SELLMA LUANNY

A HISTÓRIA DE AMINA

NONA E ÚLTIMA PARTE

O ciclo estava se fechando. De uma maneira suave e gratificante os dois sobrinhos que vieram sem pressões nem preconceitos para Tadmor* e ingressaram na Escola de Medicina, apontavam para um futuro mais promissor para a família e terra natal de Amina.

Mas Amina não queria nem podia se expor à família ou à sua origem e tinha razões para isso.

Mesmo com a bênção secreta da sua mãe quando da sua saída de casa, para os demais familiares e conhecidos, ela era apenas uma fugitiva ou desaparecida. E para o seu pai e principalmente para os membros masculinos da família, ela fora proscrita — sem nome, sem memória, sem perdão nem honra.

Talvez até as irmãs lhe guardassem rancor. Afinal, além das diferenças física e comportamental que tivera das mesmas, principalmente na adolescência, Amina virou-lhes as costas há mais de duas décadas.

Íde/Amina também não se revelaria ao irmão Zal. Aceitara os dois sobrinhos como novos alunos com muito prazer. Sentia que pelo menos o seu irmão e esposa pareciam ter uma visão diferente quanto ao futuro dos seus filhos. E nunca mais vira o casal que logo que pôde, regressou à casa.

Mesmo com a proximidade da sua mãe e a saudade que sentia dela, Amina tinha que tomar cuidado para não se trair.

Era preciso resguardar-se principalmente agora, com os sobrinhos por perto.

E assim foi durante os três anos que Laleh e Baran passaram por lá. Aprenderam os fundamentos da Medicina e acompanhavam o atendimento dos pacientes com a professora Íde e demais colegas. Os seus sobrinhos estudavam com dedicação e, o mais importante, prazer.

Um dia, respondendo a uma interrogação de Íde sobre o que os motivara a procurar uma escola de medicina, Laleh respondeu que a avó, em conversas com os netos, sempre os estimulava e, longe do avô, dizia que acreditava que a sua filha ausente, a tia Amina, tinha encontrado o conhecimento e a liberdade que sempre almejou. Essa resposta teve um forte efeito em Íde. Afinal a sua mãe ainda tinha nela, o seu modelo de libertação e sucesso.

E Cedrus havia transmitido à mãe de Amina, a pedido desta, secretamente, a trajetória de Zal/Amina até a Grécia.

Mas não disse nada sobre Íde, pois pareceu não relacionar a pessoa de Íde à do jovem Zal e Íde mostrou-se para ele, como uma senhora e profissional desconhecida e distante, que requeria ser tratada com o devido respeito.

Na verdade, Cedrus soube tardiamente que o jovem Zal que admitiu em sua caravana, era uma mulher, pois, de uma estadia posterior na vizinhança da propriedade da família, conhecera o verdadeiro Zal e soubera mais detalhes sobre a sua irmã Amina.

Baran voltou para a sua região para começar o seu trabalho médico. Mas Laleh queria continuar e aprofundar os seus conhecimentos. E Íde via nela um pouco de si.

Íde já estava caminhando para os seus cinquenta anos e isso lhe trazia mais tranquilidade e paciência do que tivera nas quatro décadas pregressas. Mas não menos sede de conhecimento.

Ela era reconhecida pelo seu trabalho, conhecimento e ensinamentos. A população de Tadmor sentia que já tinha uma dívida para com Íde e a Escola de Medicina. A região ao seu redor também passou a reconhecê-la.

Um dia, por Laleh, recebeu notícias do falecimento da sua mãe. O impacto da triste notícia não a deveria abalar, pelo menos publicamente, apesar das lágrimas da sobrinha que demonstrava ter grande admiração pela avó. Guardou bem no íntimo, os sentimentos de tristeza. Ao sair de casa, ainda adolescente, preparou-se mentalmente para não mais receber notícias da família, inclusive da sua mãe, pois esta era o centro da família que conhecera como sua.

Vez por outra, ao conversar com Laleh, recebia fragmentos da história familiar. A avó fora sempre a grande incentivadora dos netos para que eles se dedicassem ao estudo.

E Íde, no seu íntimo, passou a sentir com mais frequência uma ligação com a mãe. E este sentimento trouxe-lhe maior inspiração e determinação para prosseguir com a dedicação, ensinamento e emprego da Medicina em prol do povo que dela necessitasse. Afinal com a bênção e compreensão da querida mãe, deixara a sua casa e origem à procura de liberdade e saber. Encontrou e trabalhou o saber.

Quanto à liberdade, nunca foi completa porque ela nunca se sentira completa.

Saiu como um homem — "Zal" —, estudou e trabalhou como um homem — "Zeron". Agora, como mulher — "Íde" — continua a sua trajetória na vida.

A profissão foi a sua escolha.

Apesar dos diferentes nomes e aparências, dentro dela, ainda era a Amina.

O que mais? Conseguiu o que sonhara? Conseguiu absorver diversos lugares e culturas.

E ter sido aceita no âmago da Grande Biblioteca de Alexandria fora o ápice da sua vida.

Mas por este fato não ter sido permanente, guardou uma pequena amargura.

Pequena e quase esquecida porque graças a esta impermanência, ela agora podia transmitir o que aprendera, para um novo lugar — para os necessitados e próximos da sua origem.

E tratá-los como aprendera — da melhor maneira possível.

Mas, não podia se revelar como Amina.

Entendia que seria como confessar falsidades que ela própria não aceitava.

A imposição de outros nomes e aparências foi uma contingência extrema, sem a qual ela nunca poderia ter saído de casa e sobrevivido num mundo masculino e patriarcal.

Agora, era aceitar-se como Íde. Pelo menos, no seu íntimo, mantinha a consciência tranquila para continuar com os seus propósitos — trabalhar e ensinar, como uma Médica.

NOVA PARTIDA

Íde /Amina com quase 55 anos, queria mais. Ouvira muito sobre os conhecimentos médicos do Oriente extremo, principalmente o tratamento com agulhas. Por algum tempo avaliou se valia a pena ir atrás deste interessante procedimento médico.

A Escola de Medicina de Tadmor estava em boas e preparadas mãos, inclusive nas de Laleh que nunca quis deixá-la e voltar para casa. Laleh casara-se com um colega da escola e já tinha a sua família em Tadmor.

Sem prestar muitas explicações, a não ser a sua vontade de aprender mais, Íde /Amina partiria para o extremo Oriente. Queria chegar à terra das sedas e da acupuntura.

Partiu na caravana do idoso Cedrus. Voltar? Com a sua idade e o almejado longo aprendizado à frente, Íde /Amina não imaginava voltar a Tadmor.

Um dia, numa das muitas paradas antes de chegarem a um entreposto onde Íde embarcaria em outra caravana e depois provavelmente, num navio, Cedrus chegou-se até Íde e disse-lhe quase num sussurro:

— Senhora médica de mil nomes, desejo que seja feliz na continuação da sua jornada! Devido à minha idade, talvez não a veja mais. Mas queria dizer-lhe que neste longo mundo que percorri, a senhora foi a pessoa mais fascinante e especial que conheci. Confesso que se fôssemos jovens e cientes das nossas identidades, talvez eu lhe fizesse uma proposta de vida em comum. Mas, ficamos por aqui, não?

Depois de engolir a surpresa e ponderar o que dizer, Íde /Amina virando-se para ele com um novo brilho nos olhos, respondeu:

— Ou não!

*(cidade de Palmira, na Síria)

FIM

Nota de rodapé: nona e última parte do conto A HISTÓRIA DE AMINA — partes publicadas mensalmente nesta revista.

Todos os personagens e fatos relatados neste conto, são meramente ficcionais.

Sobre Sellma Luanny:

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Você escreve?

Descubra chamadas para
publicação e concursos
literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades
por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>



JANE AUSTEN

COLECIONE



Jane Austen foi uma romancista inglesa que viveu de 1775 a 1817. Ela escreveu romances românticos ambientados na sociedade de sua época. Os livros de Austen, como "Orgulho e Preconceito" e "Razão e Sensibilidade", apresentavam heroínas obstinadas navegando no amor e nas expectativas da sociedade. Seu estilo de escrita espirituoso e perspicaz explorou temas de classe, casamento e busca pela felicidade. As obras de Austen continuam a ser apreciadas por seus personagens envolventes, diálogos inteligentes e histórias atemporais.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ALEXANDRE

COLECIONE

DUMAS



Alexandre Dumas (1802) foi um escritor francês conhecido por seus emocionantes romances de aventura. Ele escreveu obras famosas como "Os Três Mosqueteiros" e "O Conde de Monte Cristo". As histórias de Dumas eram repletas de heróis ousados, batalhas épicas e histórias de amizade e lealdade. Sua narrativa vívida transportava os leitores para diferentes épocas e lugares. Os romances de Dumas continuam a cativar os leitores com seus enredos emocionantes e personagens memoráveis.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



AMOR PELOS LIVROS

MÍDIA KIT 2025

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+790 MIL +242 MIL + 5 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br
E-mail: ademir@divulgalivros.org

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livreria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 700 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de ~~R\$ 2.500,00~~ por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONNECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.06.2025



Mensagem do Editor



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 115 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR: **CLIQUE AQUI**
OU ESCANEIE O QR CODE ABAIXO E ACESSE O PAYPAL:



PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO

➡ | CLIQUE AQUI |

ACESSE O NOSSO SITE E REDES SOCIAIS:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd